

334 X

37



No  
6  
971

3.635

**Dona Branca.**

NA IMPRENSA DE H. FOURNIER,

RUE DE SEINE, N° 14.

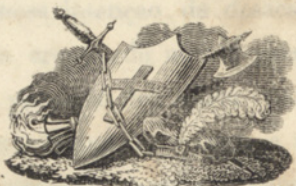
# D. Branca,

OU

## A CONQUISTA DO ALGARVE,

*Obra posthuma de F. E.*

3625-



### PARÍS,

EM CASA DE J. P. AILLAUD, QUAI VOLTAIRE, N.º 11.

•••••

M. DCCC XXVI.

6. M. 922  
Coblenz



PARIS.

DE LA LIBRAIRIE DE LA RUE DE LA HARPE, N. 221.

MDCCCXXXI



## PROTESTAÇÃO.

PROTESTO que todas as expressões de que fui obrigado a servir-me, fadas, encantamentos, etc. são puramente poeticas. Outro-si que ainda quando ataquei algum d'aquelles abusos a que tam propensa é a natureza humana, nunca tive a pecaminosa intenção de desacatar a veneranda crença de nossos paes. Antes foi meu principal fim n'esta obra mostrar o castigo do vício, o curto e amargo dos prazeres mundanos, e o triumpho porfim da virtude e da religião. Se a calúmnia quizer lançar fel, ou a impiedade veneno em minhas ingenuas trovas, desde-ja as desminto, e d'ahi lavo minhas mãos. Ésta obra deixo em depósito ao quasi unico amigo que toda a vida tive : so depois de

PROTESTAÇÃO.

minha morte verá luz pública. Mas quanto a essa hora ja estarei a salvo, no sepulcro, de todas as malevolencias dos homens, desejo comtudo que a memoria (se alguma restar) do obscuro auctor d'estes versos seja bemdicta dos bons Portuguezes, dos homens de verdadeira religião e temor de Deus. Nasci, vivi, e não tardarei a morrer, no seio da igreja Catholica, Apostolica, Romana: a ella sujeito meu humide escripto; e se na minima cousa involuntariamente encontrrei seus preceitos, do coração me desdigo e retracto.

F. E.

N. B. Esta declaração estava autographa em um papel avulso entre a primeira e segunda folha do manuscrito, (esse em letra que desconheço) o qual recebi de F. E. poucos dias antes de sua morte.

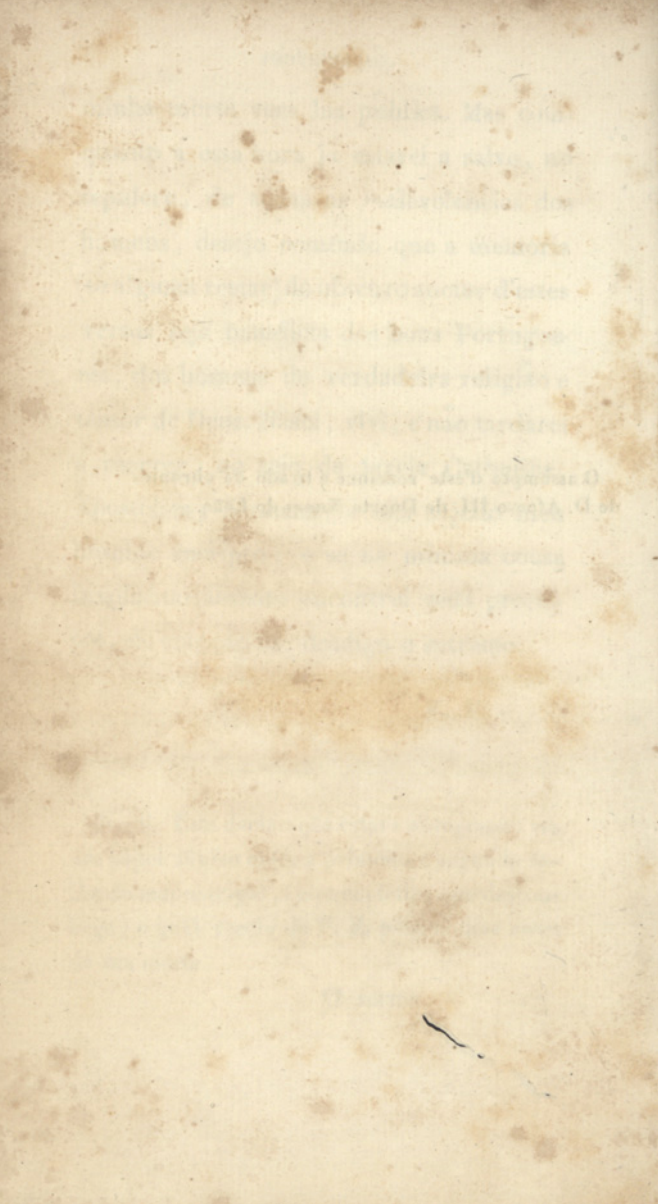
O EDITOR.

# Dona Beatriz

## A CONQUISTA DO ALGARVE

### CAPITULO PRIMEIRO

O assumpto d'este romance é tirado da chronica de D. Afonso III, de Duarte Nunes do Leão.



---

# Dona Branca,

ou

A CONQUISTA DO ALGARVE.

---

CANTO PRIMEIRO.

I.

AUREOS numes d'Ascreu, ficções risonhas  
Da culta Grecia amavel, crença linda  
De Venus bella, Venus mãe d'Amores  
Brincões, travessos; — do magano Jove,  
Que do septimo ceo atrás das môças  
Vem andar a correr per este mundo,  
Ja niveo touro, ja dourada chuva,  
Ja quanto mais lhe apraz; — de Baccho alegre,  
Do louro Apollo, e das fermosas nove  
Castas irmans que nos vergeis do Pindo  
Tecem aos sons da lyra eternos carmes;  
Gentil religião, teu culto abjuro,

Tuas aras profanas renuncio ;  
Professei outra fe, sigo outro rito,  
E para novo altar meus hymnos canto.

## II.

Não rias, bom philosopho Duarte,  
Da minha converção, sincera é ella\* :  
Disse adeus ás ficções do paganismo,  
E christão vate christãos versos faço.  
— Irão meus versos ao retiro mystico,  
Aonde te escondeste, procurar-te;  
E ao levantar da nevoa matutina  
Te hãode acordar para contar-te a historia  
Dos bons tempos que foram. — Ouve, escuta  
O alaúde romantico, ouve as coplas  
Do amigo trovador : á nossa terra  
Vamos, amigo, vamos co'estes sonhos  
Embalar as saudades, e dar folga  
Ás âncias d'alma co'as ficções do ingenho

\* Veja nota a este verso, no fim.

## III.

« Em hora boa saia a nova esposa  
« Per caminho de flores ; — saia a bella ,  
« A casta filha de Sion sagrada  
« Para os paços magnificos do esposo.  
    « Choremos nós , que ella se vai , choremos,  
« Que nos deixa e se vai : outro rebanho  
« A apascentar caminha em prados novos ;  
« D'outras ovelhas cuidará solícita ,  
« Que não de nós : sua coroa mystica  
« Outras mãos tecerão da rosa agreste ,  
« Do lirio das campinas para a frente  
« Da pastora sagrada : o bago sancto  
« D'outro redil defenderá a entrada.  
    « Em hora boa saia a nova esposa  
« Per caminho de flores ; — saia a bella ,  
« A casta filha de Sion sagrada  
« Para os paços magnificos do esposo. »

## IV.

Aberta estava a porta do mosteiro ,

E as virgens do senhor este cantavam  
Hymno de saúdosa despedida  
Á sua joven prelada , que ora as deixa.  
Formosa e em viço de florentes annos  
A real Branca , de Lorrvão senhora  
Alli trocou do seculo as grandezas  
Pola soidão do claustro : o nobre Afonso  
Viu com lagrymas pias — não de mágoa ,  
Despir a linda filha a régia purpura  
Pola estamenha austera. Mõça e bella  
O baculo empunhou , e o regeu digna  
De seu sancto mister. — A mais subido ,  
Mais alto grau na hyerarchia a chama  
O castelhano rei : ouvira a fama  
De suas virtudes o avô regio ; quer-lhe  
Como a sangue que é seu , e amada filha  
De Beatriz muito amada : eleita d'Holgas  
Vai abbadeça a tomar posse agora  
De seus grandes , riquissimos dominios.



## V.

Cavalleiros cinquenta armados d' aço  
Lucidas cotas, duras malhas vestem :  
Alva cruz nos broqueis ; e alvo pennacho  
No elmo brilhante fluctuando ondeia.  
Alta a viseira está, mas baixos olhos  
O respeito lhes põe; não fita ousada  
A vista do guerreiro as virgens sanctas  
Que o veo do templo separou do mundo.  
Vassallos estes são que as ferteis varzeas  
De Burgos teem, e d' Holgas ao mosteiro  
Preito e homenagem dão : custou-lh' armados  
A entrar assim per terras portuguezas ;  
Com muito campeão romperam lanças,  
E em pontes e castellos de senhores  
Houveram que brigar, nem lhes valeram  
Salvos-conductos do valente Afonso ;  
Que o portuguez cioso não tolera  
O rival castelhano em terra sua.  
Mas passaram alfim, e a sua bella,  
Real senhora levam. Ja fluctua

O pendão branco ao vento matutino ;  
Dá signal o clarim, viseiras descem ,  
Lança em punho. — Alva mula, ajaezada  
Com ricos pannos de ouro e finas telas ,  
Monta a formosa infante acompanhada  
De suas donas. Soeiro e Lopo a seguem ;  
Soeiro e Lopo , venerandos padres ,  
Digno exemplar em lettras e virtudes  
Dos filhos de Bernardo ; a consciencia  
Teem a seu cargo da gentil princeza ;  
E bulla especial do sancto padre  
Para caso qualquer o mais difficil ,  
Que nem o agudo Busembáu sonhára ,  
Nem o Larraga lhe mettêra o dente.  
Mestre Gilvaz, que em Padua fez prodigios ,  
E a Galeno e Averroes deu sota e basto ,  
Em gorda , russa mula , — e não de physico ,  
De nedeia que é — pesado de aphorismos  
Grave caminha juncto aos reverendos.  
Nuno , valente e guapo borda-d'agua ,  
Taful de escaramuças e ciladas  
Contra arraianos , do Leonez e Mouro

Temido como duende que os persegue,  
Nuno, mancebo experto, e cavalleiro  
De nobres partes, per elrei mandado  
Á infante fôra a acompanhá-la a Holgas,  
Como escudeiro seu. — « Tam bello pagem  
A senhora tam môça não cumpria. »  
Rosnava la comsigo frei Soeiro;  
Mas o mal que lhe quer, pelo respeito  
De quem o manda, declarar não ousa.  
Seguem mordomos, escudeiros, moços,  
Que, uns duzentos ao todo, cavalgando  
Vão em marcha vistosa ás margens lindas  
Do suavissimo e placido Mondego.

## VI.

Raro é o veo, alva a touca; e transparecem  
Pelo veo raro e pela touca alvissima  
As tranças louras como o sol que nasce  
Detras do outeiro, como os raios d'elle  
Luzem quando ligeira os cobre nuvem  
Diaphana no ceo. — Quem hade os olhos  
Debuxar! Como o azul do firmamento

Em noute pura? — Não, que são mais lindos.  
Como a saphyra em relicario sancto  
Á luz das tochas, adorada em tórno  
Em devota funcção? — Ah! que outro brilho,  
Outra luz teem; e a devoção que inspiram,  
— Bentas reliquias, perdoae-me o verso —  
É mais fervente. Oh! sahem d'esses olhos  
Languido-azues umas suaves chammas,  
Um quasi effluvio d'alma, que transpira,  
Que vem do coração, que doce mana,  
E o ar, e o peito que o respira, embebe.  
Seio... — imagine-o amor e' o ôlho atrevido  
Do perspicaç desejo. — Amor! — que disse!  
Amor! virgem do altar não sabe amores.  
Longe, atrevido çubiçar profano;  
É vedado esse pomo: ai do que o toca!  
Vela o esposo do ceo, ao ceo pertence;  
Admire-o a terra; mas além é crime  
Passar de admiração. — Branca, a formosa,  
A linda Branca, sangue real d'Afonso,  
Tam bella, tam gentil fez de suas graças,  
De seus incantos sacrificio ás aras.

## VII.

Leda caminha a nobre comitiva;  
Mas o sol, que declina, lhe poz termo  
Ao viajar : fadiga sente a joven  
Princeza a tanto andar não costumada.  
É mister de buscar poisada commoda  
Para a noute. — Onde ? a luz ja vai mingando ;  
Nem tarda o manto a se cubrir das trevas  
Orphão do dia o ceo. — Dobrar o passo ,  
Que a poucas leguas jaz convento rico  
De monges negros.

« Monges negros ! » — disse  
Frei Soeiro c'um gesto de desprêzo. —  
« Pernoitar sua alteza em tal mosteiro!  
Senhora , grande sancto foi san' Bento ,  
— Meu padre san' Bernardo me perdoe. —  
Mas para tam fidalga companhia ,  
Para vós, real senhora , sôbretudo ,  
Dos monges brancos honra , flor e nata ,  
Tal poisada buscar ! — De nossa regra  
O mais sancto preceito e veneravel ,

Querereis infringi-lo? Antes mil vezes  
Os votos todos tres. E vossa alteza  
Me desculpe, porêm uma so noute  
Sem o cumprir!.... Não chega a tanto a bulla  
Do sanctissimo padre: eu por mim digo,  
E frei Lopo, que ahí 'stá, que me desminta;  
Mas absolver não posso esse peccado.»

## VIII.

## INFANTE.

« Que é, padre mestre? Que peccado?—Tremo  
De vos ouvir. Antes aqui na terra  
Dura dormir, e ao relento frio,  
Que tammanho peccado comettermos.  
Dizei o que é, dizei: que nos empece  
De ir poisar ao mosteiro de san' Bento?  
Teem esses padres fama de virtudes;  
E não sei que lhes falta... »

« O que lhes falta?

Disse com voz austera, e tam medonha  
Frei Soeiro, que a princeza de aterrada  
Estremeceu na sella, e se não fôra

Um pagem que lhe accode a segurá-la,  
Da excommunhão, que viu sôbre a cabeça,  
Fulminada cabíra. —

« O que lhes falta ? »

Repetiu, sem curar do mal que a afflige :

« O que lhes falta ! o que ! — falta a *tremenda* \* . »

### IX.

Riramos hoje nós, degenerados,  
Tibios fieis, da emphatica resposta  
Do rigido Soeiro ; e tal magano  
Haveria de spirito philosopho,  
Que impio mofasse do zeloso padre,  
E lhe ousasse dizer : « Fóra, Bernardo ! »  
Porêm n'aquelles tempos de fe viva,  
Em que ao mais leve incredulo respiro  
Tremenda excommunhão tapava a bôca,  
E em caso de mais polpa, um bom milagre ; \*  
— Tempo sancto, que nós não mais veremos ;  
Maldicta seja a ruim philosophia ! —

\* Veja nota a estes versos, no fim.

N'aquelles tempos de saudosa historia,  
Que responder a um reverendo padre  
Confessor, — confessor de sua alteza?

## X.

Indecisa parou a comitiva ;  
E, os olhos fitos nos dous sanctos filhos  
De san' Bernardo, moços, escudeiros,  
Cavalleiros, a propria infante aguardam  
A decisão do caso de consciencia,  
Que porventura a todos os condemna  
A dormir ao relento, e mais sem ceia.

## XI.

Sem ceiar ! — Este negro pensamento  
D'azas pesadas esvoaça n'alma  
Ao theologo austero ; anda, desanda,  
Com todas as ideias se lhe entrava ;  
E a qualquer solução, que lhe desponta  
No difficil problema, este se aggrega  
Corolario fatal — sem ceia ! — Á parte  
Os dous graves juizes se retiram



A conferenciar, e a voz primeira  
Que unisonos soltaram foi : — « Sem ceia ! »

FR. LOPO.

« Sem ceia, padre mestre ! »

FR. SOEIRO.

« E sem tremenda,  
Carissimo ! »

FR. LOPO.

« Assim é ; porêem mais vale  
Pouco, que nada. »

FR. SOEIRO.

« E a regra ? »

FR. LOPO.

« A regra... — O caso  
Intrincado é. »

FR. SOEIRO.

« E tam arduo, que o não viram  
Igual ainda os casuistas todos. »

FR. LOPO.

» Caso é este, meu padre, que um capitulo  
Não viera a cabo em decidi-lo ao justo. »

FR. SOEIRO.

» Capitulo , dizeis ! — A ser eu papa ,  
A concilio chamára a christandade :  
E nem assim. »

FR. LOPO.

« Mas , padre , se mandassemos  
Alguem adiante a ver se concertava  
O caso co' esses negros monges — negros  
Sejam elles. »

FR. SOEIRO.

« Que raio de luz esse !  
Inspirou-vos o ceo , ou san' Bernardo.  
Sim , padre , sim , va vossa charidade ,  
E convenha com elles sôbre o modo  
De se cumprir a nossa sancta regra.  
Nós iremos emtanto a passo lento  
Té que resposta da missão nos venha. »

## XII.

Assim se decidiu o grave caso  
De consciencia ; e assim a Deus prouvera  
Se decidissem todos. — Deu d'esporas

Á nedeia mula o sabio conselheiro ;  
E informada a princeza e seu cortejo  
De accordam tam prudente , a passo tomam  
O caminho do proximo convento.

## XIII.

Levam tempo disputas ; e as fradescas  
Mais que nenhuma. — Escassa a luz incerta  
Do crepusculo tenue , dubias côres  
Ao vecejar dos campos dava ainda ,  
Ao lourejo das messes , e ao verde-alvo  
Dos ferteis olivæes que a estrada bordam.  
Per entre elles ao longo ao longo enfiados ,  
Ia a abbacial cohorte caminhando ;  
E na vasta planicie , onde começam  
A pesar raras as nocturnas sombras ,  
Os olhos com delicia se estendiam.  
— Fecha a maga , saudosa perspectiva  
Ao cabo la , cerrada cordilheira  
De outeiros , cujo verde tachonado  
Co'a pallidez das urzes , que desmaiam  
No ardor do sirio , inda o veo das trevas

Permitte distinguir. Um so mais calvo ,  
Negro e quasi de solido granito  
N'esse animado quadro parecia  
Em scena tam vivaz quasi squeleto  
De monte , e contraposta imagem funebre  
Da morte , em tanto luxo e flor de vida.  
Como atahude egypcio , que entre os brindes  
E prazer dos festins vem travar gostos  
Co'a lembrança — terrivel ! — do futuro.

## XIV.

Escarpado de agudas penedias ,  
Isolado , so , arido , e de pontas  
De vivo seixo agudas ericado  
Estava o cêrro : como em mar d'areias ,  
Insolvel theorema a sabios, s'ergue  
A obra dos Pharaós. — Iam vagando  
Pelo variado aspeito d'este quadro  
Os olhos dos viandantes, — quando subito  
No alto do escuro monte uma luz clara  
Surdiu , desaparece , — outra vez brilha,  
E some-se : — a luzir volve tranquilla ;

Como um phanal em costa mal segura  
Ao prudente baixel do p'riego avisa.

## XV.

Maravilhou a todos o espectáculo  
Inesperado : a timorata infante  
Cuida ja ver de mouras incantadas ,  
De feiticeiras más , de lobishomes  
Toda a caterva em pêso a vir sôbre ella ;  
E não ousava rezar baixo o credo ,  
Nem *vade retro* , *Satana!* que dizem  
Nem sempre cousas más se vão com rezas ,  
E ás vezes é peor, porque se assanham.

## XVI.

« Que será? » disse enfim um rumor surdo  
De vozes dos que tremulos pararam ,  
E observam com terror a luz estranha.  
« Deus nos acuda ! » baixo diz a infante ;  
« E o padre san' Bernardo antes de tudo : »  
Frei Soeiro emendou.

« Certo me espanta ,

Volve dom Nuno, o pagem da princeza ;  
« Certo me espanta este signal estranho,  
Que por velas\* de mouros o tomára  
N'outra paragem. Bem travado co'elles  
Anda o mestre dom Paio, que os deixasse  
Passar do Algarve aqui. Afé vos digo  
Que este é o proprio signal que usa em seu campo  
Aben-Afan.

« Aben-Afan ! » repetem  
Em côro a comitiva espavorida  
Com frigido terror. — O mais tremendo,  
E mais temido, acerrimo inimigo  
Que tinha Portugal, era esse mouro  
Pelos tempos d'então. Valente, ousado  
Era elle, e senhor de grandes terras :  
Todo o Algarve d'aquem o reconhece  
Como a principe e rei temido e alto.  
Suas galés innumeras infestam  
Entre as columnas d'Hercules os máres  
Emvão com seus ardidos cavalleiros

\* Veja nota a este verso, no fim.

Dom Paio, o mestre de Santiago o ataca :  
Sangue infiel correu e o christão corre ;  
Mas do queimado Algarve nos castellos,  
Firmes inda nas lanças musulmanas,  
Profanas luas brilham. — Como as sette  
Aureas tôrres no escudo lusitano  
D'entôrno ás sanctas Quinas se junctaram?  
Como a nobre Tavira abriu suas portas  
Ao portuguez? Como ao singelo titulo  
De rei de Portugal o augmento veio  
*D'aquem e d'alem mar*, que outros tam nobres  
Trouxe depois, — ja nobres, tristes hoje  
Que so memorias tristes nos recordam  
Do tam caro ganhado, e tam barato  
Perdido.....

## XVII.

INFANTE.

« Mouros são, dizeis, dom Nuno?

NUNO.

« Real senhora, talvez não : é certo  
Que este signal, por vos fallar verdade,

De mouros é, e a hora a costumada  
De suas rezas maldictas; mas no sítio,  
Em que estamos, tam cêrca dos castellos  
D'elrei e outros senhores poderosos,  
Não creio eu que mouros se atrevessem  
A vir assim. — Demais, a que? — Tam pouco  
Não teem la elles que fazer no Algarve  
C'os de Sanctiago. — Se o levais em gôsto  
Irei eu ver o que é; que me não temo  
D'elles. . . . »

Ao proferir d'éstas palavras  
Surde, como visão de espectro ou sombra,  
D'armas negras armado um cavalleiro  
E em corcel tambem negro, — quaes os rége  
A noute em carro d'évano. — Passando,  
Atravessou impavido as fileiras  
Dos castelhanos, que tomados subito,  
Como d'espasmo frio, nem ousaram  
A fazer-lhe a pergunta costumada  
De : « *Por quem, cavalleiro?* » — Ia ja longe,  
Quando acordados a bradar começam :  
« *Por quem, por quem?* » — Mas elle sem volver-se



Nem apressar o magestoso passo,  
Em portuguez tornou : « Real, real  
Por branca rosa, flor de Portugal! »  
— Deu d'esporas; e a rapido galope  
Despareceu. Tranquillos foram todos  
Co'a resposta, e contentes — que d'amigo,  
Certo era : so dom Nuno la dizia  
Entre dentes baixinho : « Amigo! — Embora :  
Porèm, afé, cavallo e cavalleiro,  
Tam christãos elles são, como eu sou mouro. »

## XVIII.

Andando vão caminho do mosteiro,  
E andando, a noute mais e mais desdobra  
Seu veo negro d'estrellas recamado,  
Que, ausente, a lua sos no ceo deixava  
Alvas brilhar. — Qual o festivo bando  
De donzellas louçans no prado á sôlta  
Em horas de recreio, e longe d'olhos  
Sempre álerta, ligeiras danças formam,  
Travam jogos brincões; surri-lh'o esmalte  
Do campo, e as flores tam gentis como ellas.

## XIX.

Mas ja cuidadoso o rigido Soeiro  
Co'a delonga do enviado reverendo,  
Começa de assombrar-se-lhe a consciencia  
Na ideia de quebrar o mandamento  
Cardeal dos preceitos bernardescos.  
Ja entre a comitiva mal disposta  
A acceder aos escrupulos do padre,  
Murmuravam alguns; e so continha  
O respeito da infante, que assanhada  
Não rompesse a questão entre os dous maximos  
Podêres que este mundo entre si regem. . . .

## XX.

Eia ! cobrae alento, animos fortes,  
Que, vêdes, Lopo traz a medicina  
Para escrupulos, fomes, e temores  
De mal passadas noutes, magras ceias,  
E o mais que agora em vossas almas pesa.  
« Tremenda, padre; e viva san' Bernardo ! »  
Gritava ja de longe, esbaforido

• Do galope em que vem : « Viva a tremenda ! »  
Soeiro volve ; e vivas lhe respondem  
Da companhia alegre co'a mensagem.  
Dobra-se o passo ; cada qual se apressa ,  
Com olhos e alma no tinello\* bento.  
Branca , a formosa Branca de annos tenros  
Á tutoria monachal affeita ,  
E sem vontade sua onde é senhora ,  
Vai onde a levam , e rezando sempre ,  
Começa uma novena e tres rosarios ,  
Que nos p'rigos da estrada promettêra  
A não sei quantos sanctos milagrosos ,  
Se á poisada ésta noute a salvo a levam.

## XXI.

Correi , correi , ó nobres cavalleiros ,  
Correi , correi ; san' Bento vos espera  
Com farta ceia e regaladas camas.  
Porém , como os escrupulos cessaram  
Do rigido Soeiro ? como pode

\* Refectorio.

O destro enviado congraçar diff'renças  
De monges brancos, e de negros monges?  
— Facil não foi; travada houve disputa;  
E a não ser o abbade, homem prudente,  
Que o bago regedor metteu em meio  
Da renhida contenda; hoje ao sereno  
Ficáras, linda Branca delicada,  
E de tuas faces as purpureas rosas  
Amanhan desbotadas não dariam  
Inveja e zelos a os rubins da aurora.  
Esses olhos tam puros, d'onde mana  
Doce arroio de luz celeste e meiga,  
Olhos, por quem amor dera o seu throno,  
Dera um ceo de prazer e de ventura,  
Se outro ceo, se outro amor ja não tomára  
Para si todo, todo esse thesouro;  
Esses olhos pesados do relento,  
Morna a luz, sem fulgor, do novo dia  
Não brilhariam matutinos raios:  
Qual sóe brilhar no ceo a estrella d'alva,  
Percursora do sol — tam radiante,  
Tam magestosa não, porém mais bella.

## XXII.

Eis os repiques nas sonoras grympas ;  
Eis as tochas, e os canticos : — « Bem vinda  
« A filha de Sion, bem vinda seja  
« A progenie dos reis, a casta esposa  
« Eleita do Senhor. São os seus olhos  
« Como os da pomba quando em terno arrullo  
« Anceia... » — Os padres bentos o cantavam ;  
Não sou eu que o inventei : — e outras mais cousas,  
Excitantes imagens das delicias  
Conjugaes d'alma : hymno exemplar e sancto,  
Extrahido do cantico dos canticos\*.

\* Veja nota a este verso, no fim.

*[The page contains several lines of text, which are extremely faded and illegible due to significant staining and fading. The text appears to be organized into stanzas or sections, but the specific words and phrases cannot be discerned.]*

---

# Dona Branca.

---

## CANTO SEGUNDO.

### I.

Oh formosura ! oh doce incanto d'olhos ,  
Enlêvo d'alma , para quê no mundo  
Te debuxou a mão da natureza ?  
Que vieste fazer do ceo á terra  
Ornato d'anjos , divinal revérbero  
Da face do creador ? — A luz da estrella  
No firmamento azul , o alvor da lua  
Frouxo-brillante , e bello como a face  
Da virgem que suspira por amores  
Vagos , que em peito infante lhe despontam ;  
O sorrir meigo da rosada aurora

Que vem o dia annunciar com flores  
Roxas, collidas nos jardins do oriente;  
E o sol, orbe de luz no ceo, radiante,  
Olho, imagem de Deus, clarão e vida,  
Ser, existencia propagando eterno  
Per innumeros orbes suspendidos  
No espaço, — oh! formosuras sois condignas  
Do edificio magnifico do mundo.  
De taes bellezas adornou sua obra  
A mão que tudo fez. — A magestosa  
Architectura do orbe foi traçada.  
Assim, n'um grande rasgo de belleza  
Simples, sublime e grave, como a ideia  
Que a concebeu no seio á eternidade.

## II.

Mas, homem, — tu, miserrimo dos entes  
Que se arrastam no espaço circumscripto  
De um dos minimos globos do universo,  
Insecto de um so dia, que nasceste,  
So para continuar o élo da vida  
Na cadeia dos seres, que apontaste



N'um angulo da scena magestosa  
Para ve-la, e — morrer; homem, quem pôde  
Comprehender teu fado mysterioso  
Nos destinos do mundo! — E como aprouve  
À natureza — liberal, e avara  
Comtigo, ja mesquinha, generosa,  
Ja rica em dons, ja pobre em faculdades,  
Que te deu, te negou, e assim te ha feito  
O mais raro phenomeno da terra,  
Incomprehensivel, unico — homem, como  
D'êsta sorte lhe aprouve á natureza  
De ajunctar em teu rosto a formosura  
Toda pelo universo repartida!  
Como tu, vidro obscuro e quebradiço,  
Em ti so concentraste o prisma inteiro  
Das bellezas no mundo repartidas!  
Ou zombas d'elle, ou alto é teu segredo  
Acêrca do homem, creadora essencia.

## III.

E então da especie na porção mais debil,  
Mais fragil foi cabir todo esse raio

De formosura! — E então para compendio  
De bellezas e incantos, escolheste,  
Natureza, a mulher! — De quem teu cofre  
Rico de mimo e graças, confiaste!  
Nossos prazeres todos, nossos gostos,  
Consolações, allivio em mágoa, amparo  
Na infancia, incanto em juventude, e arrimo  
Na velhice, de ti, mulher, nos partem:  
Concéde-los tu so, ou no-los negas.  
Negas, — e quantas vezes! — Mas tyrannos  
Não somos nós, injustos, oppressores?  
De quantas dores, privações, tormentos  
Lhe não travamos duros a existencia!  
Que sordidos harens, que vis eunuchos  
Tens, Oriente; sepulcros tristes d'ouro,  
Onde geme a virtude, e amor corrido  
Cede á brutal desejo o facho e a venda!  
— Culpas, Europa, o mussulmano barbaro?  
E os teus carcereos negros e traidores,  
Onde á innocencia candida, á piedade  
Arma o perfido bonzo o laço astuto,  
Laço, que, eterno, a vida, os gosos d'ella,

\* A ventura, o prazer d'um nó separa\*?  
Corta sem dó — crueis! — e até cerceia  
O derradeiro bem d'um desgraçado,  
A esperança? — Esperança! nem um viso,  
Nem um so raio teu penetra os ferros  
Da escravidão que so tem fim co'a vida;  
Nem um so raio teu vai bemfazejo  
Aqueutar corações gelados, mortos!  
Mortos, — mas palpitando no sepulcro,  
A que baixaram vivos. — Homem barbaro,  
Ingrato e desleal, qual é seu crime?

## IV.

Escrupulos, adrede fomentados  
Por ignorancia interesseira e baixa,  
Quanta victima cega hão conduzido  
Ao altar profanado de holocaustos  
Tam sanguinarios, crus! — A patria, amigos,  
Casa paterna, maternas caricias,

\* Veja nota e este verso, no fim.

Doces futuros d'um esposo amavel,  
De meigos filhos, sanctos gosos d'alma,  
Dados de Deus — e tudo abandonado  
Pela impia crença de que a Deus não prazem,  
Que impureza os deturpa, o vicio os mancha,  
E so do claustro para o ceo ha estrada.  
— Dogma fatal, preverso, injurioso  
Á divindade! — Oh! victima innocente,  
Formosa Branca, de tal êrro foste.  
Devota, pia, timorata e fraca  
Temeste o mundo, escolho de virtude;  
E, sem o conhecer, fugiste o mundo.  
Pr'igos, cachopos tem o mar da vida,  
Tredos baixos, procellas tempestuosas :  
Mas o nauta que timido largasse  
O baixel que o conduz á patria cara,  
E dos riscos das ondas aterrado  
Fosse em algoso, ingreme cachopo,  
So, no meio dos máres acolher-se,  
Onde nem doce esp'rança d'almo pôrto,  
Nem confôrto da vida, nem uns longes  
De melhor sorte, mas so ermo triste,

• Mas so a vasta solidão do oceano —  
Prudente o chamarias? — Oh virtude,  
Que homens, que leis dos homens te conhecem?

## V.

Trazei, filhos de Bento, as succulentas,  
Largas postas do nitido cevado;  
Correi devotamente ao dormitorio,  
E em grosso pingue de toucinho gordo  
Me affogae os escrupulos bernardos.  
— Foi lauta a ceia, e vasta : peruns trinta,  
Por cabeça os leitões, adens sem conto.  
Não manjares opiparos, não brandas  
Delicadezas d'exquisito gôsto,  
Mas fartura, abundancia illimitada  
Á portugueza velha. — Comeu pouco,  
De extenuada a mui formosa infante;  
Mas por ella e por si, por um convento  
Comeram os dous padres confessores.  
Nem tu, mestre Gilvaz, em tal appêrto  
De tentações, podeste recordar-te  
Do fatal *omnis indigestio mala* :

Texto que em teu *systhema* te confunde,  
Unico em toda a vasta medicina,  
Que interpetrá-lo bem não conseguiram  
Tuas doudas vigílias. — Já repletos  
Com tam frugal repasto ao leito foram,  
E no primeiro somno em paz descansam.

## VI.

E ora de cruz alçada, e ceruf' rarios,  
Em procissão coristas se encaminham  
Com ingente marmitta ao dormitorio  
Onde jazem os hóspedes bernardos.  
Supinos jazem, e jazendo roncam,  
Mas ao devoto cheiro da *tremenda*,  
E ao conhecido canto acordam presto.  
E assim a procissão andando entoava :

## CÔRO.

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,  
Ésta é a hora tremenda e sagrada :  
Vinde, vinde fazer penitencia,  
Levantae-vos, que a hora é chegada.

## UMA VOZ.

Macerae essa carne rebelde  
Co' este gordo, tremendo bocado;  
Sonhos maus, tentações do diabo,  
Fique tudo em toucinho affogado.

## CÔRO.

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,  
Ésta é a hora tremenda e sagrada :  
Vinde, vinde fazer penitencia,  
Levantae-vos, que a hora é chegada.

## OUTRA VOZ.

Louvor seja ao glorioso Bernardo,  
Que tam sancto instituto vos deu :  
Sem *tremenda* quem póde salvar-se?  
Com *tremenda* ninguem se perdeu.

## CÔRO.

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,  
Ésta é a hora tremenda e sagrada :  
Vinde, vinde fazer penitencia,

Levantae-vos, que a hora é chegada.

VII.

Co' ésta órgia monachal annunciavam  
Os irmãos bentos aos irmãos bernardos  
A respeitavel hora da *tremenda* :  
Uso antigo, sagrado e inalteravel  
De monges brancos, e hoje por não vista,  
Exemplar tolerancia permittido  
Nos claustros pretos, não sem muito escandalo  
Dos padrés-graves rigidos da ordem,  
Que altamente em capítulo altercaram,  
Assignaram seu voto em separado,  
E protestaram n'acta. Mas o abbade  
Mais tolerante, ou mais cortezão que elles  
Relaxou, em respeito da princeza,  
A monachal, austera antipathia,  
E a liberdade franqueou de culto,  
Por ésta noute so, em seus dominios.  
— « E que nos faz a nós que os bons bernardos  
Comam toucinho, ou não? (argumentava  
O philosopho abbade) ha hi peccado,



Ou offensa de Deus? »—« Quê, padre abbade,  
(Torna inflammado em zêlo um reverendo)

O quê? Indiff'rentismo em taes materias

É dos peccados todos o mais grave.

O que nos faz a nós que comam porco!

E Judeus, o que importa que o não comam?

Mas para estes ha boas fogueiras;

E então aquelles... »—« Basta, padre: á ordem!

Por sancta obbediencia vo-lo ordeno. »

— E decidiu-se que a *tremenda* fosse

Punctualmente repartida aos hóspedes

Com todo o ritual prescripto e usado

Entre os gordos bernardi-brancos monges.

### VIII.

A procissão fôra direita á porta

Da abbadeça gentil; mas tam cansada

Se achava da viagem, que impossivel

Lhe era cumprir co' este preceito sancto

Da regra. — Meiga voz disse de dentro :

« Dispensae-me hoje, que... não posso. »

—« Como?

Não posso! — brada em cuecas acudindo  
Gorda, cachaci-pansuda figura,  
Que da fronteira cella a correr veio :  
« Não posso! o quê? Não chega a tanto a bulla.  
Dispensar! Com dispensas vai perdida  
A igreja, e as ordens. Dispensar no caso  
Mais grave, no preceito mais restricto  
De nossa regra! — Não, senhora minha :  
Heisde tomá-la, ou não sou eu frei Soeiro. »  
E atacava, dizendo, as descozidas  
Bragas, que enfiou á pressa arrebatado  
De zêlo e rigidez.

— « Ésta so noute,  
Ésta so por mercê e por piedade. »  
— Volve a sonora voz dentro da cella :  
« Todo me doe o corpo fatigado.  
Oh! meu bom patriarcha san' Bernardo,  
Tu o sabes, se eu posso! »

FR. SOEIRO.

« Embora, embora :  
Mais acceita será a penitencia,

Quanto mais custe. Vamos : vossa alteza,  
Como prelada que é, deve ao exemplo  
Sacrificar seu cómodo e vontades.  
So assim se mantem a disciplina  
Da ordem. »

INFANTE.

« Mas...

FR. SOEIRO.

« Ver-me-hei pois obrigado  
A fulminar da excommunhão os raios. »

INFANTE.

« Excommunhão !... não, não : eu abro, eu abro.  
Misericordia ! não , reverendissimo,  
Oh ! não me excommungueis. Um porco vivo  
Comerei antes... antes. »

Uma idosa

Bem apessoada dona abriu a porta ;  
E o rigido Soeiro, inda em cuecas ,  
Ponderoso facão na dextra empunha ,  
E em manta enorme atassalhando um naco

Tal, que a so vista d'elle affugentára  
Synagogas inteiras, triumphante  
C'o gran' podêr de sua auctoridade :

FR. SOEIRO.

« Approximae-vos, abbadeça d'Holgas. »  
E a tímida innocente, a passo lento,  
Ao bruto sacrificio se encaminha.  
C'os lindos olhos mede o desmedido  
Bronco pedaço, que o brutal bernardo  
Para boca tam breve ousou talhar-lhe;  
E c'um gesto de mágoa tam afflicta,  
Mas tam formosa, tam incantadora,  
Que abríra compaixão em bronzeos peitos,  
Peitos de tigres — que não fossem frades\*,  
Á repugnante, enjoosa penitencia,  
Resignada e humilde se prepara.

IX.

Scena era digna do pincel flamengo,  
Digna de ti, óWan-derneér mimoso,

\* Veja nota e este verso, no fim.

Da natural simpleza ingenuo filho,  
Ésta que n'alma agora me debuxa  
O acceso imaginar: — pinta-me o escuro  
Fundo dos quadros teus c'um longo e funebre,  
Escasso-allumiado dormitorio.  
Põe-me na luz primeira d'esse quadro  
Timida e joven, candida beldade  
Com alvas, longas roupas, e o veo alvo  
Erguido, que descobre a face angelica,  
Onde a amargura — não de paixões vivas  
Que o rosto convulsivas desfiguram,  
Mas a que o gesto juvenil risonho  
Contraí á vista do pedante mestre  
Brandindo austero a ferula temida.  
Essa, essa angústia da innocencia, altera  
A suavidade das feições divinas.  
— Diante d'ella, a comica figura  
De fradalhão bojudo, encarniçado  
Co'as grossas, curvas e cevadas fórmãs  
Transparecendo das ligeiras cuecas;  
Na mão, tremenda posta de toucinho,  
Que rindo amostra com prazer maligno

À timorata virgem.—Gruppos negros,  
Branços de monges de diversas côres,  
Cavalleiros armados d'armas brancas,  
Branças sobrepelizes de coristas  
Em derredor com arte collocados.....  
Não fôra, se tal quadro debuxasse,  
Divino Mengs, o teu pincel tam brando,  
Não fôra, entre os milhares de prodigios  
De tua escola immortal, o menos bello.

## X.

Novo actor no meu quadro —nova, digo,  
Figura, pois que fallo a lingua d'arte;  
Ou então novo actor, porém na scena:  
Mestre Gilvaz, que acode ao arruïdo,  
Despertando d'um sonho affadigado,  
Em que se viu, qual Tantalos *inter dapes*,  
De pasteis, de peruns, de trouxas d'ovos  
Cercado emtôrno,—e a cada mão que estende,  
A cada ávida boca que escancára,  
Um livido aphorismo em feia fórma  
De alado spectro co'a aza de morcego

Lh'o arreda ácinte, e o cansa, o atormenta,  
Como o doutor de Sancho, no banquete,  
Um depós do outro, os almejados pratos  
Ao faminto escudeiro denegando.  
—Acordou do terrível pesadello,  
Á bulha da *tremenda*, e mal lembrado  
Da verdadeira causa do alvorôto,  
Que a taes deshoras o socêgo quebra  
Da habitação monastica, aturdido  
Ao sítio corre onde o arruído escuta.

## XI.

Estavas, linda Branca, n'esse instante  
Resignada á enjoativa penitencia  
Que a teu cebento confessor tam doce,  
Tam deliciosa e branda parecia.  
Eis bom messer Gilvaz entra esfregando  
As enviscadas palpebras, e rouco,  
Bocejando em hiatos tremendissimos,  
De rebulicio tanto inquire a causa.  
Viu-o a infanta, e cobrando em seu desmaio  
Um alento de esp'rança, os meigos olhos

Com supplice expressão volve ao galeno ;  
E—« Mestre Gil, oh ! mestre Gil » exclama ;  
« Valei-me por quem sois. Ai ! não, não posso,  
Mestre Gil, vós sabeis que fraco eu tenho  
O estomago, desde a última doença,  
Que aquellas dez garrafas, trinta pilulas,  
Ptisanas, infusões, purgantes, tonicos,  
E não sei que outros mais doutos remedios  
Vosso muito saber me receitára.  
Ai ! acudi-me, senão d' ésta morro. »

## XII.

Os olhos magistrais de novo esfrega,  
E inda tonto de somno e mal desperto  
Chega á princeza, e quasi por instincto  
Da doutoral natura, a mão estende,  
E ao niveo pulso gravemente a applica.  
« Febre ( disse ) febricula ; — está duro,  
Intermittente, — vivo, e com seu tanto  
De...—Vejamos a lingua.—E de appetite  
Como vamos? — Funções segregaticias  
Em regra? — Bom : o caso é de importancia,



Mas não de p'riego : a *historia morbi* é simples,  
E a capitulação *tyronum minimo*  
*Per quam facilis*. — Pôstoque nos diga  
O grande mestre , o sabedor dos sabios :  
*Ars longa , vita brevis* ; invertido ,  
Com o favor de Deus , ja muitas vezes,  
Tenho o douto aphorismo : — vida longa  
Com arte breve ; e assim heide emendá-lo  
Na primeira edição *correctior , auctior* :  
*Ubi ars brevior , erit longior vita*.  
E que saiam a campo esses doutores  
Da mula russa ; a pé firme os espero  
C'um syllogismoem *barbara*, outro *ad hominem*  
E tres cornudos , bifidos dilemmas ,  
Que lh' hãode estopetar as cabelleiras ,  
E fazer comer terra á faculdade.  
Ignorantões ! heide incová-los. — »

INFANTE.

« Vêde.....

Que é urgente..... »

## MESTRE GIL.

« Se é urgente!—Biltres,  
Sevandijas de borla, vis insectos!  
Pretender ensinar-me, a mim, ao mestre  
Gilvaz, doutor pela alma academia  
De Padua, que tres dias successivos  
Sustentei a pé firme as minhas theses,  
E esgrimi c'os primeiros disputantes  
De Bolonha e Paris! — A mim, birbantes,  
A mim! » — E no ardor da dialectica  
Com pés e mãos fallava, e combatia  
Imaginarios zoilos, atrevidos,  
Petulantes, ignaros aristarchos,  
Que, ás lançadas de vivos argumentos,  
Desmontava do arção, prostrava em terra  
Na escolastica arena estatelados.  
Embalde o implora, o chama a gentil Branca,  
E a circumstante turba ás gargalhadas  
Lhe responde aos somnambulos discursos  
Que não entende : mais e mais irado

Lhes torna : « Ignorantões, a mim, birbantes! »  
Não esquecendo assim, nem quando em sonhos,  
Da faculdade a natural modestia.

## XIII.

Frei Soeiro, emtanto, co' a *tremenda* em punho,  
Insta; Branca suspira, e encara o doctor;  
A fradalhada ri; Gilvaz redobra  
De entusiasmo; o confessor declama;  
E em gritaria tal ninguem se entende.  
Quando um leigo a correr esboforido  
Vem a gritar : « Misericordia! acudam;  
Misericordia! Mouros no convento. »  
— « Mouros! » repete unisona a caterva;  
E os berros de Soeiro, os argumentos  
De Gilvaz, as risadas dos coristas,  
Tudo parou n'um gelido silencio.  
Como n'harpa festiva os sons alegres  
Do trovador que feriu setta imiga,  
Quando animava co'as canções divinas  
As danças dos zagaes no flóreo prado,  
Mas o cruel archeiro d'alta tórre

O mirou certo ao coração, e fria  
Pára a mão, que as vibrou, sonoras cordas.

## XIV.

Mouros! — Com olhos fixos e pasmados,  
De susto e medo atonitos se encaram  
Uns aos outros, e como que perguntam  
Em seu mudo fallar: « O que faremos? »  
Dos cavalleiros a mor parte dorme;  
E os que velavam co'a função nocturna  
Da órgia bacchanal, tomados subito  
De terror imprevisto, accovardados  
Sem ânimo, sem fôrça, irresolutos  
Em pavor frio como os outros gelam.  
« Que faremos? » — « Ás armas! gritou Nuno:  
Ânimo! ás armas, e segui-me todos,  
Que eu... » — Não bem proferira éstas palavras,  
Tremendo *Allá* soou pelas abobedas  
Agudas do comprido dormitorio,  
E os alfanges nas trevas scintillaram  
Mal acclarados das nocturnas lampadas.  
Luziram finas pedras nos dourados

Broches d'alvos turbantes. — *Alla* soa;  
E os frades, o doutor e os cavalleiros  
Seviram n'um instante sôbre os peitos  
Apontadas as duras cimitarras,  
Cru terror de christãos. — Nem um suspiro,  
Nem um ai : mãos atrás, e um nó valente  
De rijo esparto. Nuno so, que em tanta  
Desordem conservou cordura e alma,  
Das mãos do frade toma a cruz que guiava  
A procissão burlesca, e a golpes vivos  
Co'a bandeira da fe a infieis combate.  
Sôbre elle alfanges cento a golpes chovem,  
Se descarregam ponderosas hachas;  
Mas o intrepido Nuno a um lado e outro  
Fere, estruc, defende-se, e derruba  
Inerme e so ao ismaelita armado.  
Não lhe comporta o generoso peito  
Perder, sem disputar, a liberdade,  
E antes a vida, que a honra, barateia.  
Caminho se abre entre as cerradas turmas  
Das mouriscas espadas — Espantado  
De tanto esforço, e como que vencido

D'um podêr sup'rior, recua o mouro;  
E o intrepido mancebo defendendo-se,  
Retirando-se — alfim a escada alcança.  
C'um desesp'rado golpe e furibundo  
Aterra os que mais proximos o seguem;  
A pulos desce, atravessou a crasta\*,  
— Como sulco de luz na tempestade,  
Que as nuvens rasga, e some-se, — na cêrca  
Entre árvores e o escuro desaparece.  
— « Deixa-o : » — disse entre os infieis um delles  
Que em nobre adman, no rico dos vestidos,  
E no respeito que lhe os outros catam,  
Seu chefe se demonstra : — « quem tam nobre  
Assim defende a liberdade e a vida,  
É digno de as gosar : ninguem o siga. »

## XV.

Quem é este inimigo generoso,  
Que alma tam nobre em peito infiel encerra?  
Quem é este guerreiro musulmano,

\*Claustro.

Que tam gentil, tam majestoso brilha  
Nas picturescas arabes alfaias,  
Que o talhe heroico, o altivo porte, a graça  
Esbelta de marcial belleza arriam?  
Branca emtôrno da frente em tresdobradas  
Voltas o cinge estofa resplendente  
Como a neve nos picos annuviados  
Da serra das estrellas : — puras virgens  
A deduziram em lidados fusos  
De Alvor nos verdes plainos, e a teceram  
Ao som das namoradas cantilenas  
Dos romances do oriente, que as memorias  
Contam d'avós nas terras apartadas,  
D'onde vieram ao reclamo tredo  
Do vingativo pae pola offendida  
Honra da loura virgem. — Encurvadas  
Em demi-lunar círculo rebrilham  
A esmeralda da côr dos verdes campos,  
E a saphyra que o azul do ceo reflecte,  
E as amethistas roxas como a humilde  
Violeta modesta, que se esconde  
Do sol creador na flórea primavera.

Olhos negros — tam negros como as tranças  
Que , ao destoucar-se , a noute esparze longas  
Pelas eburneas costas — vivo lume ,  
E o fogo da progenie do deserto  
Do rosto baço , como tochas , lançam  
Accesas no aguçado minarete  
Á hora das preces na mesquita. — Baço ,  
Baço é o rosto — que o sol crestou as faces  
Ha longas gerações da raça altiva  
Dos filhos do ermo , — porêm bello , e cheio  
De animada expressão ; e o vivo realçam  
Carmim das faces crespos fios d'evano ,  
Que em anneis romanescos lhe dividem  
O bem fendido , nitido bigode.  
Fórra-lhe o peito cota de aço fino  
Entalhada em lavor custoso de ouro.  
Longo , pesado e curvo o alfange pende-lhe  
Fiel á esquerda : a morte se ha postado  
Nos gumes d'esse alfange , e dahi colhe  
Ampla ceifa de vidas. Quantas lagrymas  
De viúvas , d'orphãos n'esses feros gumes  
Corrido tem , sem lhe embotar os fios ,



Sem lhe embacear a lamina brilhante,  
Que novo sangue, novos golpes pulem!

## XVI.

E este era o chefe da infiel cohorte,  
Que o sancto asylo a profanar se atreve  
Da monachal virtude. Preso o abbade  
C'o resto de seus monges que dormiam,  
Com os mais castelhanos cavalleiros,  
A quem grilhões pesados despertaram  
Do brando somno, todos manietados,  
Excepto Nuno, quantos habitavam  
O mosteiro essa noute malfadada,  
Ao vencedor seus campões os trazem.

## XVII.

E de ti, linda Branca, de ti bella,  
Mimosa dama tenra e delicada,  
Ai! de ti com horror meu canto foge.  
Cortada a voz nas cordas do alaúde  
Teu destino cruel dizer não ousa.  
Virgem botão, que ao sol desabrochavas

Em jardim de virtudes, ai! colheu-te  
Grosseira mão do salteador dos bosques.  
Quem te defenderá? Tua virtude?  
Ceos! a candida rosa da innocencia  
Nem tem espinhos que do vicio a guardem.  
Irás, filha de reis, sangue d'Afonso,  
Ramo augusto d'essa arvore frondosa,  
Que germinou nos campos da victoria,  
E co'as raizes no sanguento Ourique  
Topeta os astros da estellada esphera,  
Irás pois tu, que os thalamos dourados  
Dos principes da terra desprezaste,  
E repoisavas gemedora pomba  
Nivea no seio do celeste amado,  
Irás de immundo harem, victima abjecta,  
A prazeres infames, e ao capricho  
De barbaro senhor jazer escrava?  
E escrava, oh Deus! do crime e da vergonha!

## XVIII.

Correi, lagrymas tristes, deslaçae-vos  
Do coração, onde pesais tenazes,

Dolorosos soluços : âncias cruas ,  
Sahi , terriveis apperturas d'alma ,  
Vinde em máres de pranto aos olhos turvos ,  
Espalhae-vos em nuvens de suspiros ,  
Desaffogae-lhe o peito comprimido :  
Para um so coração é muita mágoa.

— Chora , linda princeza , o teu destino ,  
Sôbre teus dias malfadados chora ;  
Essa flor de belleza , essa virginea  
Candura de innocencia — Oh !.....

Mas na face

Da real donzella que expressão eu vejo?  
É afflicção , é dor ? não. — Què ! sem medo ,  
Sem horror encarar o gesto impuro  
Do inimigo da fe ! — Que olhar tam doce ,  
Que lhe ella lança ! — Crêras que um incanto  
Acintoso de occulto malandrino  
Lhe desvairou o coração e os olhos ,  
Que aos do mouro gentil rendidos tendem ,  
Qual tende por incognito feitico  
Do norte ao pólo a namorada agulha.  
Não ha surriso nos vermelhos labios ,

Não ha meiguice nos brilhantes olhos,  
Mas ha não sei que pensamento languido  
A ressumbrar de toda essa figura  
Angelica, divina, que o desprezo  
Justo, que as sanctas iras não souberam  
Onde, em tanta belleza, debuxar-se.  
Elle o joven traidor, elle o conhece:  
E o que não adivinham cubiçosas  
Vistas de gentil moço? o que não sabem  
Ler nos de virgem olhos de manecbo?

## XIX.

Quem se ajoelhou ante a real infante?  
O bello mouro foi. Quem lhe protesta  
Respeito e vassallagem? Tu, formoso  
Neto de Agar. — Como o escutaste, ó bella  
Filha de Afonso? — Murmurando as cordas  
Da minha cetra... não, christan vergonha  
Não a ousam dizer. As niveas azas  
O anjo guardador desprende, e foge  
Para o ceo d'onde veio, e a triste nova  
Leva ao pastor d'uma perdida ovelha.

Perdida ! — Sim : á torpe voz do mouro  
Às impuras palavras — Branca , a filha  
Dos reis da terra , e do celeste esposa ,  
Branca — surriu , corou — e a sorrir volve.  
O atrevido imprimiu osculo ardente  
Na mão de neve , que se entrega ao beijo ,  
E — vergonha fatal de ecos e terra ! —  
Parece no contacto envenenado  
Estremecer-lhe co'a impressão lasciva ,  
E no deleite infando entorpecer-lhe  
Alma , sentidos , coração , e a — honra !  
— Tal em cheiroso banho aspide amigo  
Voluptuoso suicida applica ás veias ;  
Tal perde a vida em languido lethargo ,  
Que , não transe de morte , mas tranquillo  
Adormecer de vida , e socegado  
Antes dirás repouso da existencia.

## XX.

Um brado o mouro deu : os seus o intendem ,  
Partem. — Voae , voae , correi ligeiros  
Co'a rica joia que levais roubada ;

Correi, que atrás de vós vingança corre.

De exterminio e de morte vejo armadas

Lusas phalanges, denodadas hostes....

— Oh! defende-os, amor; pune-os, virtude.

E que merecem elles? — O castigo.

Mas castigar amor! — O ceo tem raios,

E a crime tal nunca os mandou à terra.

---

# Dona Branca.

---

## CANTO TERCEIRO.

### I.

Que monta a razão frígida, e o pesado  
Cálculo de medidos pensamentos  
Pela bitola compassada, estreita  
D'essa philosophia austera e sêcca,  
Seva tyranna d'alma que em tam brando  
Sonho nos accordou de illusões doces?  
Phantasias embora, — mas tam lindas,  
Tam deleitosas! mas reaes prazeres,  
Bens, verdadeiros bens, que os nós gosavamos,  
E satisfeitos de sonhar dormiamos.

—Despertos que encontrámos! Nossos olhos,  
Descerrados a luz, que vem, que acharam?

## II.

—Triste realidade da existencia,  
Esqueleto da vida descarnado,  
Que és tu sem as ficções que a embellezavam?  
Ficaste como a varzea requeimada  
Do ardor do muito sol, sem flor, sem relva,  
Arida, feia. Mas o sol é vida,  
É a luz creadora do universo.

Sim; mas nem tanta luz que cegue os olhos,  
Nem tanto sol que nos deseque o prado.

—Razão, que és d'alma o sol, gyra em nossa alma,  
Dá-nos dia e clarão ao pensamento;  
Mas de teu carro a ardidos Phaetontes  
Nas incxpertas mãos não ponhas redeas:  
Tocha que foi de luz, será d'incêndio  
Faxo terrivel; — e o calor de vida  
Labareda vulcanica de morte.



## III.

Oh! magas illusões, oh! contos lindos,  
Que ás longas noutes de comprido inverno  
Nossos avós felizes entretinbeis  
Aopé do amigo lar, e ao crebro estallo  
Da saltante castanha, e appetitoso  
Cheiro do grosso lombo, que volvendo  
Pinga e rechia sôbre a braza viva!...  
Pimponices de andantes cavalleiros  
Capazes de brigar c'o mundo em pêso,  
Malandrinices de Merlin barbudo,  
Travessuras de lepidos duendes,  
E vós, fermosas mouras incantadas,  
Na noute de san' João aopé da fonte  
Aureas tranças com pentes d'ouro fino  
Descuidadas penteando, — em quanto o orvalho  
Nas esparsas madeixas rociando,  
Os lucidos anneis de perlas touca....  
Oh! magas illusões, porque não posso  
Crer-vos eu co'a se viva d'outra idade,  
Em que de boca aberta e sem respiro,

Sem pestanço um so, de olhos e orelhas  
 No *Castello* escutava a boa Brigida\*  
 Suas longas historias recontando  
 D'almas brancas trepadas per figueiras,  
 D'expertas bruxas de unto besuntadas  
 Ja pelas chemines fazendo vispere,  
 Ja indo, ás duzias, em casquinha d'ovo  
 A India de passeio n'uma noute;  
 E ai! se o gallo cantou, que á fatal hora  
 Incantos quebram, e o podêr lh' acaba.

## IV.

Não gôsto de Irminsulfs, nem de Theutates,  
 Nem das outras theogonicas prosapias  
 De runica ascendencia. As alvas barbas  
 Do padre Ossian (Macpherson foi seu nome)  
 Tam prezadas do douto Cesarotti,  
 Tam favoritas do Alexandre corso,  
 Não me incantam a mim, não me embellecam,

\* Pequena quinta que foi da minha casa, na qual passei os primeiros annos da infancia, e ouvia as historias da boa Brigida, velha criada que tinha todo o geito e traça de bruxa, e era chronista mor de feitiços e milagres.

Como aos outros cantores alameda,  
Que a nossos doces climas transplantaram  
Esses gelos do norte, esses brilhantes  
Caramellos dos topos das montanhas :  
Do sol do meiodia aos raios vivos,  
Parvos! — se lhes derretem ; a brancura  
Perdem co'a nitidez, e se convertem  
De lucidos crystaes, em agua chilra.

## V.

Em beldades varia a natureza  
Pelos paizes do orbe ; varia a siga  
Em suas fórmãs gentis a arte que a imita.  
Ves essa dama de douradas tranças  
Nas sempre verdes, arrelvadas margens  
Do frígido Thamisa passeiando ?  
Ves? na mimosa face alva de neve  
Transparecem—lhe as rosas ; um suspiro  
Concentrado no íntimo do peito  
Lhe anceia o coração : talvez a morte  
Lhe cerceou dos gosos da existencia  
A amizade, ou amor n'um caro objecto.

Magoada, mas sem lagrymas, — afflicta,  
Mas sem as convulsões que a dor expressam  
No desespero, no delirio d'alma,  
Que so tuas praias vêem, teus bosques ouvem,  
Vecejante Pamyso, Tejo aurifero,  
Manso Guadalquibir, e flavo Tybre. —  
Ve-la? seus olhos côm do ceo resplendem,  
Mas como o ceo resplende annuviado  
De vapor leve e raro. — Essa belleza,  
Essa dor, esses campos, todo o quadro  
Harmonizam co'a propria natureza.  
Mas dá que inhabil mão teu painel pinte,  
Que olhos negros, vivazes, scintillantes  
Á formosura austral dotasse ignaro;  
Que n'esses labios, onde treme a furto  
Suffocado soluço, lhe debuxe  
Desafogada a dor em pranto acerbo,  
Gemidos agudissimos, suspiros,  
Que vão ferir o ceo com agras queixas;  
Que essas tranças tam lindas, que são d'ouro,  
Sem arte não, mas com singelo allinho  
N'alva frente enastradas, lh'as tingisse

Da côr que poz a noute nos ondados  
Cabellos das donzellas portuguezas,  
E em feições que debuxam pouco d'alma,  
(Que a alma n'esses paizes regelados  
Toda no coração, não vem ás faces.)  
Expressasse, com arte monstruosa,  
As paixões, cujo incêndio em nossos climas  
É labareda que scintilla, estalla,  
E em chamma abrazadora aos ceos se eleva,  
Mas nas regiões do norte é fogo lento,  
Que amortecido á vista, arde e consume,  
Não chammeja, não brilha, mas intenso,  
Occulto lava, e no intimo devora!  
— A este meu quadro, *credite Pisones*,  
Semelha a parte maxima dos quadros  
Que assoalham por hi trovistas mores  
N'essa feira da ladra de consoantes,  
Que não encaixam cavallar pescosso  
Em humana cabeça, mas caveira  
Burrical orelhuda em corpo d'homem.

## VI.

E eu em críticas, eu poeta humilde ;  
Cujó ignorado nome á sombra dorme  
Do nada protector, a que me abrigo,  
Que não tenbo, não quero, não procuro  
Nem Mecenas, a quem dedicar odes,  
Nem Augustos, de quem *pech.inchar* tenças,  
A dar preceitos eu! — Perdão vos peço,  
Laureados habitantes d'esse monte,  
Onde e' o vosso Pegaso, irmão d'armas  
(Armas terriveis, que jogais tam mestres!)  
Pela divina relva andais pastando,  
E á sacra fonte ides beber com elle,  
Perdoae-me, que eu volto ao meu assumpto,  
E a cavallos e a vós, e á mais companhia  
Quadrupedante deixo em paz no Pindo ;  
Em paz — e ás moscas — que assim vai o mundo.

## VII.

Vivam as fadas, seus incantos vivam !  
Nossas lindas ficções, nossa engenhosa

Mythologia nacional e propria  
Tome em fim o logar que lh'usurparam  
Na lusitana antiga poesia  
De suas vivas feições, de sua ingenua  
Natural formosura despojada  
Por gregos deuses, por espectros druidicos,  
E com postiças, emprestadas galas  
Arreada sem primor, rica sem arte.  
— Qual a innocente virgem das florestas,  
Que as lindas tranças de grinalda simples  
Da musqueta selvagem adornava,  
Bella, tam bella como a luz que nasce  
Alva no arraiar d'um puro dia  
Do flóreo Abril; se habitador ocioso  
De corrupta cidade em tal brancura  
De singeleza poz nódoa de vício,  
E maculou c'o halito pestifero  
Esse lirio que foi glória do prado;  
Então brocados, então pannos d'ouro,  
Bordadas telas, cortezãos donnairees  
Polo perdido ornato da innocencia  
Se esforçam — preço vil! — de lh'os dar novos.

Mas ah! sob essa pompa os não afeitos  
Membros definham, e nas faces pallidas  
Arrebique impostor não suppre a rosa,  
Nem os diamantes, que na frente brilham,  
Emprestam luz aos olhos 'mortecidos.

## VIII.

Mas se ha paiz, se ha clima onde pareçam  
As illusões de nossa prisca idade  
Reacs nascer da propria natureza,  
E co'a verdade unir-se tam estreitas,  
Que as não distinguirás;—teus verdes bosques,  
Teus palmares, teus aridos desertos,  
Tuas rocas ermas, tuas sos areias,  
Áquem, além de varzeas que vecêjam,  
De chrySTALLINAS aguas marchetadas,  
Ardente Algarve o são : tu não cantado  
Téqui de nossos vates, em meus versos  
Não insensiveis ás bellezas tuas  
Verás por ti um brado erguer-se á fama.



## IX.

No mar, que Europa d'Africa divide,  
Entra, como a explorar o seio ás ondas,  
O saxeo promontorio que de Sagres  
Tem hoje nome. Na moderna historia  
Dos povos do universo, porventura  
Não ha hi ponto no orbe, que assim lembre  
Tanto feito de glória e de heroismo;  
Nem ha padrão erguido por mãos d'homens  
D'alto custo e lavor, que outra recorde  
Epocha tal aos seculos e idades.  
D'al'i Henrique aos astros perguntava  
Da eternidade a estrada; e novos mundos  
Novos climas e ceos lhe appareciam.  
D'alli os curvos lenhos desprenderam  
Primeiro voo audaz a ignotos máres.  
Alli o berço foi da lusa glória:  
Crêra-lo hoje sepulcral moimento  
D'essa glória defuncta. Ruínas tristes,  
Esbroados pardeiros — oh, vergonha! —  
São as tórres d'Henrique. Affasta os olhos,

Viandante, não vejas esse oppróbrio  
Da nação, que a primeira foi no mundo  
Em grandezas—outr'ora..... hoje—em miseria.

## X.

Dahi se estende, ao longo pela costa,  
Fertil porê m inculto, agreste plaino.  
Jamais pesado boi guiou arado,  
Ou conduziu charrua egua ligeira  
Per tam bravia terra; inteira crêras  
Guarda da creação a virgindade.  
Mas seu aspecto não arido e bruto,  
Não selvagem parece. Alli não mora  
Cardo lanoso, çarças espinhosas;  
Nem coroada de abrolhos eriçados,  
Como em dominio seu, sôbre a calcada,  
Amarellenta relva se divisa  
Sêcca Esterilidade passeiando.  
De viço e fresquidão verdeja o prado,  
E aqui, alli tufados ramilhetes  
Do recendente amargo rosmarinho,  
Do alecrim floreo-azul seu doce aroma

Com a brisa do mar na terra exhalam.  
Formosos pães cobertos de verdura,  
Outeiros de palmeiras coroados,  
Montes ao longe; alvos areaes a um lado,  
Onde o pródigo insecto auxiliando  
Trabalhos d'arte e fôrças da natura,  
A sacarina flor no botão pica,  
E ás carregadas árvores augmenta  
O dulcissimo pêso. — La n'um alto,  
Entre árvores espessas e copadas,  
Entre gigantes palmas, — dobradiças  
Olaias que os floridos ramos curvam  
Descabidos, qual dama delicada  
Os lindos braços n'um desmaio languido  
De mimosa descai — ; roxos sycomoros,  
E a lorangeira que matiza os pomos  
D'ouro co'a argentea flor : entre este luxo  
De vecco e fragrancia, — meio vista,  
Meio encuberta da ramagem spessa,  
Maravilhosa fábrica se erguia  
De palacio, onde quanto o rico Oriente  
Tem de pedras e brilho resplandece.

## XI.

Ligeira e leve é a fôrma : quasi acrio  
Paço o crêras de fada enamorada ,  
Que o ergueu com palavras mysteriosas  
N'uma escondida nuvem , para estancia  
De gentil cavalleiro que ha roubado  
A amores de princezas. — C'um sorriso  
Desdenhoso observára a architectura  
D'esse estranho edificio , o allumno rigido  
Da antiguidade classica : nem jonio  
Nem dorio , nem italico , nem mixto ;  
De nenhuma ordem é : menos lhe viras  
Os gothicos florões , os recortados ,  
E o grave da saxonica rudeza.  
Não lhe descobriria o proprio Volney  
Caldeu vestigio ou nubycó rastejo :  
Nem tu , famoso Jonnes , conseguiras  
De lhe dar scientifico interêsse  
Por indico , indostan , mogol , ou persico.  
Nada d'isso é , e todavia é bello ,  
Em que lhe pez a sabios , mestres d'arte ,

Doutores , antiquarios , dilettanti ,  
Virtuosi , amateurs e professores.

— Disputa sine fine travariam

Sôbre elle as duas bellicas phalanges

Que ora na arena litteraria pugnam ,

E aos grasnantes jornaes dão thema eterno ,

Para encher as politicas lacunas.

Ja se ve que de *classicos* , *romanticos* —

Guelphos das lettras , gibelinos d'artes —

Fallar intendo : paz seja com elles ,

Assim como c'os outros disputantes

D'este disputativo por essencia ,

Inquieto mundo , aonde todos ralham

E ninguem tem razão. — Eu por mim deixo

Jogar as cristas a essa gente toda.

Para mim so desejo a paz d'espírito ,

A consciencia limpa , e as frugaes sopas

Ganhas com suor honrado. Ésta ventura

Góso eu , mercê de Deus , pezar de ingratos....

## XII.

E a minha historia, e o meu lindo palacio? —  
Maldictas reflexões! — Tórno ao meu conto;  
E quem quizer achar a margarita,  
Como o pinto da fabula esgravate.  
— Era pois o tal paço o mais formoso  
Que se viu nunca; em pedras preciosas  
Todo encravado, todo reluzente  
D'ouro e diamantes. — Unica uma grade  
Tambem de ouro macisso as portas fecha  
Do paço e dos jardins: velam á entrada  
Dous enormes leões, que noute e dia  
Solicitos a guardam, nem se affoita  
Mortal nenhum ao limiar terrivel.  
Certo é porêm que ás vezes fatigados  
Os leões adormecem: — mas quem sabe  
Quando elles dormem? — Muitos outro tempo,  
Vendo-os d'olhos fechados, se atreveram  
A entrar a porta, e devorados foram  
Pelas terriveis feras, que dormidas  
N'esse instante suppunham. Incantado

É este paço; e os leões de incanto  
Os olhos, quando dormem, arregalam.

## XIII.

Quem o soubera! — Um so n'aquelles tempos  
Sabia este segredo incantadiço;  
Do Algarve d'aquem mar era o rei joven,  
O bello Aben-Afan. Rumor havia  
Entre o povo que um dia andando á caça,  
Co' esses formosos paços deparára,  
E ou fosse acaso, ou certo conhecesse  
Quando os leões dormiam, penetrára  
Sem p'rigo algum pelos jardins defesos,  
E de condicção que é, ousado, e amigo  
De aventuras correr, entrára ardido  
No palacio e nas salas marchetadas,  
Que dizem todos ser de pedras finas  
E brilhantes recamos d'ouro e seda.  
Do que elle la passou ninguem o sabe  
Mas sabe-se porêm que sette dias  
E sette noutes demorou nos paços,

E ao septimo volveu triste e pensoso ,  
Pallido , melancholico , fallando  
Amiude so. — Por vezes , quando em sonhos ,  
Ou quando solitario passeiando  
Do alcaçar nos eirados , alta noute ,  
Ou no alvor da manhan , ignotos nomes  
Murmura estremecendo , e ora em batalhas ,  
Ora em reinos , victorias e conquistas  
Discorre , e com o alfange denudado  
Meio mundo ameaça ; ora afinando  
O mourisco alaúde , em saudosos  
Requebros , namoradas queixas sólta ,  
Com que parece dar allívio a mágoas  
Que em segredo no íntimo o devoram.

## XIV.

Desde então o terrivel inimigo  
Dos Portuguezes , hoje em guerra viva  
A fogo , ferro e sangue os segue e accessa ,  
Entra per suas terras , leva a morte ,  
O pranto e a confusão por toda a parte ;  
E , sem causa ámanhan subitamente



Quasi ao vencido imigo a paz implora,  
E em ocio vergonhoso inteiras luas  
Passa, como embebido nas aérias,  
Vagas ideias que lhe agitam alma.

## XV.

Quasi vai a fechar segunda Egyra  
O círculo lunar, desde que o mestre  
De Sanctiago, ousado cavalleiro,  
E o mais valente portuguez que a espada  
Jamais cruzou c'o mahometano alfange,  
Pelas terras do Algarve se affoitára  
Em correrias com seus nobres freires:  
Ja em Cacella, preço offerecido  
Por Estombar e Alvor antes ganhadas,  
Os pendões da conquista tremolavam;  
E Aben-Afan com pouca resistencia  
Indifferente os ve tallar seus campos,  
Tomar suas villas, e arvorar a roxa  
Cruz da espada nas tórres e castellos,  
Que de seu preito são. A guerra trava

A mais e mais com furia entre os de Christo  
E o mussulmano; mas o rei mancebo  
Da antiga Sylves no dourado alcaçar  
So, pensativo tristes dias passa.

## XVI.

É noute, é noute escura, e o ceo tam negro,  
Que nem estrella tem. Abre-te, porta,  
Porta de Azoia, ao teu senhor. Seguido  
Ei-lo vai de seus fortes cavalleiros,  
Os mais fieis e os mais intimos d'elle,  
Costumados, da infancia, a acompanhá-lo  
Em suas aventuras. Onde, aonde,  
Rei do Algarve, onde vas assim montado  
No teu corcel querido, cujas pretas  
Clinas se entrançam com listões de purpura?  
Onde assim vas de teus fieis cercado,  
E a taes deshoras? — Surpr'ender o imigo  
Em cilada ardilosa? — a dar soccorro  
A sitiado castello mal defeso,  
Ou de violento golpe entrar nas tendas

Dos christãos, e acabar co' a raça impia  
Dos jurados imigos do Crescente?  
— Quem sabe aonde! — Veo impenetravel  
Do mysterioso principe os designios  
Encobre a todos. — Ja correu metade  
A lua de seu gyro, e ninguem sabe  
De Aben-Afan. — Mas contra os portuguezes  
Não foi elle, que as luas mahometanas,  
Diante a roxa espada vacillando  
De Sanctiago, seu fulgor perderam;  
Eo mestre, da victoria precedido  
Ja de Tavira ás portas se apresenta.

## XVII.

Mas que phalange é essa de guerreiros  
Que vão, longo do mar, nos corceis férvidos  
Correndo á brida sôlta? — Um que se eleva  
Sôbre os outros — qual se ergue no deserto  
A palmeira coroada sôbre a grama  
Que á raiz se lhe acoita, — e que montado  
N'um formoso andaluz da côr da noute

A comitiva bellica precede ;  
Quem é elle? — Quem é essa beldade,  
Que d'arção leva e que sustem nos braços?  
Onde a conduz, e donde a traz roubada?  
Roubada a traz! — Mas no formoso gesto  
Da bella não se pinta o desespero  
Cruel da dor : sua nivea frente ingenua  
Poisa no seio do gentil guerreiro,  
E seus olhos do puro azul da esphera  
Volve de quando em quando aos olhos negros  
Do que a leva nos braços. Não afflicto,  
Não é convulso o olhar, mas triste e languido :  
Porêm, se amor ou mágoa lh'o embrandece,  
Quem poderá saber. — Suas longas vestes  
Alvas de neve, sua touca airosa  
Como de christan virgem dedicada  
Aos altares, parecem. — Mas na frente  
Dos que a levam resplende a maura lua .  
No enroscado turbante !.... — Já do outeiro ,  
Onde o brilhante paço se divisa ,  
A costa sobem ; á dourada grade  
Se approximam : abriu-se per si mesma ,

Como incantada que é; e os leões fulvos  
A juba sacudindo, franca entrada  
Ao guerreiro gentil e à bella deixam;  
Mas quando os outros ao lumiar vedado  
Ousam de se affoitar, — as portas fecham-se  
Com terrivel fragor, os leões rugem,  
E os corceis espantados, eriçando  
De horror as crinas, voltam, e sem freio,  
Sem govêrno, com furia partem, voam,  
E em pulverosa nuvem desaparecem.

## XVIII.

Agora occulta mão tomou as redeas  
Do fermoso ginete, e o leva ás fartas  
Cavalharices, que reluzem d'ouro,  
E são mais ricas do que salas régias  
Em paços de monarchas opulentos.  
Agora dando a mão á bella dama  
O cavalleiro sobe os degraus lucidos,  
Escadas de diamante que juncavam  
Mais lindas flores do que a linda rosa,  
Mais fragantes que o oleo precioso

Dos vergeis do Thibet. Agora entrando  
Por galeria longa, taes prodigios,  
Taes maravilhas que seus olhos viram,  
Não ousarão meus versos descrevê-las.  
Mas ao cabo, de solido carbunc'lo  
Fechada porta jaz; le-se em arabigo  
No lumiar da porta este lettreiro.

AO REI SEM REINO,

E A ESPOSA SEM MARIDO.

ABEN-AFAN! AQUI JAZ O TEU FADO:

PENSA!—PENSA OUTRA VEZ ANTES DE ENTRARES.

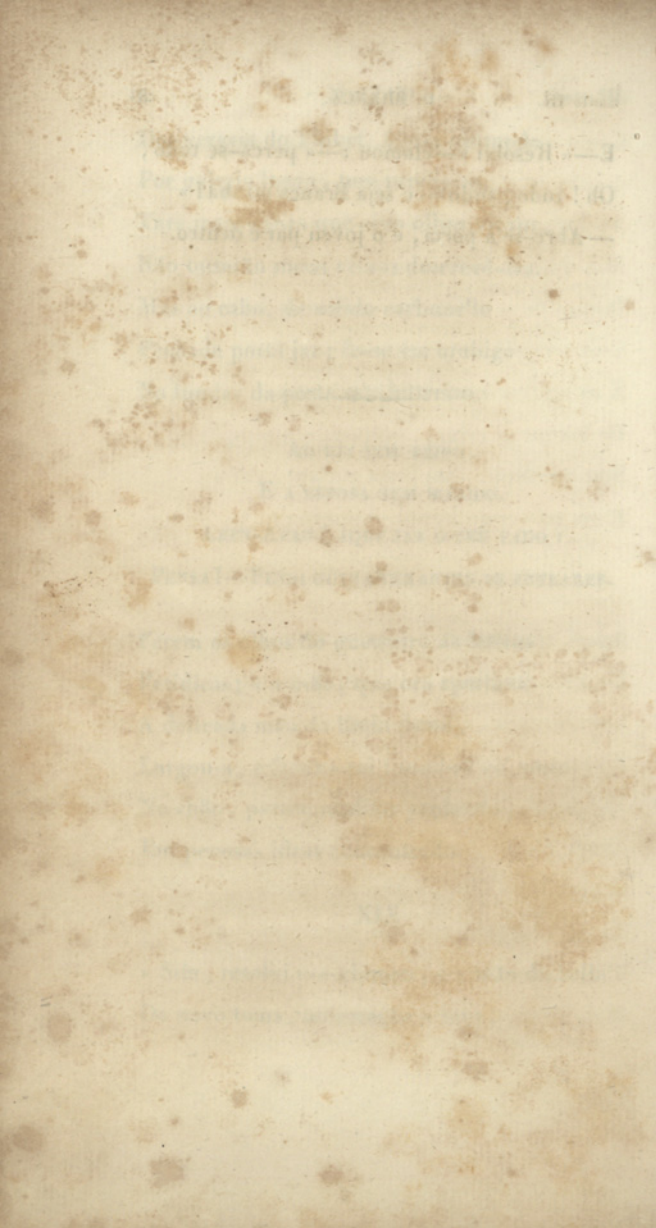
Ferem os olhos do guerreiro as letras  
Fatidicas; e a mão, que ora apertava  
A delicada mão da linda dama,  
Largou-a, e frouxa cai: mudo e co' rosto  
No chão, parece meditar profundo,  
Em penosas ideas concentrado.

### XIX.

« Sim, resolvi » — clamou, e a mão da bella  
De novo toma, ao coração a leva,

E—« Resolvi »—clamou :—« perca-se tudo ,  
Oh ! tudo , tudo — e seja Branca minha ! »  
— Abre-se a porta, e o joven par é dentro.







---

# Dona Branca.

---

## CANTO QUARTO.

### I.

FORRAVAM ricas sedas o apposento ;

No avelludado , persico tapete

Brando deslisa o pé ; cassoulas de oiro

Exhallam os arabicos perfumes ;

Em vasos transparentes d'alabastro

Vecejam raras , matizadas flores.

— Tibia luz , temperada para amantes

Frouxa allumia , e dá realce ao incanto

De tam mago deleite que hi respira.

Como um throno d'amor jazia ao lado

Fofa sophá , que a placido repouso

( Se não a doce agitação ) convida.  
Entrava n'êsta estancia o cavalleiro  
Com a formosa dama : elle inflammado  
De quanto amor, quanto desejo accende  
O deus dos corações em jovens peitos ;  
Ella — como levada de um feitiço ,  
A que não pôde resistir, não sabe.

## CANTO II.

Convidava o sophá, insta a fadiga ,  
E e bella reclinou-se ; — não deitada ,  
Não assentada , mas n'essa indizível  
E dubia posição que toda é graças ,  
Desalinho , requêbro , enlêvo d'olhos ,  
E talisman de lubricos suspiros.  
Oh ! suspirar , suspira o cavalleiro ;  
Que a seus pés jaz, que as niveas mãos lhe apperta,  
E que lh'as beja com ardentes labios ,  
Por onde alma em delirio se evapora.  
Ella tambem — ella tambem suspira ,  
E nos olhos azues alveja a lagryma  
Precursora do languido deliquio ,

Em que adormece a virgindade , — e expira ,  
Como expira innocente passarinho  
N'aza escondendo a languida cabeça.  
Dos olhos do mancebo fuzilava  
O raio do prazer ; vivas faíscas  
Saltavam a atear a chamma ardente  
No altar, que ao sacrificio se prepara.

## III.

Os vestidos da bella são grosseira  
Estamenha , e o toucado um so veo liso :  
Mas que diamantes , mas que telas d'ouro  
Tranças tam lindas , corpo tam formoso  
Encubriram jamais ? — Uma cruz pende-lhe  
Entre o seio , que trémulo palpita.....  
Uma cruz ! — oh sacrilega beldade ,  
Não vejo eu reluzir mourisca lua  
No turbante que envolve abaça frente  
De teu cego amador ? — Mas , ai fraqueza  
Fatal de nossos miseros sentidos ,  
Que não ve mais que amor quem amor sente !

## IV.

Não fallavam os dous , não ; as palavras  
Das linguagens dos homens são mesquinhas ,  
São pobres de expressões , quando alma inteira  
Rompe do coração e accode aos labios.  
Não fallavam , mas diz tudo o silencio ,  
Diz mais que as fallas ; mudos se percebem ,  
Mudos se intendem , mudos se respondem ,  
Nem tem mor eloquencia a natureza ,  
Que a mudez , que o silencio dos amantes.

## V.

Porêm rompeu-se alfim : uma voz doce ,  
Languida como a frente da papoula  
Que pende o ardor do sol , meiga e suave  
Como o sussuro da aura matutina  
Entre as flores do orvalho rociadas ,  
Uma voz disse : — « Oh ! tem de mim peidade ,  
Oh ! não abuses da fraqueza minha .  
Sei que te amo , conheço que impossivel

Me é não te amar ; mas meu amor é crime ,  
Mas ésta cruz... »—E a cruz chegou aos labios,  
E os labios não ousaram a bejá-la.  
« Oh ! se aomenos sequer tu a adoráras ,  
Se convertido á fe, comigo eterna  
Penitencia fizesses d'este crime ,  
Que ambos, ai de mim !—ambos commetemos ;  
Oh ! não podéra ser crime tammanho  
O que ganhasse uma alma como a tua  
Para a fe verdadeira. »

Um ai profundo  
Do mais íntimo peito lhe responde ,  
E éstas vozes o seguem :  
« Que disseste ,  
Oh ! filha dos christãos, que me has proposto !  
Eu que tudo perdi para alcançar-te,  
Que abandonei por ti quanto homens prezam,  
Quanto por valioso tem o mundo !  
Inda exiges de mim mais sacrificios !  
Desertar do meu culto e meus altares ,  
Renegar do meu Deus ! »

— « Teu Deus é falso.

— « Falso o meu Deus !... E o teu é verdadeiro !  
Quantos deuses ha pois na natureza ?  
Eu adoro o que fez este universo ,  
O que nos ares suspendeu magnífico  
Esses orbes de luz que nos acclaram ,  
Que provê nas areias do deserto  
De orvalho ao sequioso viandante ,  
Que tanto accende o sol , derrama a chuva  
Para os cedros que se erguem sôbre o Libano ,  
Como para a rasteira , humilde grama  
Que vejeta nos plainos arenosos ;  
O Deus que me creou , que no teu rosto  
Poz o traslado da belleza etherea ,  
Este , — este é o meu Deus ; e falso é elle ? »

## VI.

Os thelogos sabem mil respostas ,  
Para sophismas taes ; porê m aos olhos  
Do ignorante são verdades puras  
Que sua pobre fe debil não ousa ,  
Nem sabe combater\* : callou se a bella ,

\* Veja nota a este verso , no fim.

Mas suspirou , e com profunda mágoa  
Lhe pende o gesto sôbre o niveo seio ,  
E nas formosas mãos formoso o esconde.  
As lagrymas , que os olhos lhe arrasavam ,  
Per entre os roseos dedos deslizando ,  
A gotta e gotta cahem no regaço ;  
E debulhada em pranto assim parece  
Alvo lirio do prado , em cujo caliz  
Chorou a aurora ao despontar do dia.

## VII.

— « Oh ! como te amei eu ? Como ha nascido  
Este amor no meu seio ? Separados  
Por um abysmo , que entre nós cavaram  
Todas do ceo e terra as potestades ,  
Quem nos uniu assim , que fôrça ?..... »

— « A minha »

Disse uma voz solemne e retumbante ,  
Que estremeceu nos timidos ouvidos  
Da donzella christan , como estremece  
O som do bronze conductor da morte  
Na orelha do pastor que o seu rebanho

Pasce longe do campo das batalhas,  
E acorda ao estampido inesperado,  
Que os echos das montanhas lhe repetem.

— « Uniu-vos meu podêr : » — a voz dizia :  
« A quem submissos os destinos cedem ;  
E obedece a propria natureza. »

### VIII.

Mais vivo aroma os vasos recenderam,  
Animou-se nas flores côr mais bella,

E uma longinqua musica suave

Se ouviu com harmonias tam aéreas,

Tam doces e arrobadas de deleite,

Que aos dous amantes alma se estendia

Á larga pelo peito de escutá-la.

Approximou-se pouco e pouco a magica

Melodia suavissima : uma nuvem

Se condensou opaca no apposento ;

A musica cessou , tudo é silencio ,

Mas breve estes sonoros hymnos se ouvem

Ao saúdoso som d'accordes harpas.



## I.

Desabrocha , alva flor, linda murta ,  
Desabrocha , que amor te bafeja :  
Ja tua folha lustrosa veveja ,  
Ja vermelhos botões véem a abrir.  
Mas no louro , onde o sangue negreja ,  
Salpicado dos golpes da espada,  
Seque a folha , definhe esmyrrada :  
Foi a glória vencida d'amor.

## II.

Filha , filha do sangue real ,  
Real é teu amante ; não chores.  
Rosa Branca , flor de Portugal ,  
Brilha , brilha do Algarve entre as flores.  
Apressae-vos , que o tempo não poisa ,  
Foge a vida nas azas do vento ,  
Chega a morte , descai fria loisa ;  
Tudo acaba no triste moimento.

## III.

Bem fadada , mal fadada  
O mancebo e a donzella !

Emque peze a Sanctiago ,  
Sanctiago de Compostella.  
Fugir do dia aziago ,  
E do frade do condão ,  
E mais fugir dos orvalhos  
Da noute de san' João ;  
Que se quebra o incantamento  
Ao pino da meia noute ;  
Ao cantar do gallo preto  
Se acaba o contentamento.

Bem fadada mal fadada  
O mancebo e a donzella ,  
Emque peze a Sanctiago  
Sanctiago de Compostella !

## IX.

Às derradeiras notas d'este canto  
Se adelgava pouco e pouco a nuvem ,  
Té que rara de todo se dissolve ,  
E um resplendor de luz na estancia brilha ,  
Que mais que humana cousa se amostrava.  
Alados genios e ligeiras fadas

Abrem cortejo em dansa compassada  
A uma, que parece alta rainha  
De todo o imperio do ar. Tunica longa  
De transparente azul-celeste envolve  
Mal recatadas fórmãs, que revela  
Em parte; e quanto ha bello no universo  
É menos bello que essas magãs fórmãs.  
Alvo de neve um cinto dá realce  
Ao torneio do corpo e á côr da veste.  
Sua estatura mais que humana se ergue  
Em gentil proporção; fôra excessiva  
Em beldades da terra, mas augmenta  
O sobrenatural d'essa beldade,  
Que de mais altas regiões descende.  
Flexivel, curta vara tem na dextra,  
E um simples diadema d'alvas perlas,  
Lhe c'roa a frente. O rosto — oh! quem lh'o ha visto?  
Nenhum ôlho mortal : um veo espesso,  
Um veo, que não ergueu mão de homem vivo,  
Nem erguerá jamais, lhe cobre o rosto.

## X.

Era Alida , a formosa fada Alida ,  
A rainha dos genios , e a senhora  
D'esses paços magnificos. — N'um extasi  
De pasmo e admiração era a donzella.  
E a fada assim fallou.

— « Tudo perdeste ,  
Filho de Agar ; — na terra tudo , tudo :  
Mas , se te basta amor , um ceo te fica.  
Desde o dia em que puz na tua escolha  
As venturas d'amor e as da fortuna ,  
Tua livre eleição tenho aguardado ,  
E fiel á promessa que te hei feito  
A cumprirei á risca. — *Rei do Algarve* ,  
— Te disse eu , quando a este meu palacio  
Te conduziu o fado — *tu procuras*  
*A ventura na terra : eu t'a prometto ;*  
*Mas tem limites meu poder na sorte ;*  
*E forçoso escolher. No orbe que habitas ,*  
*Felicidade inteira os fados negam.*  
*Toma estes dous ramos incantados*

*Com magicas palavras , guarda-os sempre ;  
N'elles de teu futuro puz a sorte  
E ora t'os dou , e em tuas mãos a ponho.  
De louro é um , colhido á luz escassa  
Do crepusculo pallido da noute  
Co'a mão direita , e salpicado n'arvore  
De sangue d'homem morto na batalha.  
De murta é outro , ao pino da meia noute  
Em dia de san' João ao luar colhido ,  
Rociado d'orvalhos , de formosas  
Lagrymas de donzellas borrifado  
Tres vezes tres , com tres suspiros d'alma  
Em cadauma das tres. — Abotoados  
Ambos estão , e em viço ; mas as flores  
So as veras desabrochar n'um delles ,  
Quando no outro esmyrrado e resequido  
Folha e botão cahir. Volve a estes paços  
Então , que o teu destino está cumprido ,  
E o incanto quebrado. — « Assim t'o eu disse ,  
Filho de Agar. Voltaste pois : os ramos  
Do teu fado onde estão ? qual d'elles sêcco ,*

Qual florido me trazes? »

De seu peito

Tira dous ramos o gentil mancebo,

E c'um gesto de alegre sobresalto,

« Florece a murta »—diz—« e Branca é minha. »

## XI.

A fada lhe tornou : « Florece a murta ,  
Florece a murta , sim , e Branca é tua ;  
Mas sécea o louro , e a tua glória é extincta :  
O teu throno cahiu , cessou teu reino ,  
A tua raça é proscripta ; os teus altares  
Fulmina o raio — Vence um deus estranho ,  
Vence o Deus dos Christãos , e Allá succumbe. »  
Emmudeceu a fada ; o rosto bello  
Do príncipe destinge esmorecido  
Descor'çoamento , — apos vergonha o cora ;  
E em variada sezão sua alma anceia .

## XII.

Ja na formosa e candida donzella ,  
Que estatica ésta scena contemplava ,

Os olhos crava, e todo o amor do peito  
N'essa vista se expande, se dilata,  
E a agitação do espirito lhe acalma.  
— « Eia pois escolhi (clamou, e tomou  
A mão da virgem) « o meu fado é este,  
Ésta a minha ventura, a minha glória.  
Oh! n'este coração reine eu somente,  
E o throno dos Caliphas não invejo,  
Nem o sceptro d'Omar. N'aquelle peito  
Impere eu so, e o imperio do universo  
Disputem entre si os reis da terra. »

## A FADA.

« Reinas, imperas; Branca é tua, adora-te;  
Eu no seu coração puz tua imagem,  
E a teus olhos rendi seu virgem peito  
No momento em que a viste. Branca é tua;  
E so a perderás, se hallucinado,  
Teu florecido ramo abandonares,  
E o deixares seccar. — Então, não póde  
Guardar-t'a o meu podêr. O incanto é este;  
E o incanto que eu fiz quebrar não posso.

— Filha do rei christão , este é teu paço :  
Eu vo-lo cedo , amantes venturosos.  
Nenhum ôlho mortal póde este alcacer  
D'ora avante avistar, nem homem póde  
Vivo na terra penetrar seus muros  
De nada receeis ; gosae tranquillos  
As delicias d'amor. O vosso minimo  
Desejo, no momento em que o formardes,  
Vereis cumprido : dae redeas folgadas  
Á imaginação ; riquezas , festas ,  
Adornos e manjares — quanto encobrem  
As entranhas da terra , quanto as aguas  
Teem no fundo dos máres sepultado ,  
Tudo ante vós será no proprio instante  
Que o desejardes. Porém ai ! se o ramo  
Da murta definhar.... ai ! se o desejo  
Te pede ver florido o sêcco louro !  
Oh ! ai de ti, filho de Agar : não póde  
Valer-te o meu condão. » — N'éstas palavras  
Fez leve aceno co'a varinha ; e subito  
A formosa visão desaparece.



## XIII.

Ficaram sos os dous amantes. Cheia  
De espanto ainda e admiração, olhava  
Para o seu roubador a linda Branca  
Com olhos onde toda se lhe pinta  
A confusão do espirito. — « Explica-me  
(Lhe disse alfim) explica-me este enigma,  
Ésta visão, e os mysteriosos dictos  
Da fada, e as prophecias que te ha feito  
De teu perdido reino. Por que modo  
Me conhecêste, como — e este mysterio  
Por mais occulto o tenho — como pôde  
Assim meu coração ao teu render-se?  
Como entre nossas almas, que nascidas  
Foram para odiar-se e aborrecer-se,  
Tam doce amor travou, tam fortes laços? »

## XIV.

Ao dizer isto, os olhos derretia  
Da namorada virgem o deliquio  
De apaixonado amor : a mão de neve

Sôbre a querida mão poisou do amado.  
Languidamente a face lhe pendia  
Para o seio agitado, e um suspiro  
Sussurrou desmaiado á flor dos labios ;  
— Como quando nas aguas chrySTALLINAS  
A viração da tarde branda encrespa  
A lisa superficie. — Não cabia  
No peito a Aben-Afan tam grossa enchente  
De delicia, de gôso : accumulado  
No coração tanto prazer dobrava-lhe  
As pulsações incertas e apressadas.  
Da formosa christan tomou nas suas  
As delicadas mãos, e convulsivo  
Lh'as aperta ; acres bejos as devoram ,  
Voam das mãos ás faces, — e das faces  
Descem — ao seio não, que á virgem bella  
Do lubrico desmaio acorda o pejo,  
E ao atrevido mouro não consente  
O veo tenaz erguer d'esse fechado  
Sacratio de pudor e formosura.

## XV.

Cedeu o amante aos rogos da modestia :  
E é tam grato ceder quando a certeza  
Da victoria de perto nos acena !  
Cedeu : poucos momentos , que retardam  
O gôso do prazer, mais vivo o tornam.  
— Contou-lhe então como perdido um dia  
Na caça deparára co' estes paços  
Da fada Alida , e entrára, sem que ousassem  
Oppor-se-lhe os leões que á porta os guardam.  
Que os jardins incantados discorrêra ,  
Vira o brilhante alcacer, e admirando  
Uma por uma tantas maravilhas  
Longo tempo estivera , té que a fada  
Lhe apparecêra tal como hoje a vira ,  
E os dous mysticos ramos lhe entregára ,  
Onde encerrado estava o seu destino.

## XVI.

« Entrei ( disse elle ) entrei cheio d'esp'rança  
Pela vida , que alegre se me abria

Diante de mim, como horisonte puro  
Sem nuvens, sem negrume : embreve ao throno  
Subi de meus passados ; e o diadema  
Tam pesado ! — na frente descuidosa  
Não me avexava , que minha alma, livre  
De paixões, se espraiava toda ao largo  
Pelo mar da existencia não picado  
Das tempestades que no peito humano  
Alevantam desejos, pensamentos,  
Cubiças, ambições. Os meus fadados  
Ramos todos os dias contemplava,  
E verdes sempre, mas sem flor, os via.  
Começou a enfadar-me ésta incerteza,  
Este vago tardar de meu destino ;  
E solitario, so no meu retiro  
Dias, noutes passei, luas inteiras,  
Suspirando sem causa de tristeza,  
Melancholico, e quasi aborrecido  
Da vida, que tam cheia de prazeres  
Se me antolhava, e que ora tam insipida  
Me appareceu. Travaram n'isto as guerras  
Entre os christãos e os meus : nossas fronteiras

Pacíficas télli entrou o mestre  
De Sanctiago; e horrido theatro  
Se fizeram de guerra sanguinaria,  
Que não desaffiámos. Sois vós outros,  
Portuguezes, imigos do descanso  
E delicias da paz, viveis no fogo  
Ardente das batalhas, como vive  
No fogo a salamandra. Acudi presto  
Ao reclamo da guerra; e o meu alfange,  
Sabem-no os teus se corta per arnezes  
De christãos cavalleiros. Duvidosa  
Vacillou a fortuna entre o estandarte  
Da roxa cruz, e entre as douradas Luas.  
Dom Payo que assolára nossos campos,  
Entrára nossas villas precedido  
Da victoria, parou sua marcha rapida,  
E tropeçou na estrada da conquista,  
Que tam facil e plana se lhe abríra.  
C'o exemplo de seu rei cobraram ânimo  
Os povos; e a antiga independencia  
O Algarve sustentou. De nossas terras  
Rechassado o inimigo, me occupava

Em guarnecer as praças arruinadas ,  
Outras edificar, e preparar-me  
Contra nova invasão , que eu certa a tinha  
De tam inquietos , bulliciosos animos.

## XVII.

« Uma noute prostrado de fadiga  
Adormeci : era ventosa a noute  
De outomno ; e as folhas sêccas que cahiam  
Sôbre a tenda em que estava , o silvo agudo  
Dos despregados ventos me embalaram  
N'um somno mal tranquillo , mas pesado  
De quebramento e lassidão. Dormia ,  
Dormia eu , mas escutava o ruído  
Dos furacões , e o som da tempestade ;  
De meus sentidos todos so desperto  
O ouvido , que velava , os reflectia  
N'alma como rugir de brutas feras ,  
Sibyllos de dragões , huivos de tigres ,  
Canticos de demonios malfazejos ,  
De genios maus , — descompassadas vozes  
De mortos resurgidos n'hora aziaga ,

E em banquete de horror sôbre um sepulcro  
Embriagando-se em sangue de parentes,  
De amigos, — talvez filhos, que no berço  
Deixaram quando a morte os tomou subito\*.

## XVIII.

« O coração no peito comprimido  
Me anceava afflicto, e o sangue accumulado  
Sôbre elle me pesava, como a barra  
Do ferro sôbre o peito ao criminoso.  
Não era sonho este, era um estado  
Indefinivel; mas não durou muito,  
Nem, a durar, lhe resistira a vida.  
Senti coar-me um balsamo suave  
Pelas veias, e o sangue dilatar-se  
Brandamente per ellas: sôlto e livre  
O coração senti; e a phantasia  
Se descobriu da cerração medonha  
Que a ennegrecia. — Leves, leves fórmãs  
Diaphanas, ligeiras como os ares;

\* Allusão aos vampyros. Veja-se nota a este verso, no fim.

Me gyravam n'um quadro transparente  
De incerta côr, mas bello, mas tam mago,  
Tam delicioso como fresca aurora  
Per estiva manhan. Vagas e froixas  
As fórmãs eram ; logo mais sensiveis  
Se relevaram, — pouco e pouco augmentam ;  
E um paraizo, um ceo d'ante mim era.

## XIX.

« Oh ! como descrever-t'ó ! Um ceo de glória,  
Um tranparente azul, de estrellas bellas  
Marchetado, — mil anjos de azas brancas  
De strella em strella alegres revoavam,  
Lirios de alvura candida espalhando  
Pelo ar embalsemado de fragrancia.  
Uma virgem trajando roupas simples,  
Que em pureza e candura resplendiam,  
Uma virgem no meio d'este incanto  
Apparecer a vi como a rainha  
D'esse paraizo, como a divindade  
A quem os anjos todos se humilhavam,  
E sôbre quem seus lirios e boninas



Com amor jubilosos desparziam.

XX.

« Sentia-me arrobar-se-me a existencia,  
E o coração voar-me, como os anjos,  
Para a celeste virgem. De seu peito  
Uma cruz resplendente lhe pendia,  
E essa cruz.... essa cruz, como inimigo  
Talisman, affastava da donzella  
Meu coração que embalde forcejava  
De approximar-se a tanta formosura.  
Ella, a virgem uns olhos compassivos  
Punha em mim, e um sorriso parecia  
Em seus divinos labios consolar-me,  
E ao coração, que ja desanimava,  
Alentá-lo d'esperanças. — Mas a fôrça  
Do talisman vencia, a cruz terrivel  
Dardejava faíscas rutilantes,  
Como a espada de fogo que fulmina  
Nas mãos do guardador do Eden defeso.

## XXI.

« Eu suspirava , a angústia me opprimia ,  
E co'êsta agitação se dissiparam  
A celeste visão , o sonho. Acórdo ,  
Acórdo, mas metade da existencia  
Não acordou em mim ; ficou no sonho  
A maxima porção da minha vida ;  
Ficou-me o coração apos da virgem  
Correndo embalde. *Embalde* (exclamo) *embalde*  
*E não mais a verei!* — Vinha a arraiada  
Alvorecendo então no roxo oriente :  
Secreta inspiração (*não sei qué* d'alma ,  
Que sente sem a ajuda dos sentidos ,  
E parece no íntimo do homem  
Ser cousa alheia , ou mais que a humanidade )  
Me fez pensar nos incantados ramos.  
Brilhou-me d'ante os olhos a esperança ,  
Como um clarão de vida : corro a elles ,  
Observo-os.... oh ! no louro resequidas  
Se esmyrravam as folhas , — mas na murta  
Os botões , como perolas do oriente

Em tranças de Sereias, alvejavam;  
E ja n'alguns leve signal de abrirem  
Se divisava: — como em curvas praias  
Ao subir da mare pintadas conchas  
A medo o rico esmalte descobrindo.

## XXII.

« De alegria, de júbilo insensato,  
O arraial despertei; tendas se levam,  
Ordens á pressa dou, a Sylves tórno,  
E so no meu alcaçar longo tempo  
Medito, e mil projectos um sôbre outro,  
A qual mais vago, a qual mais louco, formo  
Sôbre o meu sonho, os ramos e o destino,  
Que Alida me fadára. — Alfim um dia  
Levado assim de impulso repentino  
Deixo a cidade so, e confiando  
Á minha estrella o dirigir-me os passos,  
Redeas sólto ao cavallo, e sigo a estrada  
Que elle de si tomou. Certo caminho  
Foi das fronteiras, correu noute, e dia  
Ás margens do Guadiana, e pelas terras

De Andaluzia entrou; a Estremadura  
Castelhana atravessa: emfim chegámos  
A um valle formosissimo, e assombrado  
D'enzinhas altas: per ahi partiam  
Os limites da Beira portugueza;  
Ahi parou. O sol no extremo occaso,  
Como n'um mar de luzes se affogava;  
Mas no resto do ceo ja raras trevas  
A estender-se começam: voz e esporas  
Emprégo; — não se move o corcel fixo  
No solo, qual se fôra bronzea estatua  
Em pedestal de marmore encravada.  
Longo tempo insisti; cerrada a noute  
Era ja, — desmontei, e n'um rochedo  
Vizinho me assentei: ahi na mente  
A estranhez da aventura e do meu fado  
Entre mil pensamentos revolvía.

## XXIII.

« Mas uma luz, bruxuleando escassa  
Per entre os ramos de viçoso olmedo,  
Não longe descubri: certo, que humana

Habitação será. — Approximei-me  
Na intenção de pedir por essa noite  
Gasalhado , aguardar o desincanto  
Do meu corcel , e em diversos trages ,  
Que a pêso d'ouro , e joias hi comprasse ,  
Apé seguir a incerta romaria  
De meu peregrinar mysterioso.

## XXIV.

« Chego ; pequena ermida solitaria  
Estava entre o arvorêdo : a luz sahia  
Pelas figas da porta mal fexada.  
Entrei ; um sancto horror de meus sentidos  
Se apoderou : — forravam toda a estancia  
Ossos de homem , caveiras — brancas umas  
Do tempo , outras ainda mal cubertas  
A pedaços de pelle resequida ,  
De eriçados cabellos. Uma tumba  
Negra jazia ao lado , e uma cruz tosca  
No chão cravada : d'essa cruz pendia  
Lampada que a luz funebre desparze  
N'estes objectos funebres. Absorto

Contemplava o terrível monumento  
 Dos triumphos da morte, quando um fraco  
 Som quasi extincto ouvi de voz cerrada  
 Dizer : « *Filho das trevas, tu procuras  
 A claridade; acha-la-has; mas guarda-te:  
 Abraza a luz amiudo.* »

« *Quem me falla?* »

(Tornei eu) *quem aqui n'êsta gelada  
 Habitação de mortos me conhece?* »  
 — « *Um que é ja no limiar da eternidade,  
 Um moribundo. Segue o teu destino,  
 Aben-Afan; outr'ora obedeciam-me  
 Os espiritos todos, e podêra  
 Mostrar-t'o.... — mas, é tarde; sinto a hora  
 Derradeira soar-me — expiro...—fexa-me  
 Os olhos — veste o meu burel — e entra  
 Nas terras portuguezas... la... » — A morte  
 O colheu; roucos sons balbuciou inda,  
 E n'um arranco l'he fugiu a vida.*

## XXV.

« Combatido de varios pensamentos

Passei a noute juncto do cadaver.

Mas alfim decidido, e resolutto

A correr todo o meu destino ás cegas ;

*Acceite-se o legado — disse eu — vista-se*

*O burel do santão\**, e avante, a' sorte!

C'o primeiro crepusculo da aurora

Ja, em vez de turbante, me cubria

Capuz agudo a frente. Um nome escripto

Em um papel achei no seio ao morto ;

*Hugo.*— Lembrei-me então que n'outro tempo

A um Hugo ermitão salvára a vida,

Que agradecido grande recompensa

Pela acção generosa me fadára.

## XXVI.

« As fronteiras passei ; apé caminho

( De noute o meu corcel desaparecêra )

Sem perguntar estrada , sem vereda

\* Veja nota a este verso , no fim.

Seguir mais que a do acaso. Ajoeihavam-me  
Per villas e logares que eu passava,  
Os devotos aldeãos. Ao dia septimo  
Juncto me fui achar, ao romper d'alva,  
D'um mosteiro. Cantares entoavam  
Vozes tam doces, como vozes d'anjos  
No alto das montanhas celebrando  
As grandezas de Allá. — Todo enlevado  
No mago incantamento d'essas vozes,  
Do templo estive á porta : — franqueá-la  
Não ousava, — e a vontade m'ó pedia,  
Mas retinham-me escrupulos. Ao cabo  
Disse eu : Que importam nomes? Deus é o mesmo :  
Christo\* e Mahomet foram prophetas,  
Mas Deus é o mesmo Deus. — Entrei na igreja.

## XXVII.

« Era um côro de candidas donzellas  
Que alternadas o cantico solemne  
Entoavam. Sentia-me eu tomado  
Da religiosa e sancta magestade

\* É discorrer d'um mahometano.



Que enchia o templo. Os olhos repoisava  
Com prazer innocente n'essas virgens  
Que por Deus renunciaram a prazeres,  
A delicias da terra — quando subito  
Porta se abriu do templo á extremidade  
E uma virgem entrou : seu ar, seu gesto  
A mostrava entre as outras a primeira,  
E entre ellas parecia tam brilhante,  
Como em cappella de jasmins a rosa,  
Ou como o lirio n'hástea debruçado  
Sôbre o campo arrelvado de violetas.

## XXVIII.

Deu-me rebate o coração no peito :  
Era essa imagem a que eu vira em sonhos ;  
Essa , essa propria ; a mesma cruz brilhava  
Em seu peito.... — Perdi razão , sentidos ;  
N'um extasi de gôso indefinivel  
Cahi como em deliquio. — Longo espaço  
Devia de durar, que so no templo  
Acordando me achei : findára toda  
A cerimonia , e as virgens retiraram-se.

Sahi então, e soube que o convento  
Era Lorrvão, e.... »

—« Tu » —interrompendo-o,

Branca lhe diz — « tu eras o eremita,  
Que em nossa igreja <sup>na</sup>ua manhan entraste,  
E que tam enlevado parecias  
Na oração? »

—« Era eu mesmo. »

—« Oh Deus! e eu propria

Com quanta devoção te contemplava!  
Tam joven, eu dizia, e tam deixado  
Do mundo ja!... Mas tu o ermitão eras?

### XIX.

» Eu sim, que extasiado em teu semblante  
Ahi perdi o coração e a vida;  
Ahi n'esse momento se cumpriram  
Os meus destinos todos. — O fadado  
Ramo consulto : florescia o myrto.  
Ceos! clamei, é quebrado o meu incanto!  
Mas que fazer! a noute veio; a um proximo  
Olival me levara incerto passo,

E na soidão , minha alma se intranhava  
Em pensamentos vagos , em projectos  
Mais vagos. — Um corcel vejo pascendo  
Embridado , e mourisca sella tinha :  
Era o meu fiel Adir ; chamei-o , corre  
A mim alegre , estende-se abaixando  
O alto costado , como convidando-me  
A montá-lo. — Hesitei ; — mas dirigido  
Por occulto podêr não é meu fado ?  
Montei , partimos ; trouxe-me a estes paços.  
Não vi Alida ; mas teu nome , o sitio  
Onde te encontraria em teu caminho  
Para Castella , como libertar-te  
De teus brutaes dervizes deveria ;  
Tudo li n'uma tarja transparente  
De jaspe em letras d'ouro. Outra vez parto  
C'os mais fieis dos meus , fui emboscar-me  
N'uma escarpada rocha , e te esperámos.  
O resto sabes tu : — sábe-lo , ó Branca ,  
E ja teu coração me ha perdoado. »

## XXX.

Os braços da donzella se enlaçaram,  
Como um festão de candidas boninas,  
Emtôrno ao collo do gentil mancebo.  
— O propheta, se a vira n'esse instante,  
Emendára o Koran, e não vedára  
A um anjo tal do paraizo a intrada.

---

---

# Dona Branca.

---

## CANTO QUINTO.

### I.

Toca o sino a completas; era noute  
Em Cacella : — seu branco sobrevestem  
Manto co'a roxa cruz sôbre a armadura  
Reluzente, e ao côro se encaminham  
De Sanctiago os nobres cavalleiros.  
As espadas, terror do mauro Algarve,  
Depoem juncto do altar, e vão devotos  
Ante o Deus dos exercitos prostrar-se  
Em humilde oração. Ha poucas horas  
Guerreiros na batalha, agora simples,

Silenciosos, austeros cenobitas  
Rezam em còro; — ámanhan, quem sabe?  
Còrrerão aventuras namoradas,  
E nos braços de languida beldade  
Cumprirão o terceiro mandamento  
Da muito nobre e respeitavel ordem  
Da andante, singular cavalleria.

## II.

Oh! quem ve hoje na ponteada casa  
De aperaltada, esguia casaquinha  
Brilhar a mesma cruz, symbolo d'honra,  
De patriotismo e glória, que pendêra  
D'aureo collar em peitos d'aço duro,  
Peitos que sem pavor per entre selvas  
De lanças, de azagaias se arrojavam;  
Quem as vê hoje, — a cruz sancta de Christo,  
Pendão de glória, que guiou no Oriente  
Castro, Alboquerque e Vasco, — a roxa espada  
De Sanctiago, que arvorou as Quinas  
Nos castellos do Algarve, — penduradas

Pelas librés da infamia e da injustiça ; \*  
Quem , de sua nobre origem cogitando ,  
Ousará de dizer : « São cavalleiros ,  
São portuguezes cavalleiros esses ? »

## III.

Tremolava a bandeira de Sanctiago  
Nos muros de Cacella , que vencida  
Aos fortes cavalleiros se rendêra .  
Mas Tavira resiste : fatigados  
Os de Christo , e Mahomet formaram treguas ,  
E da guerra continua repoisavam .  
Ja gran' parte do Algarve succumbira  
Às armas de dom Paio e dos seus freires ,  
Depois que Aben-Afan de seu alcaçar ,  
— Sem se saber aonde — se ausentára .  
Tavira a forte , Sylves a maritima ,  
Firmes porêm sustentam porfiosas  
Ao mouro rei a vacillante c'roa .  
As principaes então , e as mais famosas

\* Veja nota no fim.

Em valor e riquezas essas eram  
Per todo o áquem dos aridos Algarves.

## IV.

Findára o côro : a hora do repasto  
N'um fresco eirado , á lua , passeiando ,  
Os cenobitas campeões aguardam.  
De batalhas e cercos fallam velhos ,  
Das justas e torneios do bom tempo  
Que foi ; — moços d'amores e caçadas ,  
D'aventuras , e cousas que mais prazem  
Á idade em que veceja a flor da vida ,  
E folga o coração no peito á larga.

— « Sabei ( disse dom Alvaro ) , senhores ,  
Que dous falcões tenho eu , que os mais manhosos  
D'elrei de Leão não teem que ver com elles.  
Pena é que em terras nossas não ha caça ,  
Comque entreter o tempo d'éstas treguas ;  
Senão verieis. »

— « Gran' desejo tenho  
De o ver eu » ( Mem do Valle respondia )  
Que as minhas aves atéqui as tinha ,



Em que peze a dom Alvaro — as melhores  
Que hei visto em vida minha. Mas, senhores,  
Cousa vos direi eu, que vos agrade,  
Pois cavalheiros sois : p'rigoso é o caso,  
Mas de gôsto será. Sabei que em Antas  
É a caça melhor de todo o Algarve :  
Mister é de passarmos per Tavira ;  
Mas em paz, como estamos, de impedir-nos  
Não ousarão os mouros : e se ousassem.... »  
—« Tanto melhor, que sua perda fôra :  
(Volvem á uma os jovens cavalleiros)  
Vamos, e ámanhan ja. »

Foram-se ao mestre,  
E do que hão concertado lhe dão parte.

## V.

Com prudencia dom Paio, e bom aviso  
Lhes ponderou da empresa os contratempos :  
Quanto ciosos eram de suas terras,  
E mulheres os mouros. — « Nem por isso,  
— Accrescentou sorrindo o grave Paio —  
Lhes quero eu mal, que ha hi fermosas damas,

E a ver taes cavalleiros cóstumadas  
Não estão ellas. » — Rindo agradeceram  
O comprimento ao mestre ; e pois lhe dava  
Cuidado sua ida, lhe disseram  
De paz, e guerra iriam bem armados.  
E assim no alvor do dia se partiram  
Com suas aves e armas, cavalgando  
Em andaluzes, relinchões ginetes.

## VI.

Seis eram os manebos ; mas tam guapos,  
Tam gentis cavalleiros não vestiram  
Nunca em terras d' Hespanha arnez ou malha.  
C' o denodo e despejo d' essa idade,  
Para quem p' rigos são delicia e brinco,  
Caminho vão direitos de Tavira ;  
A ponte passam a veloz galope,  
E ás frescas margens de ribeira placida,  
Onde Antas jaz, alegres começavam  
Suas aves a soltar, seguir-lh' os voos,  
E a entreter-se em folguedos innocentes,  
Disputas joviaes, e outros singelos

Passatempos de alegre confiança.

VII.

Mas o diabo, que jamais não dorme  
Quando ve gente môça em bom caminho,  
E que não pára sem fazer das suas,  
E os metter em camizas d'onze varas,  
O diabo se deu aos diabos todos  
De ver seis rapazetes tam bem postos,  
Tam galhardos e bellos, — de sua regra  
Cumpridores fieis, e mais honestos  
Que o mais honesto monge da Thebaida.  
Ora, sabido é que o tal amigo  
Lucifer, Belzebut, Satanaz, diabo,  
Demonio, ou como quer que é sua graça,  
(Na minha terra as beatas o designam  
C'o extravagante nome do *Baéttas*;  
Nome a que nunca pude achar o furo  
Da ethymologia; e desafio  
O carmelita auctor do dictionário,  
Que traduziu — triztriz — pratos quebrados,  
Désse tammanhas voltas ao miolo

Como as eu, dei para encontrar com elle. )

— O diabo pois — que emfim este é seu nome —

Tanto fez, que até sanctos da Thebaida

Com suas tentações voltou do aveço,

E se metteu sem medo á queimaroupa

Com cilícios, jejuns e agua benta :

Como lhe havemos d'escapar nós outros,

Pobres e miseraveis peccadores !

### VIII.

E como pôde entrar este inimigo

Jurado da adamitica progenie

Os austeros limites da Thebaida?

— Com môças : môças são cousa do diabo,

Se é que o diabo não são ellas mesmas :

— Que em quanto para mim — Deus me perdoe —

Por taes as tenho, ás tentações malignas,

Que sinto ca per dentro quando as vejo,

E me dão taes vontades... Abrenuncio !

O diabo ellas são, ou ellas d'elle

## IX.

Pois o pae da malicia , que bem sabe  
O podêr de taes armas perigosas ,  
Assentou de apanhar n'uma das suas  
Os jovens caçadores : vai , e enfia-se  
(Que é mestre n'isto , e não lhe custa nada  
Estender-se , agachar-se , encarquillar-se ,  
Acaçapar-se curto e pequenino  
Como um mosquito , ou alto alevantar-se  
Como a tôrre dos clerigos \* ) enfia-se  
No papo d'um falcão dos da caçada ;  
E o falcão , que ficou , como la dizem ,  
Co' diabo no corpo , larga o paio ,  
E desanda a voar per esses ares ;  
Voou , voou , té que estacou mui longe ,  
E se poz a pairar como quem mira  
A caça , e a fita bem para empolgá-la.

\* Tôrre fermosisima no Porto.

## X.

Acertou que o falcão dos dous gabados  
De dom Alvaro era. — « Estranho voo  
(Mem do Valle lhe disse) é o da vossa ave :  
Nunca vi um falcão voar d'essa arte. »  
— « Crede, senhor (dom Alvaro lhe torna )  
Que é fina caça a que elle paira agora ;  
E afé não ha hi ave em toda Hespanha ,  
Que tal a avente, e tanta. »  
—« Ir-lhe-hei no alcance »  
—Volve o outro.—« Ide embora, porêem crede-me,  
Que a mim somente, e não a outro, a entrega. »

## XI.

Mem do Valle picou, e per um trilho  
Agreste e rudo entre árvores e mato  
Mette o corcel fragueiro, e costumado  
A mais agros caminhos. — Ja chegava  
A um valle estreito, que em redor fechavam  
Ingremes, escarpadas serranias  
Tam aridas, tam sêccas e escalvadas,

Quanto era amena , vecejante e bella  
A varzea , que um arroio dividia  
Despenhado do cume alto da serra  
Com ruído , em cataracta picturesca ,  
Onde em brilhantes prismas concentrando  
O matutino sol seus raios puros ,  
Ahi nas côres d'Iris se extremava.  
A relva de boninas esmaltada  
Amorosos perfumes recendia ;  
E áquem , além festões de verdes balsas,  
Prendiam com seus ramos enlaçados  
Ás viçosas figueiras. Ramilhetes  
De murta em flor brotavam pelo prado ,  
E á sombra dos mais altos arvoredos  
Viçava o tenro , dobradiço arbusto  
Que em nossos bosques semeiou de perlas  
Para enlêvo da infancia a natureza :  
Oh ! idade feliz , em que as eu via ,  
As alvas camarinhas resplendendo  
No limpido ceirão , e as cubiçava  
Essas perlas mais finas a meus olhos  
Do que as da bella egypcia mal pudica.

## XII.

Sôbre este ameno delicioso valle  
Paira a prumo o falcão : mas extasiado  
Nas bellezas do sítio , e formosura  
Da grata solidão so pensa e cuida  
Na maravilha que lhe incanta os olhos ,  
Que alma lhe ameiga , o joven cavalleiro.  
Quando subito a ave — qual se víra  
Saltar lebre fugaz de espessa moita —  
Desce veloz , e atrás de árvores densas  
Á vista se escondeu do cavalleiro.  
Ve-la baixar, e correr prompto ao poiso ,  
Que lh'a occultava — foi um so momento.

## XIII.

Facil era a entrada da espessura  
Per um lado onde as árvores fallecem.  
Entra ; e a caça que viu... — Tenteio embalde  
As cordas do romantico alaúde ,  
Que os genios das montanhas me afináram  
Para os singelos sons desalinçados



De meu simples cantar ; falham-me as notas ,  
Desafina a canção. — Que verso pôde  
Descrever os segredos da floresta  
Do Almargem ! — onde incantos estúpidos ,  
Nocturnas festas celebrar se hão visto  
Às fadas , e aos espiritos da noute :  
Floresta , onde jamais pé de homem vivo  
Depois do pôr do sol entrar não ousa ;  
E so do alto da serra o pegureiro  
Viu luzinhas — signal certo de bruxas —  
A surdir e a esconder-se a um lado e outro ,  
Saltando ( como estrellas namoradas ,  
Que via o grego antojador de favas  
Ao brando som de harmonicas esphas  
Bailar no azul do ceo as tripecinhas ) ;  
Ou perdido viandante arripiado  
De medo , ouviu confusas gargalhadas ,  
Estranhos cantos e gemidos funebres.

## XIV.

Jaz sôbre a relva , á deleitosa sombra  
Do espesso arvoredado adormecida

Joven beldade. — Oh! se anjos divagando  
Acaso pela terra, adormeceram  
Algum' ora em recinto delicioso,  
Que lhes fez recordar d'Eden os bosques,  
Seu formoso dormir como este fôra.  
Alva, ligeira tunica appertava  
Pelo meio do corpo delicado  
Cinta de verde côr; douradas tranças,  
Sem mais ornato que o formoso ondado  
De seus proprios anneis, se debruçavam  
Per hombros, onde quebra a fôrça do alvo  
Ligeira côr de desbotada rosa.  
Seus olhos! — com as palpebras escuras  
Fechado tem o somno esse thesouro  
De brilho e de innocencia: — mas nos labios  
A innocencia surri. A um lado jaz-lhe  
Pequeno livro. O atonito guerreiro  
No rapto dos sentidos alheados  
Longo tempo ficou absorto, mudo,  
Como a quem maravilha tem cortado  
Co'a razão ametade da existencia.

## XV.

Que livro será este? — Abre; e redobra  
Seu pasmo : de orações e rezas sanctas  
Era um livro christão. — Como é possível !  
Em terra de infieis , virgem tam bella ,...  
Um agnus-dei que pende ao lindo collo  
Da bella , e c'ò sereno movimento  
Do seio brandamente se agitava ,  
A certeza lhe augmenta. Christan virgem  
N'este paiz de mouros ! — oh ! roubada  
Foi de certo ; e a seus barbaros deleites ,  
Seus infames prazeres a reservam  
N'algun castello proximo. — Sem dúvida.  
Mas como n'este sítio adormecida ?  
Baldam ahi de todo as conjecturas.  
Fugiu talvez..... — acaso communica  
Este bosque com parte mais escusa  
Do parque , ou cêrca dos mouriscos paços ,  
Onde escrava a reteem. — Christan é ella ;  
E eu christão cavalleiro , que hei jurado  
De defender a fe e a formosura ,

Devo.... o quê? — Libertá-la d'esses gryphos  
 Dos montros que a innocencia se preparam  
 Á devorar-lhe crus : — devo, oh ! sim devo.

## XVI.

Dest'arte reflectia o cavalleiro,  
 E levado de zêlo — ardente zêlo  
 Da fe — ( Travêso duende me sussurra  
 No ouvido menos puro sentimento :  
 Vai-te, espirito mau, não te accredito ;  
 Era boa a intenção : que faz ao ponto  
 Se profanète\*, acaso, algum desejo  
 Na tenção se ingeriu? Vasos de barro  
 Somos nós, quebradiços e achacados ;  
 E raro, a obra melhor do homem mais justo,  
 O ouro mais puro da virtude humana  
 De liga vil seu tanto não encerra. )  
 Levado pois *da fe* — « Salvá-la » : clama :  
 « Salvá-la é fôrça, e ja. » — Mas, se a desperta,  
 Se receosa a timida virtude

\* Diminutivo necessario.

D'essa dama em fugir c'um cavalleiro...  
Saberá convencê-la. — E se no emtanto  
Perdido o tempo..... Oh Deus! urge o perigo;  
Cumpre deliberar. — Toma-a nos braços,  
Salta na sella, — e parte, corre, voa.

## XVII.

No papo do falcão raivava o diabo,  
Vendo tam mal sahir-lhe o estratagemã,  
E que o laço, onde creu ter apanhado  
A virtude do sancto cavalleiro,  
Nova c'roa de glória lhe viçava  
Na honesta frente. — Em tam escura sombra,  
Tal formosura... occasião tam bella!...  
Capacitar-se o diabo não podia  
Que tanta fôrça houvesse n'um mancebo,  
Que resistisse a tal. — Mas onde a leva  
Elle agora? — *Sabido é* que o diabo,  
Que tudo *sabe*, so futuro ignora.  
Deu a voar, e segue pelos ares  
O joven par no rapido galope.

## XVIII.

Nos braços appertando o doce pêso  
Corria o cavalleiro, e lhe batia  
O coração. — Surriu de ouvir-lh'o o diabo  
Tam apressado, e disse la comsigo :  
« Não bate o coração com tenções boas. »  
Mas no emtanto a donzella mal desperta  
Do somno ainda, que pensar não sabe  
Do estranho successo que a acordara :  
Se vela ou sonha, se anjos a conduzem  
Às regiões do ceo, ou se o maligno  
Espirito a arrebatá ás profundezas  
Do abysmo, duvidosa, nem se atreve  
A abrir os lindos olhos; mas tremendo,  
Encolhendo-se toda, mui baixinho  
Ao bento anjo rezava da sua guarda.

## XIX.

Porém alfim curiosidade vence  
Afinal sempre em feminino peito.  
Quem a leva roubada? anjo, ou demonio?

Ver-lhe a cara deseja. — E se elle é negro...

Credo! — Mas pouco e pouco vai abrindo

O cantinho do ôlho. Alta a viseira

O mancebo levava; e o bello rosto

— Que bello era e gentil — se descubria

Entre as luzentes armas de aço fino,

E sob o elmo implumado — qual nos pintam

O triumphante archanjo aos pés calcando

Revel esp'rito, que venceu nos plainos

Do ceo em regular, campal batalha.

## XX.

Ao encarar com tam formoso gesto,

O medo todo lhe fugiu do seio;

E a grata persuasão que em corpo e alma

A leva ao ceo um anjo tam bonito,

Certeza foi, que de prazer celeste

Lhe inunda o coração. — Mas será sonho?

Nunca elle acabe sonho que é tam bello.

Com medo de acordar, seus lindos olhos

Fogem da luz do dia, e so se entr'abrem

Para gosar da angelica presença

Do roubador gentil. Emtanto o joven  
Sente o doce calor do brando corpo  
Os membros repassar-lhe, e dar rebate  
Ao sangue, que agitado ja circula,  
E em seu tropel o espirito envolvendo,  
Ja menos puras sensações e ideias,  
Elembranças, por fim, peccaminosas,  
E ao cabo tentações. — Ja não surria,  
Mas dava pulo o diabo de contente.

## XXI.

Eis ao subir de pedregosa encosta  
Agra e difficil, do alto da montanha  
Vozes mil a gritar : « Ei-los vão, ei-los!  
O roubador infiel ! ei-la a princeza.  
Acudi, acudi, vingae no infame  
Nossas injúrias todas. » — E redobra  
O alarido das vozes tumultuárias ;  
E gritando corriam, e descendo  
Dos lados todos, breve tem cercado  
O cavalleiro multidão de mouros,  
Que em furia cresce, e emtôrno se amontoa



Embalde elle o corcel a voltar fôrça ,  
Embalde tenta de descer de novo ,  
E salvar-se na fuga : a turba immensa  
De toda a parte acode. Atropelados  
Do fegoso cavallo , a muitos prostra ;  
Mas outros , e outros véem : ceder é fôrça.

## XXII.

Ceder ! um portuguez , e um cavalleiro !  
Oh ! que pesado então lhe foi o leve ,  
O doce pêso que a seu peito apperta !  
Que fará ? Lança e escudo lhe fallecem.  
Mas ceder ! isso não : co'a esquerda abraça ,  
Defende a linda dama que estremece :  
A dextra brande a espada formidavel ,  
A cujos golpes o infiel desmaia ;  
E cahem como espigas em calmosa  
Sesta d'estio aos golpes do ceifeiro.  
E a bella ! — Oh ! despertada alfim do sonho ,  
Suas magas illusões se desvanecem.  
Cruel realidade ! Quem é elle ?  
Como a roubou , e aonde , onde é que a leva ?

Porque assim o perseguem esses mouros?  
Ai! isso entende, isso conhece a triste;  
Claros os gritos são. Assim podéra  
Evitar ella que lhe a face vejam.  
Se a reconhecem—Deus!—que horror a espera!  
Com o seu roubador, seu cavalleiro,  
Seu defensor (ou como ha de chamar-lhe?)  
Se abraça, e esconde o rosto delicado  
Nõ seio aspero e ferreo da armadura.  
Mas é ja tarde, ja reconhecida  
Foi da turba infiel. — « Oriana! » bradam;  
« Oriana! » soa emtôrno. Co'este nome  
Cresce a raiva, o furor nos combatentes,  
A quem resiste impavido um so homem.

## XXIII.

« Oriana » repetindo, embravecidos  
Investem; mas o nome que os excita,  
Como se fôra mágica palavra,  
Respeito lhes inspira: os golpes vibram,  
Mas no meio do golpe a mão descai-lhes,  
E o peito deixa aos botes desarmado

Da espada do christão. — Já da matança,  
Já de tanto ferir lhe affroixa o braço;  
E as fôrças pouco a pouco a fallecer-lhe.....

## XXIV.

Fôrça é pois succumbir. Pereça embora;  
Embora; — mas á furia d'esses barbaros  
Abandonar a victima innocente  
Que elle insensato ao sacrificio trouxe.  
Uma virgem christan! — Ceos! — e tam bella!  
Subito lhe accordou: resta-lhe um meio  
De salvação ainda, de esperança.  
O corno toca; os sens repete ao longe  
O echo das montanhas. Já o ouviram,  
E o usado som de Mem reconheceram  
Os socios, que, não longe, começavam  
A ouvir o alarido da peleja.  
O passo dobram: ei-los — oh ventura!  
São a milhares a mourisca turba;  
Mas seis de Sanctiago! — Ávante! e rompem.  
Sanctiago! e ávante. — Em roda estão do amigo.  
Vidas como éstas caro são vendidas;

E tarde, — se a perderem, — a victoria  
So coroará os lividos cadaveres  
Do vencedor, a quem se deu maugrado.

## XXV.

O inimigo recúa. Seccos troncos  
De figueiras, que ahi jazem, encastellam  
Uns, em quanto outros á lançada viva  
Seu trabalho defendem. Já completa  
É a tranqueira, e a tempo; que os cavallos  
De cançasso e feridas se abatiam.  
A suas frageis muralhas se acolheram,  
E da turba que os cerca se defendem,  
Como leões á boca de seu antro  
Polos filhos e esposa combatendo.

## XXVI.

Ai da formosa incognita donzella,  
Que ao deslaçar os braços delicados  
Do corpo do mancebo, os lindos olhos  
Cheios de amor e lagrymas levanta  
Para o ceo, para elle, e: « Adeus » — lhe disse —

« Adeus ! Que breve foi , e que amargado  
O prazer d'este abraço ! » — Oh cruas vozes ,  
Tam meigas , tam crueis ! Abriu-se-lhe alma  
Ao joven ; e a paixão , que lhe escondiam  
Suas chymeras vans , toda lhe avulta ;  
Co'esse golpe de morte lhe rebenta  
O amor télli no coração occulto.  
Oh transe ! — amor travando o braço á morte !  
A eternidade em meio da ventura !  
Que abysmo se abre entre elle e os seus desejos !  
Os olhos do mancebo se enturvaram ,  
E o sangue , que vertiam mil feridas ,  
Parou : — n'esse momento lhe suspende  
A vida e o coração da dor o excesso  
Co' a fôrça do prazer. — Qual sóem oppostos  
Ventos parar em cabo procelloso  
A soçobrada nau. — Anjo da morte ,  
Porque retiras a aza côr da noute ,  
Que lhe estendas sôbre a frente livida ?  
Doce é morrer assim ; mas todo o calix  
Do passamento , té ás fezes negras ,  
Bebê-lo ! — Oh ! cruel és , anjo terrivel.

## XXVII.

De novoj orra o sangue das feridas ;  
 Volveu á vida. — « Oh Deus ! » — clamou : seus labios  
 Descorados na face da donzella  
 Osculo imprimem, o primeiro — e o último !  
 A virgem não corou : solemne, e augusto  
 É o extremo da vida ; não ha pejos  
 Na despedida ás portas do sepulcro.

## XXVIII.

— « E quem és tu , incognita beldade ? »  
 — « Eu ? ( volve a virgem ) eu ? sangue inimigo  
 Teu , e da cruz nas minhas veias gyra ;  
 Sangue de reis , — sangue fatal ! Raiou-me  
 A fe per entre as trevas do meu êrro :  
 Este o crime , que os barbaros imputam  
 Á irman de Aben-Afan..... »

— « Tu irman d'elle ! »  
 Toma a espada , e com impeto que mostra  
 Fôrças maiores ja do que as da terra ,  
 E sem mais proferir, dá sôbre os mouros

Com furia tal, que innumeros lhe cahem  
Aos pés d'um bote so. — Porêm foi esse  
De Sansão moribundo extremo exfôrço :  
Sobre o montão das victimas que immola,  
O sacrificador exangue accurva ;  
Sem vida cai : não o vingueis , amigos :  
Não cahiu bravo em campo de batalha  
Mais gloriosa quéda ; não deis lagrymas  
A quem so derramou em vida e morte  
Sangue inimigo e seu. Mem não existe :  
Folgae , filhos d'Agar, sôbre o seu tumulo.

## XXIX.

Olhos formosos que lhe a morte déstes ,  
Chorae vós , sim chorae ! — Mas tanta perda  
Ignora ainda a bella causa d'ella.  
Não o viste cahir, gentil Oriana,  
Que no meio dos fortes cavalleiros  
No chão prostrada , supplice invocavas  
Ao ceo perdão , do ceo misericordia ,  
E gemes , como a rôla solitaria  
Sôbre o lascado ramo do pinheiro ,

Quando os ventos do outomno tempestuoso  
Da emigração a quadra lhe annunciam :  
Ai ! caçador cruel lhe ha morto o esposo ,  
E seu terno arrulhar o chama ainda.

## XXX.

Com a morte de Mem coragem ganham  
Os infieis , e affroixa nos de Christo  
O ânimo não , mas esse mais que humano  
Exfôrço gigantesco , enthusiasmo ,  
Que não so p'rigos sem pavor arrosta ,  
Mas a infallibil perda , a morte certa ,  
Sem lhe atentar o horror, com gôsto encara.  
Lassos de combater, de sangue exhaustos ,  
Que a jorros corre dos golpeados membros ,  
Os que fortes exercitos venceram ,  
E são terror de bellicosas hostes ,  
Ante uma vil , desordenada turba  
De alvorotada plebe ja succumbem.  
Eis a correr do alto da montanha  
De redea larga vem um cavalleiro  
Ancião , de longas barbas venerandas ,



Nem armado, nem seu trajar indica  
Linhagem nobre ; mas nobreza d'alma  
Brilha em suas feições. Ao chegar perto  
Dos combatentes, moderára o passo,  
E grave se approxima do tumulto  
Com semblante sereno. Erguendo a dextra :  
« Suspendei » — disse — « suspendei as armas ;  
Escutae-me um instante. »

#### A inesperada

Falla do velho á sanha da peleja  
O furor suspendeu : pára o combate ;  
E curiosos da causa que o alli trouxe ,  
Attentos mouros e christãos o fitam.

#### XXXI.

— « Illustres cavalleiros , escutae-me ,  
Filhos de Agar, ouvi-me : injusta guerra  
Fazeis todos : o sangue desparzido  
N'este dia fatal ao ceo bradando  
Está vingança , e todo ha recahido  
Sôbre minha cabeça. Eu a princeza  
Oriana dos reaes paços de Tavira

Na fuga auxiliei , e ao respeitado  
Bosque d'Almargem a levei , e em guarda  
A um eremita sancto a dei eu mesmo.  
Mas essa que buscaes ha tanto tempo ,  
Mas essa , por quem hoje heis combatido ,  
Não é ja vossa , não : Oriana , a bella ,  
A real Oriana aos erros e mentiras  
De vossa falsa lei tem renunciado ;  
Christan é hoje..... »

— « Ella christan ! » exclamam

A maura turba com horror e espanto.

— « Sim, christan sou » —lhes diz, alevantando-se

A princeza gentil ; e no ar, no gesto

Lhe brilhava um splendor de magestade ,

Que , entre essa multidão d'homens armados ,

Sanguentos , golpeados , parecia

Anjo de paz que vem de ordem do Eterno

O cru flagello suspender da guerra.

— « Sim christan sou : e o Deus so verdadeiro ,

Que á sua sancta luz abriu meus olhos ,

Constancia me dará para o martyrio ,

Para alcançar a immarcessivel palma

Que me espera no ceo. Vinde ; essas armas  
Para meu peito dirigi : tormentos  
Inventae novos ; tudo com delicia  
Receberei de vós , com prazer d'alma ;  
Tudo...—Piedoso Deus! que hei visto! »—Para-lhe  
A voz e a vida ; cai : no gesto livido  
Veo de morte se estende. A malfadada  
No cadaver de Mem , que jaz per terra ,  
Fixára acaso os olhos descuidados ;  
E do golpe fatal, que inda ignorava ,  
Repentino ferida , á dor succumbe.

## XXXII.

Alvaro e os mais christãos, que a viram subito  
Desmaiar e cahir, — não suspeitosos  
Da causa de seu mal, hallucinados  
Em tanta confusão, — de tredo golpe  
Per mahometano archeiro a' crem ferida.  
De horror e indignação furiosos bramam ;  
E Alvaro lhes bradou : — « Amigos, eia !  
Este resto de sangue que inda gyra  
Em nossas veias , pouco é, porêm corra

Portuguez té á gotta derradeira.  
Que nos sobra de vida? Escassas horas :  
Seculos fossem ellas , á vingança  
De crime tanto e tal votadas sejam.  
Sanctiago , e ávante! nossa é a victoria,  
E triumphando nos receba a morte. »

## XXXIII.

As fogosas palavras do mancebo  
Nos corações que apenas palpitavam  
Exangues , semimortos, vida e fogo  
D'enthusiasmo infundem. Quaes rompentes  
Leões , investem sôbre o mouro em furia.  
A jorros corre o sangue; a vozeria  
Dos combatentes , gritos dos feridos ,  
E o arrancar dos moribundos fórma  
Consonancia medonha. Acostumado  
Não era á guerra o venerando velho ,  
Que esperando salvar os cavalleiros  
Á custa de sua vida , alli viera.  
Conhece todo o Algarve o nome e fama  
De Garcia Rodrigues , o mais rico

E hõnrado mercador d'aquellas eras,  
Que em seu tráfico e vida, recovando  
Entre os mouros do Algarvê e as portuguezas  
Terras vizinhas, grande accumulára  
Haver de ouro e riquezas. — Indo aos paços  
De Tavira vender suas mercancias,  
Co'a princeza Oriana costumado  
Era a fallar : e quando convertida  
Á christan fe, por muitos rogos d'ella  
A levounas recovas escondida,  
Que o não sonhou ninguem. — Caminho agora  
Ia de Alvor, quando escutou o ruído,  
E a causa soube do fatal combate,  
Que a apaziguar correu — em vão. « Salvá-los  
É impossivel !... pois (disse elle) morra-se  
Como homem tambem. » — Empunha a espada,  
E sôbre os mouros deu como homem que era.

## XXXIV.

Novas emtanto da fatal peleja  
A Cacella chegaram. Parte á pressa  
C'os seus o mestre, esperançado ainda

De soccorrer os nobres combatentes :  
Tavira passa ; os mouros aterrados  
Do furor com que vem , passá-lo deixam.  
Chega : — ai !... tarde. Já lividos cadaveres  
Sôbre montões dos que immolou seu ferro  
Jazem os sette heroes. Tropheos d'emtôrno  
Seus imigos lhes são , que os precedêram ,  
E ás regiões baixaram do sepulcro  
A annunciar do vencedor a vinda.


## XXXV.

Mas os mouros do campo da batalha,  
Em vendo o mestre vir, se retiraram  
Açodados e' o medo da vingança.  
E elle, a quem no peito ância rebrama  
De punir tam cruel aleivosia,  
Os preciosos despojos recolhendo  
Dos nobres cavalleiros e do honrado  
Mercador, no alcance vai dos mouros,  
Que em vão fogem. Cruento sacrificio  
As sombras dos heroes alli recebem :  
Milhares cahem. De Tavira ás portas

Accossados os leva; e as portas, que abre  
Para acolher os seus o musulmano,  
Ao mestre foram triumphal entrada  
Na capital do subjogado reino.

## XXXVI.

Do Algarve a capital cede a dom Paio;  
Mas em Sylves o rei no forte alcaçar  
Crem todos; e acabar c'o infame jugo  
Dos infieis em terras portuguezas  
Jurára o mestre. Bem guardada e forte  
Deixa Tavira, e sôbre a antiga Sylves  
Vai com a flor dos seus ebrios de glória.



As vezes os seus olhos se voltam para a  
Parede e olha para os seus filhos  
As vezes olha para os seus filhos  
E os seus olhos se voltam para a  
Parede e olha para os seus filhos

XXXVII

De Affonso de Albuquerque  
Mestre da Casa da Moeda  
Cada qual a sua parte de  
Dois mil e cem e oitenta

Luiz de Albuquerque  
Dize Luiz de Albuquerque  
Vae com a sua parte de

Luiz de Albuquerque  
Dize Luiz de Albuquerque  
Vae com a sua parte de  
Luiz de Albuquerque  
Dize Luiz de Albuquerque  
Vae com a sua parte de  
Luiz de Albuquerque  
Dize Luiz de Albuquerque  
Vae com a sua parte de



---

# Dona Branca.

---

## CANTO SEXTO.

### I.

Ai de ti, Sylves, de tuas nobres tórres,  
Teu alcacer tam forte! Quem resiste  
Ás espadas terriveis de Sanctiago?  
Ja de redor dos muros, que de lanças,  
De frexas, de besteiros se coroam,  
Suas tendas assentou, suas azes posta  
O invencivel mestre. Ja trabucos  
Acestam, catapultas véem de rôjo,  
Máquinas, ligneas tórres; e se dobram  
Acubertados couros, protectores  
De escaladas e assaltos. Mas de dentro

Dos muros os cercados se apercebem  
Para a defesa : ardentes alcanzias,  
Duros cantos, ferradas longas varas  
Que os incendiarios fachos arremessam  
Ás inimigas fábricas. Redobra  
Corage em uns e outros o perigo.  
Pregam no campo frades indulgencias,  
Na cidade os immans novas promessas  
Fazem de houris e paraizos : folga  
Emtanto a morte, e para a ceifa crua  
C'um perfido sorriso a fouce affia.

## II.

Dom Paio em suas tendas rodeado  
Dos cavalleiros principaes, com elles  
Nos desenhos do assédio practicava,  
E no mais que a seu cargo e pôsto cumpre.  
Um homem d'armas entra; e ao conselho  
Annuncia que ao campo um messageiro  
Do rei de Portugal n'essa hora chega.

D. PAIO.

« Que novas traz ? »

HOMEM D'ARMAS.

« Sabê-lo-heis mui presto,  
Que não tarda comvosco ; e sua mensagem,  
Diz so a vós dara. »

D. PAIO.

« Embora venha :  
E praza ao ceo que do valente Afonso  
Nos traga alfim o tam pedido auxilio.  
Gran' mister hemos d'elle. Cavalleiro,  
E generoso é Afonso ; a nenhum outro  
De toda Hespanha com mais gôsto dera  
Preito do que hei ganhado : mas importa  
Que a levarmos ao cabo ésta conquista  
Nos ajude elle ; senão... reis não faltam ;  
Deus proverá ; e a nossa espada ao resto. »

### III.

ARAUUTO.

« Da parte do mui alto e poderoso  
E temido senhor, rei dom Afonso

De Portugal e Algarves, a dom Paio,  
Mestre de Sanctiago, cavalleiro  
Muito nobre e esforçado, vem dom Nuno;  
Sua embaixada traz. »

Com ricas armas  
Armado vinha o portuguez : em cima  
Da malha sobreveste d'ouro e seda  
Orlada com franções de fina prata,  
Passamanes do mesmo, e sôbre o peito  
Bordada a cruz azul, insignia antiga  
Do reino, e embaixador que o representa,  
Segundo usança é.

D. NUNO.

« Senhor dom Paio,  
Elrei, e meu senhor, que a vós me manda,  
Vos envia saudar, como a quem preza  
E muito estima vossas nobres partes,  
E a respeitavel ordem de Sanctiago,  
Cujo sois digno mestre. Sabei como  
Prouve ao muito alto rei de Leão, Castella,  
De Toledo, de Cordova e Sevilha,  
Murcia e Jaen, a meu senhor e amo,

Elrei de Portugal, n'este seu reino  
Investi-lo do Algarve; e vos ordena  
Que lhe entregueis castello e fortalezas  
E logares e villas que heis tomado;  
E preito lhe façais e homenagem,  
Como a senhor e rei. E mais vos trago  
Que em marcha com sua gente a estes sitios  
Vem elrei meu senhor, com tenção firme  
De ajudar-vos na sancta empresa vossa  
De libertar suas terras do pesado  
Jugo de mouros; no que muito conta  
Comvosco, e vossos nobres cavalleiros,  
A quem honra e mercês fara condignas.

## IV.

D. PAIO.

« Sejais bem vindo vós, e a vossa alegre  
Messagem que trazeis, senhor dom Nuno.  
Portuguez sou, e portuguez me prezo  
De ser do coração; e muito folgo  
De entregar nossas praças e castellos  
A rei tal e senhor. Em hora boa

Venha elle a tomar nossa homenagem,  
 E a conquistar o mais que no seu reino  
 Inda infieis lh'o teem. Com mãos á obra  
 Nos achais, cavalleiro : d'êsta Sylves,  
 Onde o mourisco rei temos cercado,  
 O resto da conquista está pendente ;  
 E...—Mas vejo-vos rir !—Não sei... »

De feito  
 Surria Nuno, e em gestos se expressava  
 De quem do mestre aos dictos se não dera:

D. NUNO.

« Não tomeis, senhor meu, para má parte  
 Este sorrir. De Aben-Afan dizieis  
 Que o tendes hi cercado ; e sei eu certo  
 Que algures elle está, que não em Sylves »

V.

D. PAIO.

« Sabeis ? »

D. NUNO.

« Sim sei. »

— Então reconta ao mestre

Como da infante em companhia a Holgas  
Indo, o rei mouro subito os tomára,  
E elle so, per estranho caso, a vida  
Salvára, e liberdade; — que escondido  
Na cêrca do convento, deparando  
Com um mouro, o matára, e em seus vestidos  
Á pressa disfarçado, Aben seguíra  
Té a uns formosos paços, onde a infante  
So com Aben-Afan entrar poderam.  
E que subito os paços se sumiram.  
Que certo havia alli incantamento  
Ficou elle; porê m logar e sítio  
Bem o conhece, e taes signaes tem pôsto,  
Que hade com elle dar. D'ahi partiu-se,  
E a elrei se fôra a lhe contar do roubo  
E desacato da real infante.  
Que de vingar sua honra, e a de sua filha  
Jurára Afonso; e a Beatriz, sua esposa  
Ao pae mandára a lhe pedir do Algarve  
Terras e senhorio, resolute  
A acabar d'êsta feita co'a vil raça  
De Mahomet. A tudo o castelhano

Assentiu : e elrei caminho á pressa  
Vem do Algarve, e a nobre invicta espada  
Jurou não embainhar sem que no sangue  
Do derradeiro mouro a injúria lave.

## VI.

« Mas se incantada a infante ( diz dom Paio )  
C'o mouro está, que vale guerra e sangue  
Para a cobrar? »—« A tudo se ha previsto :  
( Nunoolveu ) com elrei vem quem sabe,  
E tudo póde em cousas taes d'incantos.  
Certo, que nomear tereis ouvido  
Frei Gil de Santarem... »

—« Frei Gil!—Oh ! valha-nos  
Sanctiago! ( á uma os cavalleiros dizem )  
Traz comsigo esse frade dom Afonso? »

## D. NUNO.

« Sim traz ; mas não sabeis quanto mudado  
Está frei Gil. Do diabo, a quem vendêra  
A alma polo podêr da bruxaria,  
O escripto cobrou que lhe fizera  
De obrigação, lavrado com seu sangue.



E agora o diabo, a quem servira escravo,  
Como a senhor o serve; e é maravilha  
Ouvir casos e cousas que se hão feito  
Per sua intervenção. Peça mais fina  
Nunca sancto ao pregou a fino diabo,  
Do que o padre frei Gil; fa-lo ir ao côro  
Resar c'os frades, ouvir missa inteira,  
E confessar-se até. »

— « Mas quem ve isso? »

— « Ninguém senão frei Gil : boa era essa!  
Se o vira alguém, forte milagre fôra\* »

## VII.

Riram os cavalleiros do bom lôgro  
Que pregára ao demonio o sancto frade.  
E o mestre, encarregando da ordenança  
Do cêrco, e mais govêrno que cumpria,  
Ao commendador mor, se foi com parte  
Do conselho da ordem ao caminho  
De Selir, a esperar elrei Afonso,  
Que para ahi direito em marcha vinha.

\* Veja nota a este verso, no fim.

## VIII.

Mas longo o cêrco a parecer começa  
Aos sitiantes ; rapida a victoria  
Télli os precedeu : emfim o auxilio  
Do monarcha pora termo ás delongas ,  
E acabará e' o imperio mussulmano  
Nos libertos Algarves. — Se podessem  
Todavia vencer sem esse auxilio !  
Veda-lh'o a ausencia do esforçado mestre.  
Sem elle aventurar-se a dar assalto  
Não ousarão , nem devem. Surdas minas  
Lavrando vão caladamente emtanto  
Com direcção do alcacer, que o mais forte  
Lanço é da praça toda, e decisivo.  
Segue de perto aos que trabalham, prompta  
A escolha dos mais bravos e atrevidos  
Na subterranea estrada , que ja longa  
Cresceu : prestes estão de peito e d'armas  
A qualquer caso ; ou contramina os cruze,  
Ou, repentino , a bem guardada estancia  
De inimigos os leve seu trabalho.

## IX.

O ardido Nuno entre os primeiros sempre  
É na glória e perigo. Voluntario  
Se off' rece a ir na subterranea empresa.  
Trabalhavam um dia, eis— « Vozes sinto »  
Disse parando n'obra um dos soldados.  
— « Escutemos : silencio ! » — Nuno accode :  
E áleria ouvidos, e calado é tudo.  
Vozes se ouviam , mal distinctos echos ,  
Sons abafados , como uns ais perdidos  
De infeliz a quem vivo sepultassem  
Nas entranhas da terra , e que em lamentos  
— Vãos ! — conjurasse o horror de seu destino.

## X.

« Manso continuae vosso trabalho ;  
( Diz Nuno ) descubramos d'onde nascem  
Estes estranhos sons. » — Vão pouco e pouco ,  
Leve e leve, minando a dura terra.  
Ja clara a voz se ouvia : feminino  
Era o accento gemedor e afflicto,

E como supplicante : crebros golpes  
 Se ouviam c'os lamentos misturados ,  
 E um rouco murmurar de voz austera :  
 —Supplicio , algoz , e victima parecem.  
 Tam proximos estão , que se distinguem  
 As fallas ja.

—« Piedade ! — diz voz trémula—  
 Piedade ! eu desfalleço , eu morro... »  
 —« Amigos!

( Bradou Nuno ) á uma os ferros, eia !  
 Salvemos essa victima innocente  
 Da mahometana barbara maldade.  
 Rompei d'um golpe so o estreito espaço. »

## XI.

Mal dissera ; aos alviões nas mãos robustas  
 Cede a terra , e cahindo patenteia  
 Á vista dos atonitos guerreiros  
 O lobrego recinto de medonho  
 Subterraneo, horrivel calabouço.  
 Uma lampada funebre , que ardia  
 Suspensa em meio, triste luz reflecte ,

Clara porém, na profundez do antro.  
Em pé spadaúdo mouro como estatua,  
De medo e pasmo está; seus olhos fixos,  
Seu gesto em contracções de horrído espasmo,  
O pavor, a crueza, o susto, o crime  
Alternados debucha. Tem na dextra  
O instrumento de barbaro supplicio,  
Azorrague sanguento. Juncto d'elle  
No chão prostrada ùa mulher: — vergonha  
Me abafa os sons nas cordas que estremecem:  
A indecorosa posição.... pintá-la  
Meus versos ousarão? — Em terra os joelhos  
Poisava, e em terra a face; co'as mãos ambas  
Cobre-a, de pejo, — o seio encobrem vestes;  
Mas o restante — oh! não as tem mais bellas,  
Nem mais patentes Callipygia Venus,  
As fórmãs divinaes que nome e fama  
Dão ao cinzel e marmore divino.  
Matizam crus signaes o alvo dos lirios,  
Como sóe no vergel tulipa roxa  
Entre as cecems brotar. — Mais se divisa

Outra flor... Veo de Apelles no meu quadro.

## XII.

Veo de pudor cubriu os olhos castos  
Dos guerreiros christãos. Seu manto arroja  
Nuno á infeliz, e co'a outra mão travando  
Da barba hirsuta do algoz : — « Malvado ,  
( Lhe brada ) mas que vejo ! tu ! — é sonho ,  
Ou és tu mesmo ? Como n'estes habitos  
Co' esse turbante , infame renegado ?  
Eterno Deus ! — Vil monstro de maldade ,  
Falla : quem é ésta innocente victima  
De teu furor cruel ? porque a ferias  
Tam despiedado ? Falla , ou n'este intante  
A merecida morte... »

Um suor frio

Cobria o mouro ; os dentes lhe batiam ,  
E os membros contrahidos lhe estremecem.  
Qual ceifeiro robusto , a quem na messe  
Tomou quartan violenta , co'a mão trémula  
Aperta a foice , e em vão chamar os socios ,

Bradar procura em vão ; no aberto sulco  
Sôbre os feixes d'espigas que ha colhido,  
Cai opprimido d'ância e quebramento.

## XIII.

D. NUNO.

« Miseravel! — Soldados segurae-o ;  
Mas respeitae o sangue d'esse monstro  
Ao cutello votado da justiça.  
E vós, senhora, cobrae fôrça e ânimo,  
Que não estais com barbaros : respeito  
E piedade achareis. Auxílio e amparo  
Por cavalleiros, e christãos devemos  
Às damas ; nem nos veda a differença  
Do culto e religião.... »

C'um gesto a dama,  
Em que, a pezar do pejo e abatimento,  
Sobresai dignidade e formosura  
De nobreza e virtude, alevantando-se  
Gravemente, o interrompe co' estas vozes:  
« Meu culto e religião, senhor, é o vosso ;

Christan sou, por christan hei padecido,  
 E de meu padecer uma so queixa  
 Tenho elevado ao ceo — que lento e brando  
 Não me haja dado a suspirada morte. »

D. NUNO.

« Nobre dama, comnosco ao regio Afonso  
 Vinde; e recebereis honra e justiça,  
 Qual se vos deve. Nome e sangue ignoro  
 De tam bella senhora; mas porcerto  
 D'alta progenie o tenho. »

DAMA.

« Em mal! bem alta. »

D. NUNO.

« É portuguez.... »

DAMA.

« Senhor, mouro é meu sangue;  
 Todos os meus o são, christan eu unica.  
 Não me pergunteis mais; eu vo-lo rógo  
 Por vossa cruz: levae-me presto ao campo,  
 Onde os soccorros que ha mister minha alma,



Encontrar possa. »

Prompto, Nuno ordena

Às guardas e vigias o que devem  
Em sua ausencia fazer, e co'a formosa  
Dama e c'o velho mouro ao campo volve.

XIV.

Soavam atabales e trombetas,  
Que tangem menestreis: todo um triumpho  
O arraial parecia. — « Ei-lo que chega,  
Ei-lo! Real, real por dom Afonso  
Do Algarve e Portugal! » mil vozes clamam.  
E do mestre e dos seus acompanhado  
O magnanimo Afonso n'um formoso  
E suberbo andaluz montado vinha  
O campo entrando. Os vivas de alegria,  
As saudações do povo e dos soldados  
Benigno acolhe: mas profunda mágoa  
No rosto impressa traz; ri-lhe nos labios  
Doce affabilidade, que os monarchas  
Portuguezes outr'ora distinguia:  
Mas a frente pesada de cuidados

Em vão se aliza , as rugas da tristeza  
Sob o diadema d'ouro se lh' encrespam.

## V.

Chegado á tenda elrei , breve repouso  
Toma a rôgo dos seus ; mas logo ordena  
Que l'he chamem frei Gil ; e a sos com elle :

## REI.

« Que heis descoberto, padre , que esperanças,  
Que novas me trazeis? »

## FR. GIL:

« Tem confiança

Em meu podêr, ó rei dos Portuguezes ;  
Tua filha verás, ve-la-has ; mui cedo  
É para se cumprir a grande obra ,  
Em que empenhado tenho as minhas artes ,  
Minha sciencia toda. »

## REI.

« Muito ha, padre ,  
M'o prometteis assim , e... — Desculpae-me ;

Sou pae; e nenhum pae nunca amou filha,  
Como eu a minha Branca; nem mais digna  
De amor e de ternura houve outra filha.  
A meu pezar, confesso, que aos altares  
A cedi — e inda mal! Triste presagio  
Me agourava seu fado. »

FR. GIL.

« Rei, és homem :

E como homem és fraco e miseravel.  
Peza-te o quê? Da filha que has votado  
A um Deus que reino a reino te accrescenta? »

REI.

« Oh! mas a minha filha, a minha Branca? »

FR. GIL.

« Tua filha verás : sou eu, Afonso,  
Que t'o asseguro. Do immundo espirito,  
Que hei forçado a servir-me e obedecer-me,  
A resposta alcancei : não está longe  
A abbadeça d'Holgas d'estes sitios. »

REI.

« Aonde, aonde está? Com ésta espada

• Per minha propria mão. . . .

FR. GIL.

« Tua mão, tua espada,  
A tua croa, o teu sceptro que empenhâras,  
Não são nada sem mim. Que sois vós outros,  
Reis da terra, que fôra o vosso throno,  
Sem o amparo do altar? — Ouve : liberta  
Será Branca per mim ; nem longe é o dia.  
Quando o ramo de peste em talha de ouro  
For escondido, quando bento orvalho  
Estender seu influxo a terras d'impios,  
Quando em noute mais clara do que o dia  
Escurecer o ceo sombra de mortos,  
E o gallo preto annunciar a hora  
Fatal a incantamentos e á possança  
Dos espiritos do ar — liberta é Branca.  
N'isto confia, ó rei : mas grande e forte  
É o podèr que a guarda. Grande imperio  
É o do genio que a retem captiva.  
De confiar-t'ò duvidei té-gora ;  
Porêm força é que o saibas : protegido  
Da rainha das fadas é o joven

Roubador de tua filha. Nem violenta  
Em seus torpes abraços está ella :  
Fatal incanto a cega, poderoso  
Feitiço a enamorou... »

REI.

« Oh Deus! que horrores!  
Meu sangue, a minha filha? Que vergonha  
Me annuncias! — Oh! venha a desgraçada :  
Seu juiz, seu algoz serei eu mesmo »

FR. GIL.

« Não o permita o ceo ; altos decretos  
São do destino eterno : adorar deves ,  
E conformar tua vontade humilde  
Com a vontade summa. Penitencia  
De seu êrro fara ; e hade applacar-lhe  
A penitencia sua as iras justas  
Do esposo e do ceo. — Mas a salvá-la ,  
A quebrar seu incanto é necessaria  
Uma difficil cousa. »

REI.

« O qué? »

FR. GIL.

« Tres gottas  
Sem ferro havidas, e do sangue proprio  
Do roubador. »

REI.

« De Aben-Afan? Burlais-me,  
Padre, zombais de mim? Não me havis dicto  
Que com ella no mesmo incantamento  
Esse perfido mouro está? »

FR. GIL.

« Sim disse. »

REI.

« E então? »

FR. GIL.

« Perto de nós está seu sangue. »

## XVI.

Mal éstas vozes pronunciára o frade,  
Á entrada da tenda um cavalleiro  
D'uma formosa dama acompanhado

Assim falla : — « Perdoae minha ousadia ,  
Rei e senhor : justiça ante vós venho ,  
E piedade implorar. Horrendo crime ,  
Barbara affronta a Deus e á humanidade ,  
Á formosura um monstro ha perpetrado.  
A queixosa , senhor, é a bella dama ,  
Que aqui vedes ; — o reo... Interrogae-a ,  
E d'ella o sabereis. »

REI.

« Formosa dama ,

Justiça vos farei ; tende bom ânimo.

E se de vossa affronta é tal o caso ,

Que so a desagrave espada ou lança

Em campo raso ; cavalleiros tenho ,

Que por tam bella dama se appresentem

A defendê-la em cêrco ou estacada

Contra o proprio Amadis. Mas vossos trajos

Á usança mourisca me parecem ;

E vós, senhora , sois?... »

DAMA.

« Moura hei nascido ;

E christan sou. Mas de meu triste caso  
Vos dirá esse honrado cavalleiro.  
Desculpae-me, senhor; longos discursos  
Meu padecer e mágoas não toleram.»

## XVII.

Nuno então conta o que no campo soube  
Dos cavalleiros que ao fatal combate  
De Antas em tardo auxilio haviam ido,  
E ésta dama em podêr da maura turba  
Quando fugia a viram : e sabido  
Tinha dos prisioneiros como a causa  
Do combate ella fôra ; como filha  
Era de regio sangue ; e á fe de Christo  
Convertida , ao Almargem a levára  
A um sancto ermitão , e em guarda a dera  
O mercador Rodrigues. Depois conta  
D'Antas a crua historia , e como havendo  
Succumbido os christãos na fatal lucta ,  
Os infieis a Sylves a levaram ,  
E n'um medonho subterraneo carcere ,  
Per comêço de trattos , a arrojaram.



— « Como foi minha dita libertá-la,  
Vós o sabeis, senhor; (Nuno accrescenta)  
Mas os tormentos crus, mas a impiedosa  
Injúria atroce que um perverso monstro  
Lhe ha feito—oh! não me atrevo a proferi-la.  
Concedei-me, senhor, que ante vós traga  
O reo, e pasmareis de conhecê-lo. »

REI.

« Ide. »

D. NUNO.

« Perto elle está. Trazei, soldados,  
À presença d'elrei esse malvado. »

## XVIII.

Os soldados c'o velho mouro entravam;  
E o rei com attenção fixo o contempla.

REI.

« Approximae-o.—Oh pasmo!—Um mouro é esse?  
Um mouro, dizeis vós! — É frei Soeiro. »

A DAMA.

« Um christão—justo Deus!—e um religioso! »

REI.

«Frei Soeiro! o confessor de minha filha?  
Miseravel! defende-te se podes;  
Treme infiel das penas que te aguardam.  
Per que enormes peccados has chegado  
A esse estado de infamia e de miseria?  
Renegar do teu Deus, teus sanctos votos!  
Como, infeliz, como chegaste a tanto?

XIX.

Atonitos emtôrno estavam todos,  
E com horror ao renegado frade  
Observa cadaqual, attento ouvido  
Para escutá-lo dando. Mas calado,  
Mudo, quedo, c'os alhos esgaziados,  
Como se não ouvira, immovel fica.

REI.

«Pensas com teu silencio has de illudir-me?  
Cuidas salvar-te assim? Como te enganas!  
Falla, eu t'ó ordeno, falla, senão... »

Mudo,

Estatico , impassivel como d'antes.

REI.

« Soldados , co'as espadas nas bainhas  
Por que as não manche o vil , as duras costas  
Lhe macerae com rija mão. — Veremos  
Se lhe passa a mudez. »

Executada

Foi a sentença — em vão : nem signal leve  
Da menor dor amostra. Pasma Afonso,  
Espantam-se os que vêem. Então d'um lado,  
Donde atélli calado ésta observára  
Scena de maravilha , se approxima  
Frei Gil , e com um brado tremebundo ,  
Erguendo a esquerda mão : « Falla eu t'ó ordeno. »  
O criminoso treme , e revolvendo  
Com furia os olhos , n'um arranco horrivel :  
— « O que queres de mim (lhe disse) mestre? »

FR. GIL.

« És tu frei Soeiro? »

MOURO.

« Não. »

REI.

« Não és frei Soeiro!

Quem és tu pois? »

FR. GIL.

« Responde. »

MOURO.

« Sou o diabo. »

REI.

« Zombas de mim, traidor? »

FR. GIL.

« Não zomba, Afonso :

Ouve. Escutae-me, todos, em silencio,

E não me interrompais. »

Tira da manga,

Curta varinha dobradiça e negra,

Que tres vezes no ar com pausa agita.

No chão depois um círculo descreve,

Emtôrno ignotos characteres fôrma,

Palavras cabalísticas murmura,

E em silencio, os braços descahidos,

Ericada na frente a rara grenha,

Com os olhos fechados , como espectro  
Que se ergue sôbre a campa em hora aziaga ,  
Estatico , terribil permanece.

## XX.

Subito exclama com accento horrido :  
—« Espirito infernal , anjo das trevas ,  
Que ao meu podêr , rebelde , hei sugeitado !  
Pelas sublimes artes , e execrandas  
Palavras não sabidas d'homem vivo ,  
Nem pronunciadas per humanos labios  
Diante da luz do sol — eu te esconjuro ,  
Immunda creatura , que declares  
O que pertendes d'esse immundo corpo  
De frei Soeiro ? como , e por que causa  
A renegar da fe e de Deus sancto ,  
Teu e seu creador , o compelliste ?  
E paraquê per suas mãos impuras ,  
Déste á bella Oriana crus tormentos ?  
Falla , e verdade , em que te pez , nem mintas ;  
Ou as fataes palavras do castigo  
Sôbre ti , vil creatura , pronuncio. »

## XXI.

DIABO.

« Essa Oriana é filha do peccado ,  
E de nascença minha escrava , e d'elle.  
Roubou-ma um tal tratante de Garcia ,  
Mercador que ahi jaz em Antas morto.  
( E foi-se a tempo , que por nada o pilho  
N'uma onzena em que quasi , quasi o empalmo.)  
Custava-me a perder essa donzella :  
E ao velho ermitão que a tinha em casa  
Tentei , tentei de balde um anno inteiro —  
Debalde , que o mofino velho e tropego  
Não tinha que tentar. — Quando vi junctos  
Em Antas seis tam jovens cavalleiros ,  
Assentei de encaixar-me no mais moço  
E mais gentil dos seis. Perto dormia  
Essa Oriana : — cuidei que a tinha feita :  
Mas , por mau fado , os cavalleiros todos  
Não se esqueceram de trazer ao peito  
Aquella cousa que adorais vós outros ,

E que nós... »

FR. GIL.

« Vai per diante, e não blasphemes. »

DIABO.

« Fiquei *desapontado*, — como dizem  
Os Inglezes ; — não ha na vossa lingua  
Com que o dizer — e venha ou não do diabo ,  
Tomem-na, que hão mister d'essa palavra.—  
N'um falcão me enganchei , voei de sorte ,  
Que o joven me seguiu té juncto d'ella.  
Dormia , e em tam formosa , tam lasciva  
Postura estava, que eu á fe vos juro  
De diabo que sou — arrependi-me  
De pôr tam fino mel em boca d'asno.  
E, não fôra eu falcão n'esse momento ,  
Meu incubo podêr... »

— Corou a bella

Oriana ; e indignado o interrompe  
Frei Gil : — « Spirito immundo , não abuses  
Da liberdade que te dei. Prosegue. »

## XXII.

DIABO.

Quem tal diria? o parvo do mancebo  
Babado a olhar para ella uma hora inteira....,  
E porfim... e porfim — toma a nos braços,  
E desanda a fugir como um damnado,  
Para a levar a terra de baptismo,  
E fugir — dizia elle la comsigo —  
Da tentação. Sahiram-lhe ao caminho:  
E o resto sabeis vós. Vi-os eu todos  
Os seis, e o mercador ir direitinhos  
Para o ceo com palmítos e capellas;  
E eu raivando me fui direito a Sylves,  
Onde a môça levaram. Vi ahi Soeiro,  
Com quem antigas contas tenho ha muito.  
Escravo fôra dum villão mourisco?  
Que nem toucinho, seu manjar querido,  
Nem nada mais, bastante a encher-lhe a pança,  
Lhe dava. Renegou per fome o frade;  
Não fui eu que o obriguei: ja negra e moura



A alma tinha , quando eu lhe entrei no corpo.  
Renegou ; mas ninguem fez caso d'elle ;  
Mouro , ou Christão , ficou sempre *bernardo*.  
Meti-me n'elle , e fiz taes diabruras ,  
Taes trattos dei a outros christãos escravos ,  
Que alguns fiz renegar , dei cabo d'outros :  
E por zêlo da lei tomando—o os mouros ,  
Lhe encarregaram da princeza a guarda.  
O mais que fiz foi tudo bagatella ;  
Nada alcancei : ella ahi 'stá com vosco ;  
E eu vou-me embora d'este sujo frade ,  
Que nunca entrei em mais immundo corpo ,  
Nem temos la no inferno lagartixa  
De mais nojo e fedor que este maldicto. »

## XXIII.

FR. GIL.

« Ainda não ; espera : onde escondeste  
A infante dona Branca ? »

DIABO.

« É outro caso  
Esse de dona Branca ; não sei d'ella.

Anda ahi mor podêr que o meu. »

FR. GIL.

« Alida,  
A rainha das fadas? »

DIABO.

« Sim. »

FR. GIL.

« E quando  
Se lhe acaba o incanto? »

DIABO.

« Á meianoute,  
Em dia de san' João. »

FR. GIL.

« Com sangue? »

DIABO.

« Sangue.

Solta-me, ou nada mais tórno a dizer-te.  
Maldicto frade ! affoga-me de gordo. »

FR. GIL.

« Vai-te, inimigo, sume-te ! »

Um estoiro

Medonho retumbou per todo o campo ;  
E em negro boqueirão se abriu a terra.  
Estremeceram todos , e aterrados  
Se benzem. — Enxophrado fumo e cheiro  
Exhala o boqueirão. — Com agua benta  
Purificam o ar ; e a terra fecha-se.

## XXIV.

Frei Soeiro despossesso — como um parvo  
Olhava para tudo, e bocejando ,  
Se é hora de jantar pergunta a Nuno.

---

Machados, e não pôde ser mais o mesmo.

E em outro momento se abriu a terra.

Estratagemas todos, e estratagemas.

Se bem que. — Enxofrado fumo e enxada.

Exalta o poderio. — Com a sua terra.

Pudera de ar; e a terra fecha-se.

## XXXV

Por dentro desposseio — como um parto.

Olhar para todos, e por cima do.

Se é notado a partir de quinze a vinte.

---

# Dona Branca.

---

## CANTO SEPTIMO.

### I.

CARO es, prazer, quando remorsos custas!  
Quanto mel de seu favo amor espreme  
Na taça das delicias, — se o tocaram  
Labios impuros, negro fel se torna,  
Que embriaguez de morte, e não suave  
Devancio de languido repouso  
N'alma agitada convulsivo excita.  
—Gôso da vida, amor, tam breve passas!  
Males que deixas são tam duradouros!

## II.

Branca cedeu a amor. C'os olhos turvos  
De ternura e deleite, o adeus extremo  
Deu suspirando á virgindade; e morta  
De prazer e de amor — cahiu nos braços  
Do roubador gentil. As horas correm,  
Os dias fogem, — voa o tempo a amantes:  
E n'um seio de glória adormecidos  
Aben-Afan e Branca o mundo esquecem.

## III.

Eram fias d'esse mez festivo e bello,  
Consagrado o João, sancto o mais guapo,  
Mais garrido e brincão do kalendario;  
Sancto do proprio mouro festejado,  
Cujos orvalhos bentos dão saúde,  
Ao corpo e alma, cuja noite amiga  
D'amor e dos prazeres, tanto encobre  
Gôsto furtivo bejo, namorado,  
E o mais que vai per arraiaes, per feiras,  
Pelas fermosas margens de teus rios,

Muito devota Elysia , quando as môças ,  
Quando jovens tafues , pimpões da aldeia  
Na abençoada noite vão devotos  
Ao milagroso banho ! Sancto amavel ,  
Advogado das limpidas correntes ,  
Amigo protector das frescas fontes ,  
Para quem tece de gentis boninas  
Recendente grinalda a mão mimosa  
Da donzella innocente ! Oh ! lindo sancto ,  
Qual ha hi renegado iconoclasta ,  
Metaphysico , abstruso protestante ,  
Que ao ver-te assim gentil c'o surrãosinho  
Pastoril d'alvas pelles , e affagando  
O corderinho que a teus pés nem bala ,  
Quem será que tal vista não converta ?

## IV.

E então as agoureiras alcachofras ,  
Oraculos d'amor, e as crepitantes  
Fogueiras ! — e a torneada , fina perna ,  
Que se mostra ao saltar — como a descuido....  
« Ai , *mamam* , que me viram quasi !... Nada ;

Não salto mais.—Um so , um so. »—E o medo  
De crestar a orla crespa e bem franjada  
Do tafulo vestido , o ergue mais alto ;  
E viu-se quasi — quasi tudo agora.  
Bemdicto san' João , tudo desculpas ,  
Tam bom que es — e sanctificas tudo !

## V.

Era pois a estação formosa do anno ,  
Em que todo o seu fasto em luxo e galas  
Per nossos meigos climas pavoneia ,  
De rica esperdiçada , a natureza.  
O sol , que tam benefico despende  
Para tanto aderêce os raios de ouro ,  
Em seu zenith ás vezes dobra o fogo ;  
E a calma intensa aos ledos habitantes  
De seu paiz dilecto a miudo offende.  
Mas então vós , õ sombras deleitosas  
Do annoso freixo , do alamo copado ,  
Que ao pé da porta respeitado cresce ,  
E ha gerações que é venerando abrigo  
De paes e filhos no queimoso estio ;



Mas a floresta espessa , que dá couto  
No ardor da sesta ao ceifador cançado ,  
Ao caçador sequioso ; e a grutta fresca  
Aopé do rio que salgueiros bordam ;  
E os regalados pomos saborosos ,  
Corados — como a face da donzella  
Quando ao primeiro amor diz — *não* modestia  
C'os labios — porque o *sim* la ficou n'alma :  
*Ficou* , — se o não revelam olhos languidos ,  
Que o tem ( so para cegos ) escondido.

## VI.

Oh ! cressos de Britania ! oh ! que vos vale ,  
Ricassos lords , tanto formoso parque ,  
Tanta grutta ( de *libras* sumidouro ) ,  
Tam lindas relvas , tam gentis ribeiros !  
Onde a calma que dê valor á sombra ?  
Que é do sol que dê preço a tanto esmêro  
D'arte que em vão luctou co'a natureza ?  
Em vão : — humida nevoa , fumo negro  
Pesam n'esse ar ; e as urnas incessantes  
Os pluviosos gemeos não descançam ,

Quasi fixos no immobile zodiaco ,  
De as emborcar na terra apaúlada.  
— Oh ! doce clima ! oh ! sol da minha terra !  
Quando te verei eu ! quando á tua branda  
Restea me aquentarei , e ao suspirado  
Lumiar da minha porta as vestes humidas  
D'estes gelos do exílio heide seccá-las !

## VII.

Abençoado protector d'amantes ,  
Glorioso san' João que tudo alegras ,  
Que até descridos mouros te festejam  
E canibaes pedreiros te veneram ,  
Teu sancto dia , tua benta noite  
Suspirada d'amor, bem vinda a todos ,  
Tuas brandas orvalhadas , quem as foge ?  
Teu serêno saudavel , quem o evita ?  
Quem teme a vinda de tam fausto dia ?  
— Dous amantes. — João sancto , advogado  
Não és tu d'elles ? teu amparo amigo  
Negaste-lho ? porquê ? — Fadas o vedam ;  
E no tempo em que fadas e feitiços

(Antes que a inquisição queimasse as bruxas)  
Imperavam na terra, sancto ou sancta,  
O mais pintado e milagroso — embalde  
Se opporia ao podêr d'um bom feitiço.

## VIII.

A embriaguez d'amor e dos prazeres  
Ai! perpétua não é : o bello mouro  
Da formosa abbadeça aos lindos braços  
Ja tam sedento de prazer não corre.  
Saciedade fatal! — Em vão te esforças,  
Delicado amator, por encubri-la.  
Que amante ha hi, que os resfriados osculos,  
Que o affroixar do appêto nos abraços,  
O entibiar das caricias não descubra  
N'aquelle, a cujo amor a vida, a honra,  
Tudo sacrificou, — toda se ha dado?  
Branca o percebe; — misera, a seus olhos  
Crédito não quer dar : suspiros nascem  
No triste peito, que no peito affoga;  
Lagrymas véem aos olhos, e olhos bebem  
Lagrymas, — que as não veja a causa d'ellas.

## IX.

Oh sexo generoso ! e ha tal ingrato ,  
Que traia tanto amor ? — Traidor não era  
Aben-Afan : mas vós que haveis amado ,  
Dizei-o vós ; quando a explosão primeira  
Do facho se exhalou , que amor o accende ?  
Culpa é do amante se em quieto fogo ,  
Mais tranquilla a paixão no peito lhe arde ?

## X.

Do Algarve ao rei , de longe em longe , a glória  
Esquecida télli lhe dá lampejos  
Na phantasia : acodem , pouco e pouco ,  
Á memoria que surge do lethargo  
Em que o deleite a jouve , — ora do sceptro  
O brilho , o resplendor do diadema , —  
Ora a patria em perigo , ora a victoria  
Cingindo-lhe na frente outro diadema  
Mais refulgente c'os ganhados louros.  
*Louros !* — « Ramo fatal do meu destino , »  
Exclama o joven rei — « emmurcheceste ,

Seccaste para sempre! Não ha glória  
Mais para mim! a inutil existencia  
Arrastarei aqui n'estes dourados  
Salões em ocio vil e afeminado!  
Ramo fatal! se á custa do meu sangue  
Reverdecer podesses! — Desgraçado,  
Que proferi! — E amor, e Branca? — oh sorte!»

## XI.

Mal os extremos sons dos labios rompem,  
O sol se obscureceu; medonha noite  
Cai sôbre o ceo, como um funereo manto  
Sôbre a cinerea urna : estala um raio,  
Com vívido lampejo fende as nuvens,  
E horrisono trovão nos ares brama.  
« Voto fatal! » — estremecendo disse  
O mancebo : seus ramos incantados  
Observa : sêcco o myrtho, verde o louro...  
Oh vista! — esmoreceu. Sem voz, sem ânimo,  
Entre a morte e a existencia suspendido  
Desfallece, cahiu. — Sophá ditoso,  
Que outros desmaios ha tam pouco viste,

Thalamo de prazer, de dor és hoje.

III.

Branca era longe; triste e solitaria  
Pelos vergeis sosinha passeiava,  
E pelo mais umbroso da espessura  
Suas mágoas entre as flores escondia.  
Do escurecer de sol, do trovão subito  
Aterrada a fugir aos paços vinha,  
Vinha esconder as delicadas faces,  
Que o susto descorou, no seio amado.  
O coração batia-lhe no peito;  
O respirar violento e apressado  
A suffocava. Uma lembrança acode:  
— « Noite de san' João é ésta noite! »  
Noite de san' João! — E a prophecia  
Da fada lhe soou no íntimo d'alma,  
Como o funebre som descompassado  
De sino, ao longe, que por mortos dobra

## XIII.

Noite de san' João!— Ja , mais de meio  
Seu gyro o sol correu. Prazo terrivel ,  
Quam perto estás ! Affroixa o passo, teme  
De o ver, de lhe fallar, de recordar-lhe  
Os p'rigos d'essa noite que avizinha.  
Mas que perigos são? Não disse a fada  
Que emquanto o ramo florecer da murta ,  
Seguro é seu amor, sua ventura?  
Animo cobra , novo alento, e voa  
Nas azas da esperança ao doce amado.

## XIV.

Triste ! mal sabes que fatal desejo  
No coração entrou d'esse que adoras !  
Mal sabes , infeliz, que agouros negros  
Esse ramo de esp'rança te hão murchado.  
— Suas penas c'os sentidos recobrára  
O mancebo real , chegar a sente ,  
E á pressa os ramos escondeu no peito ;  
O semblante compõe, serena os olhos ,

E da illudida virgem ao encontro  
Vem com tranquillo, socegado gesto.

## XV.

Estreitou-os amor em doce abraço :  
Doce direi? — As lagrymas soffria  
A linda infante ; — elle os tormentos todos  
Do inferno padecia.

BRANCA.

« Ó doce amado,  
Ésta noite ! »

ABEN-AFAN.

« Ésta noite !... »

BRANCA.

« Tu receias !  
O quê? oh , não ! não m'o encubras ; falla.  
Communiquemos nossas mútuas penas,  
Nossos temores. »

ABEN-AFAN.

« Pois tu temes, Branca? »

BRANCA.

« Ai! d'ésta fatal noite não recordas



O que nos disse a fada? »

ABEN-AFAN.

« Mas promessas

Tam seguras nos fez ! »

BRANCA.

« Se os teus desejos

O sêcco ramo.... »

ABEN-AFAN.

« Branca !...—oh ! não profiras

A sentença fatal. »

BRANCA.

« De quê? »

ABEN-AFAN.

« Perguntas?

Queres sabê-lo? — Misera.... não queiras. »

BRANCA.

« Ramos fataes ! — Não ousou perguntar-te

Se... — Mas tu, doce amor, não desejaste?... »

ABEN-AFAN.

« Eu? desejei — desejo so a morte. »

No chão os olhos d'ambos se cravaram ;

E, de todos os males do universo,

Incerteza, o mais cru, co'as azas fuscas  
Lh' esvoaça dentro dos afflictos peitos.  
Quanto o extremo prazer ou dor extrema  
É maior que a expressão! Silencio, a funebre  
Eloquencia da mágoa — com teu sêllo  
Os descorados labios lhe cerraste.  
—Em tanto o dia se perdeu nas trevas;  
E a receada noite, dobra a dobra,  
Estende sôbre a terra o veo de lucto:

## XVI.

Dizei-me, ó fadas que inspirais meu canto,  
Espiritos das lobregas cavernas,  
Que á meia noite volteais d'emtôrno  
Dos tumulos co'as azas membranosas,  
Dizei-mo vós; com que fataes palavras,  
Per que terriveis ritos se prepara  
No arraial portuguez o formidavel  
Incanto em que empenhou suas artes todas  
O sabio Gil, d'alta sciencia mestre.

## XVII.

São horas dez ; e clara e doce a lua  
Vai pelo azul do ceo, como de gôsto,  
Desafiando as cantigas e fogueiras,  
Com que tua noite festejar é d'uso,  
Milagroso João, aos teus devotos.  
Mas a rôgo de Gil, de ordem de Afonso,  
Arautos prohibiram pelo campo  
Folias e cantares, qualquer mostra  
De regosijo, quando em tanto empenho  
Da christandade contra infieis — so preece  
E rogações deviam de fazer-se.  
Isto o arauto pregou : e ao regio mando,  
Mas que não satisfeito, ob'dece o campo.

## XVIII.

Manso, frei Gil na tenda real entrava,  
E a Afonso diz : — « A hora se approxima ;  
Vão eonsummar-se os horridos mysterios  
Que hão-de volver-te a filha, e entregar-te  
Nas mãos seu roubador e teu imigo.

N'êsta redoma ja sem ferro havidas  
Tres gottas levo de seu proprio sangue.  
Com bebida incantada adormecida  
Oriana foi per mim ; do esquerdo braço  
Com um vitreo cutello infeitiçado  
Lh' as extrahi per magicas palavras.  
Vela em que o assalto, no momento proprio  
Em que a lua no ceo subitamente  
Per esconjuros meus ha de esconder-se ,  
N'esse instante se dê : não arreceies ,  
Vai certo da victoria ; a mesma hora  
Que vir Sylves em mãos de Portuguezes ,  
Verá Branca liberta , e Aben punido. »  
Sahiu ; e Afonso, que a seus cabos todos  
Ordens ja deu e dividiu batalhas ,  
E prestes fez para o assalto as tropas ,  
Armado e prompto o prazo dado aguarda.

## XIX.

Cêrca dos muros da torreada Sylves ,  
E á falda d'um outeiro, curto valle  
Se estende : *Val de morte* lhe chamaram

Em tempo antigo ; ahi per essas eras  
Os seus mortos os mouros sepultavam.  
Porêm o aspecto placido e sereno,  
Qual convem aos que somno eterno dormem,  
Nem medonho, nem lugubre parece ;  
Triste sim, melancholico ; mas doce  
É a melancholia que hi respira.  
No fim do valle broncas penedias,  
Como acaso das mãos da natureza  
Esquecidas alli, umas sôbre outras  
Em massa irregular se encastellavam.  
Fenda ha na terra, estreita, entre os penedos,  
Per onde uns degraus toscos, porêm d'arte  
Feitos, á profundez descem da terra.  
Longa caverna ahi jaz, dos reis do Algarve  
Antiga, respeitada sepultura.

## XX.

Negro manto cubrindo, e abordoado  
Em nodoso cajado atravessava  
Frei Gil o Val de morte ; á boca chega  
Da sepulcral caverna, o manto poisa,

Tira da manga mão de infante, morto  
Antes que em fontes baptismaes lavasse  
A mancha original, — ao dia septimo  
Desenterrado á lua, e então cortada  
Essa mão, que é a esquerda : ignotas vozes  
Murmurou baixo o frade ; e a resequida  
Mão se accendeu de si, luz baça e opaça,  
Propria a feitiços dando. Co' ella desce  
Á escura estancia. — Longo, mas estreito,  
O subterraneo vasto se estendia ;  
A um lado e outro pela rocha viva  
Os tumulos cavados se enfileiram.

## XXI.

Co'a infeitiçada luz dia somprio  
N'essa estancia de morte se diffunde.  
Ao cabo do carneiro, sôbre a lousa  
D'um sepulcro pousando a tocha aziaga  
Éstas palavras diz : « Morto que dormes !  
Lousa que o cobres ! Cinza que repoisas !  
Ossos que vos myrrais ! — Com ésta gotta  
De sangue que desparzo, recobrae-vos,

E á minha voz se desencerre a campa, »  
Da redoma que traz, um golpe verte,  
E com ronco estridor os ossos rangem  
Dentro da campa. — Já segunda entorna,  
E a lousa se ergue. — A terceira esparze,  
E de dentro da campa um secco braço  
Surde como buscando, sôbre a borda  
Do atahude, apoio para alçar-se.  
A carcomida mão firmando a custo,  
Se eleva em pé esqueleto descarnado,  
Mal cuberto de andrajos lacerados  
Do sudario que, ha seculos, por último  
Vestido, trouxe á estancia dos finados.

## XXII.

## SPECTRO.

« Que pertendes de mim? Porque vieste  
De meu eterno somno despertar-me?  
Peza-te a paz dos mortos, homem vivo,  
Não tens assás de guerra e de disturbio  
La sôbre essa inquieta superficie  
Da terra que inda habitas? — Acabadas

Entre os meus e o christãos pelejas foram ;  
 Ou já meu sangue o sceptro dos Algarves  
 Conquistados per mim , perdeu covarde ? »

FR. GIL.

« Sobeja-lhe uma hora de reinado  
 Á tua geração : mas da fadada  
 Ampulheta dos seculos o extremo  
 Bago d'areia cai ; a derradeira  
 Hora chegou do imperio de teus filhos. »

SPECTRO.

« E isso vens annunciar-me ? »

FR. GIL.

« Isso. »

SPECTRO.

« Com honra  
 Minha progenie aeabará aomenos ? »

FR. GIL.

« De ti depende : ou perecer com glória  
 Deve hoje o derradeiro rei do Algarve ;  
 Ou longa vida em ocio vergonhoso  
 E criminaes deleites lhe é fadada. »



SPECTRO.

« Pereça. »

FR. GIL.

« Alto podêr em prisões doces

O prende e guarda : incanto que o defende

So a ti não empece : da ignominia

Se desejas salvá-lo, vem e segue-me.

Griphe alado acharás no Val de morte ;

Sôbre elle montarás : voa-lo deixa.

No atrio pousará d'uns bellos paços.

Bate á porta tres vezes quatro : o resto

La saberas. »

SPECTRO.

« Irei. — Porém, se a lua

Clara é no ceo, não posso ; não consente

Sombra de mortos o clarão da lua. »

FR. GIL.

« Parte : cubrir-lhe-hei com esconjuros

A face, e a esconderei. »

A lento passo

O esqueleto caminha ; andando, os ossos

Se lhe deslocam, e medonhos rangem.

Adiante o frade vai, e á boca apenas  
Chega da cova, com fataes palavras  
Imprecá á lua que sua bella face  
Envolva em negro veo, nem interrompa  
Com a alva luz, das trevas os mysterios.

## XXIII.

No ceo se apaga o luminar da noite,  
Trevas a face do universo cobrem;  
E os ares negros negro fende o hyppogrifho  
C'o finaço guerreiro. Emtanto aos muros  
De Sylves mansamente se aproximam  
As escadas, as gravidas balistas,  
Catapultas que amorte ao longe atiram;  
E as movediças tórres lentas rodam.  
Cada um dos chefes o seu lanço toma  
Do muro; e divididas as batalhas,  
A um signal dado o ataque se começa.

## XXVI.

Ja sôbre o alto do muro os mais affeitos  
Subindo chegam; ja bradar: « Sanctiago! »

Ia Afonso mandar : vela de mouros  
Os descobre, e gritou : « Alarma, alarma! »  
Os sitiados , que despertos sempre  
Prestes estão , á defensão acodem.  
Trava a peleja ; lanças se aremeçam ,  
Ardentes alcanzias , duros cantos ;  
Nuvens de settas pelo escuro á toa  
Silvam pelo ar : do alto despenhados  
Das escadas uns cahem , semque aos outros  
O ânimo de subir lhes acovarde.  
Dobra co'as trevas o terror ; augmenta  
Com a grita confusa a sanha , a furia  
D'um lado e outro ; e longo permanece  
Entre tanto valor dubia a victoria.

## XXV.

Lindos paços que tanta formosura ,  
Tanto lustre encerrais , tanto amor vistes ,  
E de tanto prazer theatro fostes ,  
Paços da maga Alida , a vós me volvo.  
Velas tu , bella infante , — e tu , formoso  
Mouro, velas tambem , ou brando somno

Em repouso fallaz vos tem sopitos  
Para cru despertar? — Tristes ! não dormem.  
Um c'ò outro abraçados, a terrivel  
Hora fatal da meianoite aguardam.  
— « Tanto não poderão » Branca dizia ;  
Ê os soluços palavras lhe cortavam :  
« Tanto não poderão que dos meus braços  
Te separem. A morte embora... »

— Bate

Dura pancada n'esse instante á porta  
Do paço, e vezes doze se repete  
O mesmo rudo som lento e pausado.  
— « Ai ! » gritou a donzella, e embalde aperta  
O seu amor n'esses formosos braços  
Em vão ! — a hora fatal soou : quebrou-se  
O incanto. N'um momento os lindos paços  
Desapparecem. Sos na ingreme roca  
De calvo outeiro ficam. Abraçar-se  
Inda c'ò amante a misera se esforça :  
Sêcca mão d'um espectro arrasta e leva  
Com invencivel fôrça o mauro joven ;  
Em alado corcel com elle foge ;

Ja nos ares se perdem..... —

Branca, oh ! Branca ,  
Baldado é teu chamar, baldado o choras ;  
Nunca mais o verás : leva-t'o.... a morte.

## XXVI.

UMA VOZ.

« Teu execrando amor os ceos puniram  
Segue-me : o Deus , que desleal trahiste ,  
Vem appacar com dura penitencia ,  
Vem abjurar tua paixão nefanda ;  
Vem , — ou n'este momento has pronunciado  
Sobre tua cabeça criminosa  
Condemnação eterna. »

BRANCA.

« Mis'ricordia ,  
Seuhor meu Deus ! — maior castigo ainda  
A meu peccado tens ? maior do que este ?  
Deus de piedade ! — separar-me... »

VOZ.

« Cega !

Emmudece , blasphema. »

— Da mão trava

À donzella infeliz mão ruda e aspera.  
Semimorta da dor, n'um quasi espasmo  
Que a vida lhe parou, languida a frente  
Lhe descai, como ao lirio delicado,  
Que ardor do sol pendeu. Leva-a nos braços  
Frei Gil (d'elle era a voz que lhe fallava),  
E per seus incantados poderios  
Veloz caminha, e mais veloz que o vento,  
Per atalhos ja d'outrem não sabidos,  
Per devezas, per bosques, per silvados  
Illeso passa; e quando mor se ateia  
O furor do combate e assalto, chega  
Ante os muros de Sylves. Despontava  
A arraiada no extremo do oriente;  
E a luz que nasce de mostrar começa  
Os estragos da noite. Mor se augmenta  
Co'a vista horrivel, da peleja a furia.  
Emtanto Gil co'a infante á régia tenda  
Invisivel entrava; — e sôbre os muros  
Da forte Sylves o pendão das Quinas  
O intrepido Nuno ovante arvora.

## XXVII.

Aqui, aqui, ó nobres cavalleiros!  
Aqui de Portugal! vêde: o estandarte  
Lusitano cahiu; precipitado  
Das altas tórres sôbre os corpos rôlla  
Exsangues dos que ardidos o hastearam.  
Aqui de Portugal, aqui! salvae-a  
A lusitana glória, que vacilla.  
O mouro exulta e freme co'a esperança  
Recemnada de sangue e de victoria.  
Quem lh'a inspirou? que subita barreira  
Ao valor dos christãos se poz d'avante?  
Fogem, vozes de cabos não escutam:  
A fugir Portuguezes! — Fogem, tremem.  
Quem é esse inimigo formidavel  
Que tanto póde? Um so campeão. Armado  
De enferrujadas armas, que parecem  
Sôbre a campa em tropheo haver jazido  
De morto cavalleiro, — é elle: o escudo  
Sua devisa tem; de myrto e louro  
Dous ramos são, — Aben-Afan, que á porta

D'Azoia investe; qual ferido tigre,  
As bathalhas dos Lusos rompe, acossa,  
Affugenta, dispersa. Morre o ousado  
Que as costas não voltou: « Fugi, que é elle! »  
Se ouve grito geral: « Fugi, que é elle! »

## XXVIII.

Do alto dos muros o infiel responde  
Com gritos de victoria aos sons covardes,  
E a seu rei, que lha traz, ledos saúdam.  
Porta de Azoia, que sahir o viste  
Quando levou consigo esp'rança e glória  
Do vacillante imperio, — abre-te agora,  
Abre-te a recebê-lo. — É tarde, é tarde;  
Os seus dias e os teus estão contados,  
Senhorio de Agar, em nossas terras.  
A porta abriu-se, mas em vão; ja diante  
De Aben, o mestre de Sanctiago em riste  
A lança tem. — « Defende-te (lhe brada)  
Rei do Algarve, defende-te: a vergonha  
Do nome portuguez lavo em teu sangue. »



## XXIX.

Justaram lanças ; lanças se quebraram.  
Espadas nuas ,—e as espadas cruzam.  
Golpe é mortal cadaum ; broqueis aparam  
Os duros botes c'os espontões duros.  
Nunca taes campeões juntou a guerra  
Em próva singular de brio e fôrça.  
Cessa o assalto : na muralha os mouros ,  
Na esplanada os christãos as armas poisam ;  
E nos dous cavalleiros se concentra  
O combate geral. Mas ja das cotas  
Roxeia o sangue , ja desmantelados  
Braceletes desprendem , ja partido  
Do mestre o escudo c'um tremendó golpe  
Do joven rei cahiu. Brioso arroja  
O mouro o seu ; lealdade lhe não soffre  
Cam armas desiguaes peleja ignobil.  
Sem defensão á espada fica o peito ,  
Fica a frente : os cavalloos mal supportam  
A fadiga , as feridas ; pé em terra  
Poem : de novo as espadas fogo e sangue

Ferem , redobram ; mas o alfange quebra  
Ao musulmano rei ; — não quebra o ânimo ;  
A seu competidor de arteiro salto  
Corre , nos braços o travou membrudos ;  
E enlaçados os dous , de corpo a corpo ,  
De peito a peito , infatigaveis luctam.

## XXX.

Fôras , sorte , imparcial — nenhum vencêra ;  
Neutros permaneci , fados da terra ,  
Nenhum succumbirá. Mas os destinos  
Nas balanças fatidicas pesaram  
A sorte das nações ; e o mahometano  
Imperio pende. — Aben-Afan succumbe ,  
Cai : embalde o inimigo generoso :  
— « Cavalleiro (lhe diz ) tua vida é minha :  
Não queira o ceo que a tal campeão a tire. »  
Em vão ! nos olhos tremulos vacilla  
A derradeira luz , nas faces pallidas  
Ja mais sangue não ha que o das feridas.  
So morto cede ; vivo se não rende  
Quem jamais de estacada ou raso campo

Sem victoria sahiu. — « É morto, é morto »  
Clamam christãos, e ás portas se arrojaram.  
De subito pavor cortado o mouro,  
Sem resistir, ao jugo off'rece o collo.  
De novo as Quinas nos torreões tremolam,  
E no Algarve d'áquem Afonso impera.

## XXXI.

Nas ameias da tórre pendurada  
Foi a cabeça do traidor Soeiro.  
Em vão por elle supplicou Oriana ;  
Elrei não cede : atroz, horrendo é o crime ;  
Pune-o de morte a lei ; e á lei não ousa  
Para tal delinquente o rei magnanimo  
Justo rigor embrandecer piedoso.

## XXXII.

Ás torturas da dor resiste a vida  
Da linda Branca ; mas razão lhe foge.  
Por Aben clama, por Aben suspira,  
De remorsos e amor ja ri, ja chora,  
E c'os olhos no ceo, a alma na terra,

Ora implora perdões , blasphema outr'ora.  
— A Holgas a levam : Oriana a segue ,  
Oriana , que deixar um triste mundo  
Onde tudo perdeu , ao ceo votára.  
Unica a vista d'ella a dor acalma  
A afflicta Branca : seu formoso gesto  
Muda , quêda contempla horas inteiras ,  
E uma por uma nas feições lhe colhe  
O parecer d'aquelle que inda adora.  
Mas ah ! consôlo misero e mesquinho !  
Pouco e pouco se esvai o doce ingano ;  
E a verdade fatal volve mais crua.

## XXXIII.

Flor da existencia desfolhou-se n'hástea :  
Ramos que amarellecem vão cahindo ;  
Vejeta o tronco ainda : — mas é vida  
Esse viver que se alimenta em lagrymas?

---

# NOTAS.

---

## AO CANTO PRIMEIRO.

PAGINA 1.

Aureos numes d'Ascreu.

Hesiodo de Ascrea, a cuja Theogonia (ou geração dos deuses) aqui se allude.

PAGINA 2.

Da minha conversão, sincera é ella...

Deve intender-se este verso e os dous subsequentes no verdadeiro sentido : a tenção do auctor foi impugnar as ficções gentilicas, além de absurdas, insossas para nós. E todavia não é propriamente *maravilhoso christão* o de que se serviu n'este poema : julga elle a religião muito sublime cousa para se fazer entrar em poemas, cujo assumpto não seja ella mesma, ou um de seus dogmas, como no Paraizo de Milton, no poema didatico de Racine. N'esta composição, seguiu-se visivelmente o exemplo de Wielland no Oberon ; todo o seu maravilhoso é tirado das fabulas populares, crenças e preconceitos nacionaes.

PAGINA 4.

A real Branca, de Lorrvão senhora.

D. Nunes de Leão chama á infante D. Branca *senhora* de Lorrvão e *abbadeça* de Holgas : não descubro eu a razão d'êsta distincção ; mas conservo-a porque não era tal historiador como Duarte Nunes para a fazer sem motivo.

PAGINA 4.

O castelhano rei...

D. Afonso de Castella e Leão, imperador eleito que veio a ser d'Allemanha, cuja filha era D. Beatriz, mulher de D. Afonso de Portugal o III. e mãe d'elrei D. Diniz, de D. Branca, e outros infantes. D'essa filha D. Beatriz foi elle tam amante, que por seu respeito cedeu ao genro os direitos que reputava ter ao reino do Algarve, direitos que por de boa lei tinha, já em razão da dominação antiga, já porque de novamente o ia conquistando a ordem de Sanctiago, cujo mestre, ainda que portuguez (e portuguezes quasi todos os cavalleiros que andaran na conquista) eram todavia elle e sua ordem vassallos de Castella. Por amor d'êsta mesma filha quitou depois D. Afonso ao de Portugal a obrigação das cinquenta lanças que com a investidura do Algarve lhe impozera, Veja D. Nunes. Chron. de D. Afonso III.

PAGINA 5.

Vassallos estes são que as ferteis varzeas

## De Burgos teem.

O convento ou abbadia de Holgas está situado nas deleitosas varzeas de Burgos; e grande espaço em derredor eram vassallos d'elle os povos que as habitavam. Ainda hoje teem elles grande dependencia do mosteiro; e a abbadeça (me disse um biscainho cuja tia o fôra) usa de mythra como abbade: ésta singularidade motivou o verso acima:

A mais subido,

Mais alto grau na hierarchia.....

PAGINA 5.

## Salvos conductos do valente Afonso...

Diziam-se salvos-conductos os que davam reis e senhores feudaes a quem, receioso de passar por suas terras, lh'os pedia para segurança de sua pessoa, porque o não atacassem, ou lhe não defendessem a passagem. D'elles ha exemplos na historia dados a reis per outros reis, como foi o que a D. Pedro o cru de Castella deu elrei D. Pedro I. de Portugal.

PAGINA 6.

## Com ricos pannos d'ouro..,

Chamavam pannos d'ouro a certo tecido feito com palhetas de ouro, ao qual, supponho, se dá hoje o nome de *lhama* de ouro ou prata, a segundo é o metal de que são as palhetas.

« O corpo de dona Inez de Castro vinha em huas andas, cubertas de hum panno de auro. »

diz D. Nunes, fallando da trasladação de D. Iñez.

PAGINA 6.

Que nem o agudo Busembau sonhára ,  
Nem o larraga lhe mettêra o dente.

É evidente o anachronismo; mas além de não ser na bôca dos actores, não pude resistir á tentação de fallar em dous tamanhos casuistas. O Larraga foi oraculo dos nossos padres moralistas, e a obra prima da sabedoria humana em a sciencia dos costumes, e direcção das consciencias. Assim no-lo pregavam jesuitas. Já se ve que ironicamente é dicto aqui: os bons ecclesiasticos hoje são os primeiros que taes livros desprezam.

PAGINA 6.

Mestre Gil Vaz que em Padua fez prodigios.

Aos physicos e doutores medicos chamavam então em Portugal *mestres*, ou *messeres* á italiana. E não so aos doutores em medicina, porém aos outros tambem, como é de ver, nos escriptos d'esse t'empo ou que d'elle nos contam. Em Padua era a mais famosa universidade para physicos, assim como em Bolonha para juristas e theologos. A de Coimbra não veio a fundar-se, senão em o reinado seguinte.

PAGINA 9.

De monges negros...

Os monges distinguiam-se ao princípio, ou per aquellas eras na Europa, pelas côres de sua cogulla:



Bernardos ou de Cister os *brancos*, bentos os *negros*. São vulgares, não so as rivalidades d'éstas ordens entre si, mas as chufas, dicterios e apodos com que se motejavam uns aos outros sôbre negros e brancos, per equivocos e joguetes que d'éstas palavras formavam. Em Inglaterra ha ainda hoje sitios, especialmente em Londres, denominados de *black*, e *white friars*: nem era so popular este appellido, que assim lhe chamam estatutos e canones antigos.

E não sei por que fado, sendo em toda a parte os monges negros dados ás sciencias, respeitados e dignos de o ser, os pobres Bernardos vieram em Portugal a ser o objecto da mofa geral, que seguramente se não dirige a seu sagrado instituto, mas á crassa ignorancia que por abuso d'esse instituto entre elles reina.

## PAGINA 11.

O que lhes falta, o quê? — Falta a tremenda.

Este verso não carecia de nota, quanto a mim, porque não suppunha que houvesse em Portugal quem ignore o uso venerando (por antigo) dos monges de san' Bernardo, uso conhecido pelo nome de *tremenda*. Advertiram-me porém que assim não era, porque em Lisboa, por exemplo, muita gente o não sabia, como o sabemos nós provincianos, que mais de perto lidamos com aquelles padres, e lhes sabemos das... virtudes.

A certa hora da noute, depois de ceados, rezados, deitados, adormecidos, e roncados os reverendos

padres, vão pelos dormitórios, leigos, donatos, co-ristas, ou moços, que tanto não sei eu, com uma enorme marmita, ou outra que tal vazilha, cheia de gordas grossas e pingues postas de cevado toucinho cozidas e adubadas com seu môlho de vinagre, e nao sei que mais ingredientes; e batendo ás portas das cellas, acordam aquelles penitentes varões para tam frugal repasto, que suas reverendissimas mui devotamente, e por sancta obbediencia devoram. A isto de chama *tremenda*; porquê e com que etymologia não pude ainda descobrir; mais o facto asseveram ser tam real como a existencia dos cachaços dos reverendos padres. Talvez d'aqui venha aquelle sabido anechim, que ás pessoas de juizo *bernardo* se applica:

Tens muito toucinho nos cascos.

PÁGINA 11.

E em caso de mais polpa um bom milagre.

Nao interprete algum mal-intencionado que o auctor quizesse de maneira nenhuma atacar a pia crença da Igreja. Mas certo, que ha milagres de milagres, que tem havido impostores que abusaram da boa fe pública. Com esses é a ironia d'este e dos versos subseqüentes.

PÁGINA 16.

Como atahude egypcio que entre os brindes...

Não commento este verso para explicar a allusão

historica tam sabida de toda a gente, mas para dizer que a comparação nao é minha : li-a, porém aonde não me posso lembrar.

## PAGINA 16.

Insoluel theorema a sabios, se ergue  
A obra dos Pharaós.

Porque digo theorema, e não problema como geralmente se diria, conhecem os que sabem a diferente natureza e significação das duas cousas e palavras.

Quanto a *insoluel*, auctorizar-me-hei com as observaç es modernas de um viajante inglez, que apezar de não ser tam conhecido e fallado como Volney, Chateaubriand, e outros viageiros orientaes, em muitas cousas observou mais reflectido, e intendeu melhor que elles. Eisaqui o que elle diz sôbre as célebres pyramides de Egypto :

« Com imperfeitos conhecimentos da antiquidade, e auxilio de arbitrarias analogias vãos esforços se tem feito para romper a obscuridade que envolve a origem d'estes monumentos: as tentativas dos sabios modernos, depois de observaç es longas e assiduas, antes tem multiplicado do que ajudado a arredar as difficuldades. O fim de taes construc es porventura não foi jamais nem completa, nem geralmente conhecido. Cartas sobre a Palest. Egypto, etc., Por J. T. R. — *Cart.* 25.

É notavel porêem que , depois de tal confissão , o auctor nos appresenta a sua opinião como a *unica segura*.

PAGINA 18.

Que por velas de mouros o tomára.

Velas na linguagem d'aquelle tempo , quer dizer vigias , sentinellas. Vejam-se os classicos *passim* , e especialmente D. Nunes na chronica delrei D. Afonso Henriques , pag. 108, ediç. de Lisboa de 1774; ahi :

« E quando veo ao quarto da alva , tempo em que entenderão que as *velas* estavam mais somnolentas. »

*Rolda*, ou *sobrerolda*, que alguns teem polo mesmo, é todavia differente. Rolda é a sentinella , ou vela que vigia sôbre outras velas; como hoje ha official do dia que visita de noute as guardas para ver se tudo vai em ordem. Outro logar do mesmo D. Nunes, e logo na pag. seguinte , 109, authentica ésta distincção : « Nisto a *rolda*, que andava pelo muro querendo as *velas* , chegou perhi , e lhes fallou. »

PAGINA 18.

Bem travado co' elles

Anda o mestre Dom Paio.

D. Paio Correa , portuguez de nascimento , e mestre de Sanctiago em Castella , que com seus commendadores e cavalleiros tomou aos mouros os mais dos logares do Algarve , e depois se fez vassallo d'elrei de Portugal , a quem entregou todo o ganhado

por motivo da cessão de D. Afonso de Castella. Foi homem de singular valor e nomeada prudencia.

## PAGINA 19.

Como as sette

Aureas tórres no escudo lusitano...

Como ao singelo titulo...

As sette tórres do escudo portuguez são pelos Algarves, e *aureas* porque são amarellas, que em-blazoneria é o mesmo que aureas, ou de ouro. As quaes tórres são em campo *vermelho*; e a razão d'isto refere o citado chronista, foi *por es logares que erão tomados aos mouros, e por os que sperava tomar com spargimento do sangue delles*. Quanto ao número de sette, é elle mais moderno: véem-se em pinturas antigas, doze e mais castellos nos escudos portuguezes. Li-o algures, mas não me recordo de que rei nosso fixou o número de sette, para o quê não teve razão particular, senão motivo de regularidade para o futuro.

Os primeiros nossos reis intitulavam-se somente com a singela saudação de Ourique, em Lamégo confirmada, de reis de Portugal, ou dos Portuguezes, que tambem ha documentos e scripturas antigas, em que vem d'esta última fórma. Depois da tomada do Algarve, accrescentaram — *e do Algarve* — no singular. O plural — *dos Algarves*, com — *d'aquem*, e *d'além mar em Africa* — so o tomaram depois de

haver estendido a conquista á outra parte do mar na Barbaria. Com effeito antigamente houvera este reino dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa unidos em um so imperio , e era mui grande estado , que da parte da Europa começava na cidade de Almeria , reino de Granada; e da parte de Africa, desde a boca do estreito corria até Tremecem, em que entra o reino de Fez, e as cidades de Ceuta e Tangere; ao que antigamente chamavam reino de Benamarim.

« Algarve *Algarb* é a parte occidental, ou Poente. Assim chamam os mouros á antiga Turdetania. Não pude descobrir onde Duarte Nunes de Leão, Bluteau e outros auctores acharam a etymologia que dão a este nome, dizendo que Algarve na lingua arabica significa *terra plana, cham e fertil*, quando todos os auctores arabes, até o mesmo vulgo o toma pela parte occidental.

*Algarb que nos corruptamente chamamos Algarve.* Barros, dec. 1, p. 1. » — Vestigios da ling. arab. em Portugal, per Fr. João de Sousa. Lisboa, 1789.

PAGINA 20.

E a hora a costumada

De suas rezas maldictas.

O escurecer; hora, em que se illuminam os *minarettes* ou *grympas* das mesquitas, e sobem a elles os *Imans* a chamar para a oração da tarde.

## PAGINA 20.

## A pergunta costumada

De — « Por quem , cavalleiro? »

Era o — *qui vive?* — d'então. Ao passar per pontes, logares fortes, etc., ás entradas das terras e castellos, se fazia esta pergunta, que as continuas guerras e disputas feudaes faziam necessaria. Cavalleiros, ou gentes d'armas, quando em qualquer parte se encontravam, mutuamente a faziam; e muitas vezes as respostas eram á viva lançada, e amiudo acabou o interrogatorio com morte do preguntador, ou do outro, ou de ambos.

## PAGINA 25.

## Hymno exemplar e sancto,

Extrahido do cantico dos canticos.

Voltaire, que foi tammanho impio como todos sabem, tentou mostrar que o sublime *cantico dos canticos* era um poema lascivo oriental, e não inspirada canção do rei sabio: paraphraseou-o a seu modo para este fim, e com tal arte diabolica o fez, que parece que tem razão, a quem so em Voltaire o ler. O cantico dos canticos é um sublime trecho de inspirada poesia, mas que não é para de todos ser lido e entendido.

## AO CANTO SEGUNDO.

PAGINA 31.

A ventura, o prazer d'um nó separa.

Tudo quanto aqui se diz arrespeito dos votos religiosos não é sôlta generalidade, nem invectiva contra os sanctos asylos que para o infortunio, para a virtude, para a fraqueza humana abre-o claustro e principalmente a um sexo que per si é destituído da fôrça, da energia que as difficuldades da vida precisam. Mas ninguem pôde negar que terriveis, funestos, desastrosos abusos teem solapado éstas instituições. É geralmente demaziado tenra e inexperta a idade da profissão: e muitos varões de grade doutrina e religião contra esse êrro fatal teem clamado: êrro que priva o estado de tanta boa mãe, de tanta esposa excellente, e atulha o claustro de tanta má religiosa.

A estes abusos, e so a elles se refere o que no poema é dicto.

PAGINA 33.

Largas postas do nitido cevado.

Assim chamam na minha provincia ao porco engordado em casa, e na *cortinha*, ou *eido*, como diz a nossa gente.

PAGINA 37.

Basta, padre, á ordem.

Conheço o anachronismo da expressão; mas des-



culpem-me, porque ha certas cousas e palavras, que pela muita vontade que me fazem de rir, não posso impedi-las que se me não venham encaixar onde quer que ha caso para rir.

## PAGINA 39.

E em manta enorme atassalhando um naco.

Manta, é de toucinho, e atassalhar, de qualquer carne. São vulgares expressões; mas para exprimir ideias vulgares, como se hade fazer sem ellas, ou sem cahir em Gongorismos e Elmanismos? — Não disse Virgilio: *Pars in frusta secant*?

## PAGINA 40:

Digna de ti, ó Wan—derneer mimoso.

Pintor célebre da eschola flamenga, cujos caracteres são á simpleza e naturalidade (porventura demaziada as vezes.) O fundo dos quadros flamengos é quasi sempre negro, ou muito escuro: a isso alludem os versos mais abaixo.

Pinta-me o escuro

Fundo dos quadros teus.

## PAGINA 48.

Tremendô Allá soou pelas abobedas.

Voz ou grito de accometter e de guerra dos mahometanos. Em arabe é — *Alla acbar* — *Deus é todo poderoso.*

## PAGINA 51.

Donde vieram ao reclamo tredo  
Do vingativo pae pola offendida  
Honra da loura virgem.

Allusão á entrada dos mouros nas Hespanhas, per ajuda e chamamento do conde Julião, que para vingar a honra de sua filha, infamada per elrei D. Rodrigo, foi traidor á patria. Sir Walter Scott nas notas á — « Visão de D. Rodrigo » — parece dar algum pêso ás dúvidas de Voltaire (hist. gen.) sôbre a authenticidade d'este facto, e talvez porque Gibbon lhes dera tambem valia. Certo é porê m que uma tradição tam geral e constante não é para ser destruida com simples dúvidas, mas que sejam de grandes auctores,

## PAGINA 57.

Tal em cheiroso banho aspide amigo  
Voluptuoso suicida.

O que se conta de Cleopatra, a este respeito, era frequente uso dos orientaes, até na morte voluptuosos, — ou *deliciosos*, que é expressão do nosso Lucena.

---

## AO CANTO TERCEIRO.

## PAGINA 61.

E vós , fermosas mouras incantadas,  
Na noute de san' João aopé da fonte  
Aureas tranças.....

É crença popular entre nós que na noute de san' João todos os incantamentos se quebram : as mouras incantadas , que ordinariamente andam em figura de cobras , tomam n'essa noute sua bella e natural presença , e vão pôr-se aopé das fontes , ou á borda dos regatos a pentear os seus *cabellos de ouro*. Os thesouros sumidos no fundo dos poços véem á tona d'agua , e mil outras maravilhas succedem em tam milagrosa noute.

## PAGINA 62.

Ja indo, ás duzias, em casquinha d'ovo.

Ainda hoje é superstição commum nas aldeias o quebrarem as cascas dos ovos depois de comidos, por temor, dizem e crem , que d'elles se não sirvam as bruxas para ir á India , ou a outras partes longes onde costumam de ir embarcadas em taes navios, chupar sangue de meninos por baptisar, ou fazer alguma outra maldade de seu officio. Todavia é mister que se recolham cedo, e antes do cantar do gallo—preto que são os mais certos có'a meianoute — porque a essa hora acaba-se-lhes o incanto e podêr : assim

muitas teem morrido affogadas per esses máres de Christo. A isso allude o verso mais abaixo :

E ai ! se o gallo cantou , que á meia noute  
Incantos quebram , e o podêr lh' acaba.

PAGINA 62.

Não gósto de Irminsulfs , nem de Theutates.

São os deuses dos Druidas. Os poemas de Macpherson, que tantos annos correram mundo com o nome de Ossian, foram de tanta moda aqui ha tempos, que os phantasmas scandinavios, caledonios, e todos as outras invenções e mythologia runica andavam na baila per versos e versinhos de toda a gente. Cesarotti, o erudito e profundo Cesarotti quasi que dá preferencia ao imaginario bardo ecossez sôbre o proprio Homero; e elle, que ambos os traduziu, certo que os tinha estudado. Buonaparte, cuja imaginação gigantesca se apprazia em tudo o que era d'este genero, foi grande prezador de Ossian, e e o preferia a todos os poetas: n'esse tempo em França a torrente dos trovadores ia com o vento imperial. O elegante Lebrun, unico lyrico que tenho conhecido francez, de geito (digam o que quirezem de Malherbe, e Rousseau) em uma gallante odesinha graciosamente combate, e mette a ridiculo ésta preferencia.

Quanto a mim, tenho que as artes filhas da natureza devem andar a par d'ella, e com ella. Essas phantasmagorias druidicas são bellas, são magnificas nas montanhas e despenhadeiros da alta Escocia, nos gelos e neves das terras polares; mas nos nos-

sos dulcissimos, e risonhos climas não podem ter mais valor do que a impressão extraordinaria do primeiro momento; e repito que essas bellezas glaciaes.

« Do sol do meio dia aos raios vividos  
Parvos! -- se lhes derretem; a brancura  
Perdem co' a nitidez, e se convertem  
De lucidos christaes, em agua chilra. »

## PAGINA 62.

O saxeo promontorio, que de Sagres  
Tem hoje nome.

Para explicação de tudo o que vai dicto até o fim da estancia IX, copiarei aqui um tracto de uma mui breve, porém mui bem escripta descripção d'êsta parte do Algarve, cujo auctor supponho ser um doutor Silva, medico e homem de muito saber e gôsto, de quem possuo alguns preciosos mss.

« Entrando na praça de Sagres dous contrarios effeitos se observam; per uma parte admira-se um quasi isthmo composto de um enorme rochedo, onde tudo são bancos de *saxum*, ora horisontaes, ora obliquos, ora verticaes, cuja revolução assás mostra a existencia de vulcões, testemunhada com os dous grandes hyatos que la se encontram; per outra ve-se com espanto o que fôra theatro das observações astronomicas de nosso famosissimo infante D. Henrique reduzido a ruínas, que á exceição das baterias, mais inculcam uma praça abandonada, que guarnecida: quanto mais se reflecte que d'este pôrto sahiram as

expedições, que abriram o primeiro caminho á descuberta das nossas colonias, cuja epocha faz figurar tam gloriosamente a nação portugueza no mundo, e que este mesmo pôrto é demandado como asylo de todos os navios que atravessam os nossos máres, tanto mais se magôa todo o bom portuguez: porque se não accredita a origem de tanta honra que d'alli resultou á nossa patria, envergonhando-se de que o estrangeiro esperando achar um padrão distincto de tam heroicos feitos, não encontra senão uma face cadaverica de fortaleza, sem viveres, sem cultura nas terras adjacentes, d'onde possa fornecer ás suas embarcações os generos de que necessitam: tanta é a penuria e despopulação d'aquellas pobres terras!....

« Na distancia de mil passos andantes do nordeste da praça fica uma pequena lagoa.... As plantas que crescem dentro daquelle recinto são a mor parte de *fragaria*, alguns ranunculos aquaticos, alguns juncos, e poucos almeir es, azedas, e grama.... alecrim, rosmarinho, tojos, e carqueja.... »

PAGINA 71.

Onde o pródigo insecto auxiliando  
Trabalhos d'arte, e fôrças da natura,  
A sacarina flor no botão pira.

O insecto que se gera ou desinvolve no figo de certa especie de figueiras, e que tomando corpo, fura o figo onde nasceu, e vai picar os das outras. Plantam para este fim os Algarvios aquella casta de

figueiras entre as mais, porque o figo assim piado incha, augmenta de volume e melhora de sabor. Digo *sacarina flor*, porque é sabida decisão de botanicos não ser o figo fructo, senão flor, ou antes involucro de flores.

PAGINA 72.

E o grave da saxonica rudeza.

A architectura saxonica differencia-se da gothica pelo massudo e grosseiro de suas fórmas. As arcadas gothicas são ligeiras e aguçadas, as saxonicas redondas, pesadas e achatadas. Não so em Inglaterra, e Alemanha, como alguem crê, mas em Portugal, e per todas as Hespanhas ha monumentos de ambas ellas.

Não lhe descobriria o proprio Volney...

Nem tu famoso Jones....

Volney nas viagens do Egypto, e sir W. Jones *Essays on eastern poetry and on the imitative arts*, (Lond. 1777.) são, quanto a mim, os mais intelligentes antiquarios, que de cousas orientaes escreveram. Não sei se me ingano, mas tenho por mais profundo o inglez.

PAGINA 75.

Os leões de incanto

Os olhos, quando dormem, arregalam.

Em todos os contos de fadas e castellos incanta-

dos se deparará com ésta circumstância arrespeito de leões, dragos, serpentes, etc.

## PAGINA 77.

Ja em Cacella, preço offerecido  
Por Estombar, e Alvor.

D. Paio, mestre de Sanctiago, e os seus commendadores e freires tinham tomado aos mouros do Algarve os logares de Alvor e Estombar; e estes lhes offereceram por ellas a praça de Cacella, que apezar de mais consideravel, ficava proxima a Tavira, praça forte e mui defensavel dos mouros. D. Paio acceitou, e d'ahi com mais fôrça continuou e acabou a conquista. veja-se D. N. do Leão Chr. de D. Afonso III.

## PAGINA 78.

Abre-te, porta,  
Porta d'Azoia.

Célebre porta de Sylves, da qual faz menção o citado D. Nunes no mesmo logar.

## PAGINA 81.

Mais fragrantés que o oleo precioso  
Das rosas do Thibet.

Este oleo, que se vende carissimo, é celebrado per todo o oriente, e ja hoje o luxo europeu o fez conhecido entre nós. Um dos primeiros poetas d'és-



tas eras, e agora (depois da morte de Byron) o primeiro dos hoje viventes, o suavissimo Anacreonte do norte, Thomaz Moore eternizou na sua Lala Rook a memoria de tal oleo.

---

## AO CANTO QUARTO.

PAGINA 90.

Falso o meu Deus; e o teu é verdadeiro?

Note-se que falla um infiel dirigido pela falsa luz das suppostas verdades naturaes, e sem a guia da revelação. Assim na estancia seguinte, a VI., se diz:

Os theologos sabem mil respostas....

PAGINA 95.

Flexivel, curta vara tem na dextra.

A célebre varinha de *condão*, ou *divinatoria*, insignia e instrumento de fadas, incantadores, etc.

PAGINA 105.

Sois vós outros,  
Portuguezes, imigos do descanso,  
E delicias da paz.

São expressões de um rei, ou régulo da India, em carta, ou falla a um de nossos capitães per

aquellas partes, nos bons tempos da glória da nossa gente. — Hoje.....

PAGINA 107.

Embriagando-se em sangue de parentes,  
De amigos....

Superstição muito geral no oriente que veio a prevalecer depois para o septentrião da Europa. O nome de *Vampyro* é hoje célebre pela historia de Lord Byron, ou de quemquer que é seu auctor.

PAGINA 109.

Como a espada de fogo, que fulmina  
Nas mãos do guardador do Eden defeso.

Os mahometanos citam, e dam crédito a grande parte dos livros do Testamento Velho, e fallam de Moisés, Abraham, etc. com a mesma veneração que judeus, e christãos.

PAGINA 115.

O burel do santão.

Nome que dão os musulmanos a certos loucos, ou fanaticos, que por devoção se dilaceram. Catam-lhes grande respeito; e não é de admirar que um mahometano como Aben-Afan confundisse os seus miseraveis *santoës* com os nossos sanctos ermitães.

## PAGINA 116.

Christo e Mahomet foram prophetas  
Mas Deus é o mesmo Deus.

Tal é a impia fe e misero credo dos mahometanos. Dizem elles em sua cegueira, que não sendo completa a missão de J. Ch. porque o mundo, que Deus lhe mandára reformar, ficára peor do que estava, mandára Deus a Mahomet, que emfim acabára a obra começada por J. Ch.

## PAGINA 120.

O propheta, se a vira nesse instante,  
Emmendára o Koran.

Todos sabem que Mafoma no seu Koran, ou Alkoran negou a entrada do paraizo ás mulheres, e apenas concede por especial mercê ás mais virtuosas, obedientes, e amantes de seus maridos, que de longe estejam vendo a glória de seus antigos esposos.

---

**AO CANTO QUINTO.**

## PAGINA 123.

Pelas librés da infamia e de injustiça.

Convimos todos os Portuguezes que muitos, ao menos algumas d'éstas venerandas insignias andam deshonoradas sôbre peitos d'ellas indignos, ou porque taes se tornaram depois de as obter, ou porque

surprehenderam a religião do gran' mestre. Toda a generalidade é inexacta : intenda-se d'aquelles a quem a carapuça servir.

PAGINA 133.

Como estrellas namoradas.

Allusão ás harmonias das espheras de Pythagoras, cujo antôjo ás favas é bem conhecido.

PAGINA 144.

Seccos troncos  
De figueiras que ahi jazem , encastellam.

Historico. Veja Chr. de D. N.

---

### AO CANTO SEXTO.

PAGINA 160.

Bordada a cruz azul , insignia antiga  
Do reino...

Primeiras armas de Portugal e do conde D. Henrique, mudadas depois da gloriosa batalha de Ourique, mas conservadas em bandeiras e outras cousas muito tempo depois.

PAGINA 161.

N'este seu reino  
Investi-lo do Algarve.....

Historico. V. todas as chron.

## PAGINA 165.

Se o vira alguém, forte milagre fôra.

A igreja reconhece os milagres; e a crença dos fieis se deve conformar com ésta : mas não se segue d'ahi que não haja sôbre este ponto muita superstição entre o vulgo, e sôbre tudo n'aquelles seculos ignorantes. Além de quê a bem entendida piedade nos deve fazer aguardar a decisão da igreja antes de prestarmos fe; pois em verdade muitos falsos milagres tem havido, que para serem taes foi mister que ninguem os visse : com o que se dá gôsto e triumpho a hereges e inimigos de nossa religião.

## PAGINA 176.

Quando ramo de peste em talha de ouro.

Allusões a várias crenças populares sôbre a noute e madrugada de S. João. É com effeito real que a noute de S. João, a festejam os mahometanos da mesma sorte que nós com fogueiras, danças, etc. Modernos viajantes testemunham do Egypto e outras partes do oriente que não é conto de velhas o que celebra aquella tam sabida cantiga :

Té os mouros na mourama  
Festejam a san' João. —

V. Dupuis. O. des C.

Meu incubo podèr.

Veja-se a respeito de *incubos* e *sucubos*, S. Clemente Alexandrino, Tertuliano e Lactancio, padres da igreja que todos accreditaram n'este podèr dos demonios. Veja-se tambem as notas do P. Pereira ao VI. cap. do Genesis, e á I. epistola, XI, 10, Cor. de S. Paulo : dous logares da biblia, que deram origem, por mal entendidos, áquella imaginação pouco decente.

---

### AO CANTO SEPTIMO.

Antes que a inquisição queimasse as bruxas.

Em testemunho da sanctissima verdade se deve dizer que as mesmas atrocidades e fanaticas persiguiçes da ignorancia commettidas nas duas peninsulas pela inquisição, taes e tammanhas se cometeram nos outros paizes, onde a não havia. A Saint Barthelemy, a Dragonade, e as horriveis crueldades do reinado da *bloody Mary* não succederam para áquem dos Pyreneus, nem para além dos Alpes, onde querem atirar com tudo quanto é d'este genero. E em que seculo foi a *Dragonade*!

Ordens ja deu, e dividiu batalhas.

Chamavam os nossos antigos *batalhas* ao que na

tecnologia da nova tactica militar se chama *columnas*. Por algum resto da antiga derivação subsiste ainda hoje talvez a palavra *batalhões*, que todavia não é exactamente o mesmo. As *columnas* ou divisões d'um corpo d'exército chama tambem *azes*, talvez do latino *ala*, Damião de Goes Ch. de D. Man. Batalhas era o mais geral.

## PAGINA 209.

Ahi per essas eras

Os seus mortos os mouros sepultavam.

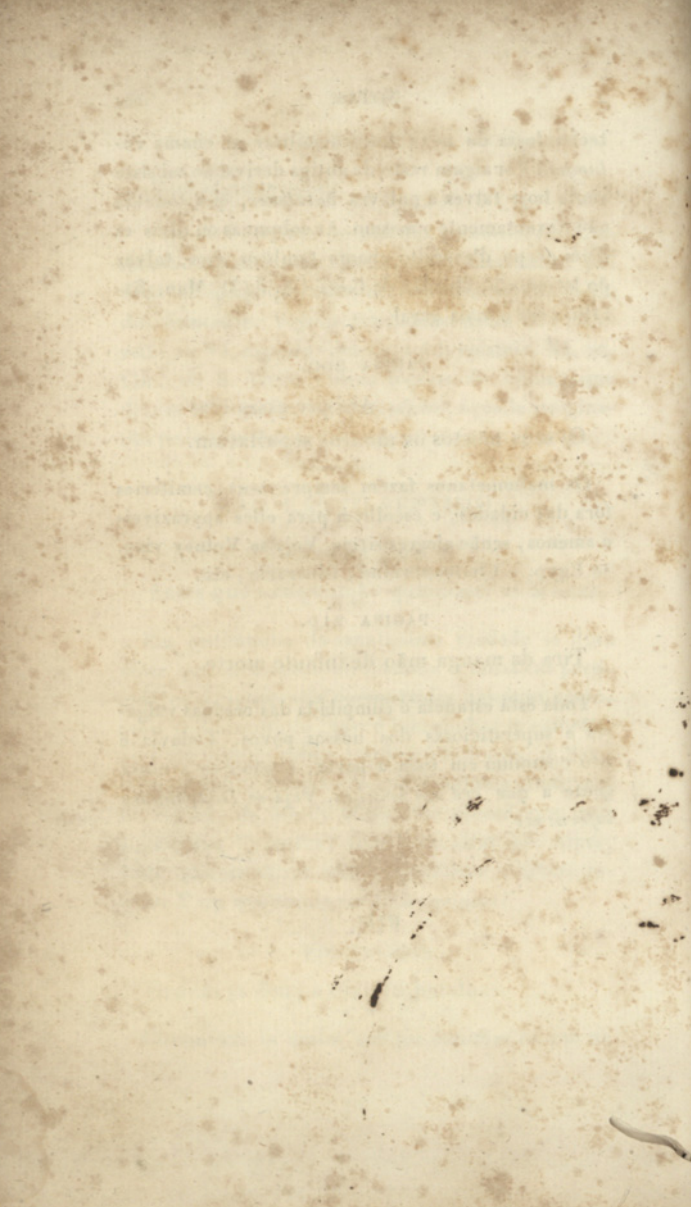
Os mahometanos fazem sempre seus cemiterios fóra das cidades, e escolhem para elles appraziveis e amenos, senão alegres sitios. Veja-se Volney viag. ao Egyp. — Chateaubriand, itinerario, etc.

## PAGINA 210.

Tira da manga mão de infante morto.

Toda ésta estancia é compilada das crenças vulgares e supersticiosas dos nossos povos. Todavia é isto commum em toda a parte, e não é so a nossa gente a que *crê em bruchas*. Veja-se *Dictionnaire infern. etc.*

FIM.





37  
38

